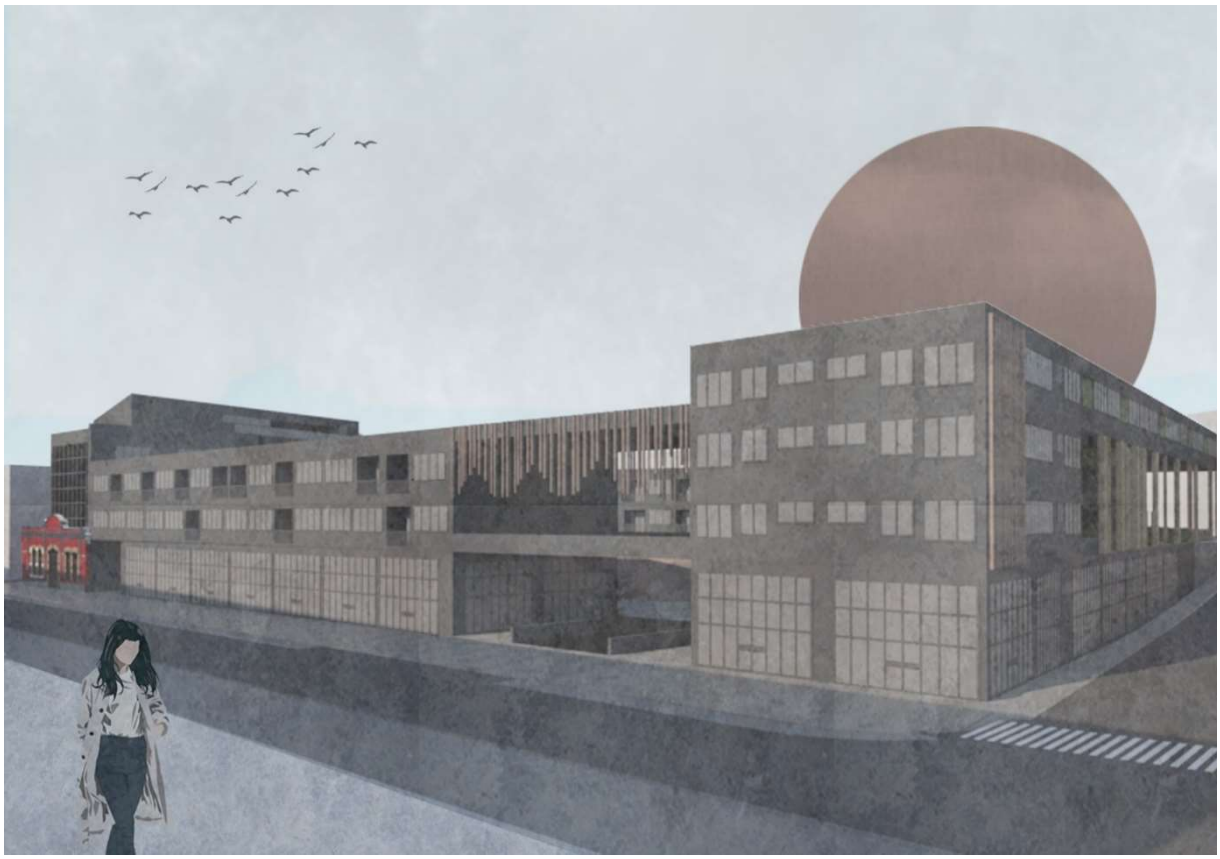
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

Lisboa, FA Ulisboa
Outubro, 2019

Marcella Henriques da Silva

Universidade de Lisboa



Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

Marcella Henriques da Silva
(Licenciada)

Projeto provisório elaborado
para a obtenção do Grau de Mestre de Arquitetura

Orientação científica:
Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Lisboa, FA Ulisboa
Dezembro, 2019

TITULO:
Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

SUBTÍTULO:
Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

NOME:
Marcella Henriques da Silva

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA:
Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Projeto para a obtenção do Grau de Mestre de Arquitetura

Lisboa, Outubro de 2019

* Este trabalho foi escrito em Português do Brasil

RESUMO:

A desindustrialização em Lisboa - em particular da Freguesia de Alcântara - e as suas consequências urbanísticas, arquitetónicas e sociais foram o que desencadearam este Trabalho Final de Mestrado. O encerramento e, consequentemente, o abandono das fábricas e galpões existentes outrora proporcionou uma degradação que hoje em dia materializa-se em *vazios urbanos*, ruínas. Com o passar do tempo, alguns destes espaços passaram a ser grandes condomínios fechados de luxo que, por fim, ocasionaram uma grande recomposição social. A gentrificação sucedeu-se e teve como consequência a perda de identidade, o desaparecimento do sentido de pertencimento do lugar pelos moradores e a falta de sociabilidade no bairro.

Num vazio urbano, em Alcântara, este trabalho materializa-se num edifício híbrido projetado de forma que as demandas da sociedade atual de Alcântara sejam atendidas. Com zelo em manter o equilíbrio entre o passado e o presente, este projeto consegue estar no limiar entre o tradicional e o novo. Conquista uma linguagem de caráter ímpar entre o reabilitar de uma fachada industrial existente - que outrora foi a característica da zona - e os métodos de construção, volumetria e materiais contemporâneos.

O projeto é um edifício híbrido que consegue correlacionar o comércio local, o mercado empresarial, o setor hoteleiro e o comercial, sem, contudo, deixar de ter habitação e espaços públicos. Um edifício híbrido a refletir a globalização e a mistura das ânsias do entorno. Um edifício híbrido a abraçar uma fachada tradicional industrial.

PALAVRAS-CHAVE:

Vazio urbano| Reabilitação identitária| Edifício híbrido| Arquitetura industrial|

TITLE:
Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

SUBTITLE:
Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

NAME:
Marcella Henriques da Silva

SCIENTIFIC SUPERVISOR:
Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Integrated Master Degree in Architecture

Lisbon, October 2019

ABSTRACT:

The deindustrialization in Lisbon - particularly in the Parish of Alcântara - and it's urban, architectural and social consequences was what triggered this Final master's thesis. The closure and abandonment of the existing factories and sheds once provided a degradation that nowadays materializes by itself in urban voids, ruins and large luxury closed condominiums that finally caused a great social recomposition. Gentrification ensued and resulted in loss of identity by local residents, disappearance of the sense of belonging and lack of sociability in the neighbourhood.

In an urban emptiness, in Alcântara, this project materializes itself in a hybrid building, designed in such a way that the demands of the current society of Alcântara are met. With a zeal to keep the balance between past and present, this project can be on the threshold between traditional and new, conquering a language of unique character between the rehabilitation of an existing industrial facade, that was once the characteristic of the area and the methods of construction, architectural volumetry and contemporary materials.

The project is a hybrid building that is able to correlate local commerce, business market, the hospitality and commercial sector, however, not having housing and public spaces. A hybrid building to reflect the globalization and the mixed demands of the surroundings. A hybrid building embracing a traditional industrial facade.

KEY WORDS:

Urban voids | Rehabilitation of identity | Hybrid building | Industrial Architecture

Marcella Henriques da Silva

Aos meus pais, Maria da Glória e Jorge Eduardo,

por quem devo toda a minha vida.

Marcella Henriques da Silva

AGRADECIMENTOS:

À família em Portugal e no Brasil. À vó Manuela e irmã Bruna, obrigada pelo apoio tão perto mesmo a um oceano de distância. À Maria Fernanda e João Lucas, por me fazerem sentir paz somente com sorrisos.

A Mafalda, por todo o carinho, apoio, compreensão e suporte na formulação deste projeto.

Aos amigos, colegas de faculdade, de trabalho e de profissão. Obrigada pela paciência e empatia durante este processo.

Ao professor Ricardo Silva Pinto, que sempre muito paciente e acessível se fez essencial para a concretização este trabalho. Muito obrigada.

Marcella Henriques da Silva

ÍNDICE:

01 | INTRODUÇÃO_____15

02| VAZIO URBANO

2.1 | A presença do vazio urbano_____21

2.2 | Análise dos Vazios urbanos da zona de Alcântara e sua história_____17

2.3 | Análise do sítio e entorno: Da era industrial até o vazio urbano atual_____26

03 | BUSCA IDENTITÁRIA

3.1 | Conceitos de uma busca identitária_____33

3.2 | Reabilitação identitária na arquitetura /Urbanismo_____35

3.3 | Análise identitária - Demanda da zona_____37

04 | EDIFICIOS HÍBRIDOS

4.1 | O conceito do edifício híbrido_____43

4.2 | Arquitetura híbrida e seu surgimento_____43

4.3 | Público x Privado e suas peculiaridades_____45

05| ESTUDOS DE CASO

5.1 | Conceito: Arquitetura Hoteleira, multifamiliar, cafés e coworking_____48

5.2 | O que são espaços públicos? _____55

5.3| Referências arquitetônicas – materiais, edifício híbrido e volumetria _____58

06| PROGRAMA DE NECESSIDADES

6.1 | Metodologia e Cronograma_____66

6.2 | Programa de necessidades _____70

07 | PROPOSTA _ Edifício Híbrido como busca identitária no vazio urbano de Alcântara:

7.1 | Edifício hibrido – Conceito e Projeto _____75

7.2 | Fachada existente – O projeto e vertente de restauro _____77

7.3 | A proposta do Projeto Hibrido _____83

Pormenores _____105

08| Bibliografia_____106

09| Anexos_____111

Marcella Henriques da Silva

ÍNDICE DE FIGURAS:

Imagem 01 | Capa – perspectiva autoral

Imagem 02 | Planta da cidade de Lisboa com os diferentes melhoramentos introduzidos e projetados [material cartográfico] Lisboa: Lith. Matta, 1888. _____26

Imagem 03 | Implantação e entorno _____28

Imagem 04 | Quadro síntese das características inerentes ao Edifício Híbrido_____44

Imagem 05 | Exemplo de arquitetura de coworking. Sinergia Cowork Palermo, 2014 Arquitetos Emilio Magnone e Marcos Guiponi. _____54

Imagem 06 | Referência materiais – Edifício do Project Orange com diferentes materiais___59

Imagem 07 | Referência edifício híbrido – Projeto acadêmico edifício híbrido_____61

Imagem 08 | Referência volumetria - Massana. Art and Design center_____63

Imagem 09 | Axonometria - usos_____71

Imagem 10 | Fachada original_____76

Imagem 11 | Fachada atualmente _____78

Imagem 12 | Fachada proposta_____81

Imagem 13 | Planta de situação atual com curvas de nível naturais_____84

Imagem 14 | Perfil do corte do terreno com a implantação_____84

Imagem 15 | Planta de situação proposta e entorno_____85

Imagem 16 | Maquete eletrônica do edifício híbrido_____85

Imagem 17 | Maquete eletrônica do edifício híbrido – fachada Av. 24 de Julho_____86

Imagem 18 | Metal preto, ripas de madeira, tijolinho e vegetação_____87

Imagem 19| Maquete eletrônica do Espaço público 1 – Pátio interno _____89

Imagem 20| Maquete eletrônica do Espaço público 02 _____90

Imagem 21| Maquete eletrônica do Espaço público 03 _____91

Imagem 22| Maquete eletrônica do terraço _____93

Imagem 23| Maquete eletrônica da piscina _____94

Imagem 24| Sistema da fachada _____96

Imagem 25| Pormenor fachada ventilada _____96

Imagem 26 e 27 | Sistema Jardim Vertical _____98

Imagem 28 | Sistema parede ajardinada _____99

Imagem 29 | sistema e materiais do telhado verde _____100

Imagem 30| Pormenor terraço _____101

Imagem 31| Pormenor boda infinita da piscina _____102

Imagem 32| Pormenor estrutura metálica e fechamentos em alvenaria _____103

Imagem 33| Pormenor laje de Betão e revestimento de madeira _____104

Imagem 34| Pormenor parede verde – parede revestida de vegetação _____105

Imagem 35| Pormenor terraço verde _____106

ANEXOS:

Anexo I | Imagens do Arquivo municipal Lisboa _____111

Anexo II | Caderno técnico _____117

Anexo III | Painés apresentação _____131

Anexo IV | Maquete física _____141

01| INTRODUÇÃO

01| Introdução

O principal motivo deste Trabalho Final de Mestrado é conseguir projetar uma arquitetura necessária, respeitosa e que reflita o entorno e a sociedade que habita atualmente o sítio. O terreno escolhido para a concretização deste conceito encontra-se na freguesia de Alcântara, Lisboa e tem a dimensão de um quarteirão e contém somente uma fachada industrial historicamente preservada, totalizando-se assim num grande vazio urbano.

O desenrolar da pesquisa deu-se a partir da análise histórica do bairro e toda sua importância industrial para o país no séc. XIX, como a desindustrialização desconfigurou todo o entendimento da dinâmica que era Alcântara e a transformação social que a mesma vivenciou. A ideia de projeto desencadeou-se da análise das grandes construções industriais – fábricas e galpões de depósito - que por não serem mais necessárias transformaram-se ora em grandes vazios urbanos, ora em ruínas. Ao final da segunda década do séc. XXI com a grande explosão imobiliária no país, a busca por estes espaços naturalmente desvalorizados e consequentemente mais baratos, acabaram por os transformar em condomínios fechados ou de luxo, os denominados lofts. A gentrificação fez-se presente em Alcântara. Os novos moradores e toda a transformação na composição social e organização do espaço urbanístico fez com que o bairro perdesse o sentido de identidade e toda a sociabilidade - que era a sua característica mais marcante no bairro.

No presente trabalho, busco algumas respostas quanto a identidade atual do bairro e de que forma uma nova construção num vazio urbano industrial irá influenciar positivamente esta nova sociedade que o habita. Sendo prioridade mantê-lo da essência da freguesia e ainda responder toda a demanda que a sociedade do séc. XXI necessita, seja ela econômica ou social. A materialização deste projeto é manter o equilíbrio entre o passado e o presente; é o projetar para a sociedade que está em transição, que não quer mais rupturas e inovações tão normais na contemporaneidade; é o projetar de um edifício que traga o conforto social que Alcântara precisa.

O projeto inicia-se pela fachada industrial preservada, e desenvolve-se a partir da metodologia de um edifício híbrido, onde se busca uma correlação entre seus usos e um fluxo mais natural entre os espaços públicos e privados. Naturalmente este conceito incorpora-se na implantação, na sua volumetria e nos materiais da fachada. Materiais estes que por sua vez, apesar de contemporâneos, não deixam de conversar com a antiga fachada industrial reabilitada.

02| VAZIOS URBANOS

"É como se houvesse num corpo humano pedaços vazios, pelos quais passam veias, nervos, irrigando sangue por artérias e veias maiores que as necessárias. Seria preciso que tivéssemos um coração – bomba – mais poderoso que o necessário se não existissem os vazios. Então, a primeira missão para se ter cidades sustentáveis é ocupar inteligentemente e coordenadamente os seus vazios" ANASTASSAKIS, 2004[1]

[1] O então presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil

2.1 | A presença dos Vazios urbano

O urbanismo foi o nascer de uma forma diferenciada de olhar para a cidade no final do séc. XIX, início do séc. XX que alinhando-se a uma reforma social – por questões de medicina higienista, sanitária e criminal ambientalista já iniciadas no séc. XVIII - focou-se em estabelecer uma cidade modelo na qual predominasse a ordem. Este olhar inaugura esta forma de pensar que ao invés de solucionar problemas pontuais, observa a cidade e a compreende num todo tentando a solução através de um planeamento global e permanente.

O urbanismo germina, portanto, com o intuito de descobrir através de métodos científicos a ordem que já está implícita nas cidades e que a elas devem ser aplicadas num todo. O ordenamento geralmente estabelecido nas cidades a partir de marcos, tal como igrejas e praças, são o ponto de partida para toda a ordem e cidades ideais que o urbanismo moderno propõe. Esta ordem garante-nos o funcionamento do organismo e estreita a ligação ordem espacial e progresso social/econômico.

A dinâmica nem sempre é conseguida com o êxito suposto e no meio da malha contemporânea há espaços, denominados *vazios urbanos*. Milton Santos[2] afirma que "as cidades, sobretudo as grandes, ocupam, de modo geral, vastas superfícies entremeadas de vazios", espaços definidos desta forma por estarem desconectados do tecido urbano criando falhas à ordem.

Consequentemente os vazios urbanos acabam por ter um baixo valor imobiliário, pouca utilidade social e comunicação com o entorno. Estes podem vir em formato de terrenos baldios, edifícios abandonados e impossibilitados de serem habitados. São espaços que em suma não tem visibilidade nenhuma perante a cidade, espaços não vistos, espaços invisíveis. Frações, terrenos, quarteirões e bairros inteiros que a

[2] SANTOS, M. A urbanização Brasileira, São Paulo: EDUSP, 2005

sociedade não quer ver. São considerados ambientes hostis e tratados como doença quando o assunto é tornar a cidade saudável.

Para estabelecer a ordem, ou a cidade modelo ideal, é preciso então que estes vazios sejam preenchidos e sejam reintegrados a malha urbana da forma mais natural possível – ou seja, preenchendo com a própria urbe. Desta forma, o primeiro passo para se acabar com os vazios de forma inteligente é compreendendo o tecido urbano do entorno, o ambiente construído arquitetônico e, portanto, conseguir construir neste vão da malha algo que socialize com grupos demográficos diversos e de várias classes, não só concedendo-lhes lazer e teto, mas também o direito a arquitetura, urbanismo e espaço construído de qualidade.

Ao longo da história tem ocorrido desta maneira, as remodelações das cidades têm o intuito de estabelecer lugares para as coisas, naturalmente segregando a cidade e aumentando o conflito entre classes. O intuito de promover o preenchimento dos vazios urbanos com um urbanismo e arquitetura de qualidade quebra exatamente este ciclo que existiu até a atualidade.

2.2 | Análise dos Vazios urbanos do entorno de Alcântara e sua história

Apesar do terreno vazio em questão se encontrar fora do limite atual da zona de Alcântara, não faz sentido falar sobre a freguesia da Estrela - no qual ele se encontra de acordo com o PDM de Lisboa – uma vez que o histórico da área nos mostra claramente o pertencimento do terreno à antiga zona industrial que dominou Alcântara no séc. XIX, principalmente pela fachada existente no terreno considerada atualmente um patrimônio industrial.

Os vazios urbanos em Alcântara pós desindustrialização são um grande reflexo da dinâmica de mudanças estrutural e socioeconómica de uma freguesia que já foi uma zona palaciana, industrial e que hoje se encontra no processo de reintegração à malha urbana residencial/comercial do centro de Lisboa. Cheia de individualização e consciência, descrever a zona para quem não a conhece é falar sobre agitação, grande alma e movimento. Em Alcântara tudo mexe, fábricas, ruas e muita, mas muita vida. Há quem diga que é a freguesia que mais se modificou, que mais se reinventou e que profundamente transforma.

Em meados do séc. XVIII Alcântara era marcada por seus palacetes e pelos descampados onde águas límpidas pontuavam na ribeira. Tal era a beleza deste vale, que gradualmente se transformou num local de lazer e recreio tanto para a nobreza Lisboeta quanto para a família Real. Quando o terremoto de 1755 afligiu o país, este era o cenário de Alcântara, uma zona de lazer não dominada pela agitação citadina, que rapidamente se transformou no refúgio de muitas famílias que sofreram com a catástrofe e necessitavam de um local para recomeçar a vida. O afluxo a Alcântara de novas populações vindas de zonas completamente devastadas acelera a transformação deste "bairro dos subúrbios"[3] e simultaneamente com a "revolução industrial", sofre sua primeira mudança substancial.

Esta zona deixa de ser um pequeno "burgo dos arrabaldes", movido por toda uma dinâmica de reconstrução, ocorrendo a transição para um polo de desenvolvimento industrial, função principal que vem a perder De forma gradual no final do séc. XX.

Segundo Frédéric Vidal[4], o período de transformação do bairro deu-se em poucas décadas, e no final dos anos 30 do séc. XX, de essencialmente

[3] (Araújo, Norberto Moreira,1943) Citado em "Marcas de Indústria no ambiente de Alcântara"; Trabalhos coletivos orientados por: Ana Luísa Janeira e Conceição Lobo Antunes; Barca Nova-Editor LivreiroDistribuidor,1983

[4] Michonneau Stéphane, « Frédéric Vidal, Les habitants d'Alcântara. Histoire sociale d'un quartier de Lisbonne du XXesiècle, Villeneuve d'Ascq, Presses universitaires du Septentrion, 2006,489 p.», Revue d'histoire moderne et contemporaine 2/2008 (n° 55-2), p. 206-206

industrial o bairro tornou-se urbano ao mesmo tempo em que integrou-se à metrópole Lisboa em plena expansão. A imensa quantidade de industrias no final do séc. XIX aumentou a população da cidade num todo pela necessidade de mão-de-obra operária, o que provocou uma série de mudanças na composição social. Com isso também vieram uma série de transformações significativas que permanecem até os dias atuais, tal como a melhoria dos transportes públicos (Companhia de Carris de Ferro de Lisboa, fundada em 1876) e linha de caminho e Ferro entre Alcântara-Terra e Sintra numa primeira fase e depois a linha férrea da Sociedade Estoril, entre o Terreiro do Paço e Belém – Algés[5].

Por outro lado, os problemas sociais surgem de forma bem clara. Com o crescimento industrial exacerbado as famílias operárias veem-se forçadas a procurar alojamentos – que não existiam - e acabam por ocupar espaços com condições muito precárias e insalubres. Numa primeira fase, as instalações eram quase como um acampamento nas traseiras dos prédios, em pequenos espaços entre construções e também no interior dos quarteirões envolto a prédios onde residia a burguesia – os denominados Pátios.

A necessidade crescente de mão-de-obra, obriga que naturalmente mais tarde os próprios industriais arranjassem alojamento para os seus operários, fazendo surgir "uma nova modalidade de alojamento". Eram edifícios ou conjuntos expressamente construídos para habitação de famílias operárias, denominadas Vilas Operárias, que caracterizaram Alcântara a partir de 1870, algumas resistindo às mudanças do bairro e existindo até os dias atuais.

[5] Pelas Freguesias de Lisboa: Lisboa Ocidental; Carlos Consiglieri, Filomena Ribeiro, José M Vargas e Marília Abel; Câmara Municipal de Lisboa, pelouro da Educação, 1996

Em meados do séc. XX, com o processo de desindustrialização Alcântara acaba por perder a supremacia como polo industrial, as fabricas aos poucos encerram, umas deslocando-se para o interior e outras encerram-se definitivamente. Quanto aos operários das indústrias, uns ficam desempregados e voltam às suas terras de origem em busca de outra fonte de rendimentos, enquanto outros mantêm seus postos de trabalho e seguem junto com as indústrias para outras zonas. Um bairro que outrora era industrial, transformou-se em um bairro dominado pelo setor terciário que ganha gradualmente uma maior dimensão sem, contudo, absorver a mão-de-obra resultante do processo anterior.

Os vazios urbanos em Alcântara surgem do abandono da indústria, por isto é tão importante perceber todo o histórico da zona industrial para compreender o porquê deste espaço na malha urbana. Por isso, estas construções industriais, tornaram-se espaços que a sociedade deixou de precisar para sua vivência e subsistência quotidiana, tornando-se espaços inúteis que se foram degradando com o tempo e todo seu abandono.

Este reflexo indesejado da sociedade - que são os vazios urbanos - simbolizam o atual não existente de todos os acontecimentos e fases que o bairro atravessou ao longo dos anos. Os vazios urbanos em Alcântara têm, como expressão urbana, uma linguagem entre o universo construído industrial e o universo vazio da desindustrialização tornando-se fundamentais na leitura da freguesia e de toda sua transformação. A gênese destes espaços nos permite compreender as características distintas da zona e ainda o papel que estabelecem na cidade. Esses respiros da malha urbana são basicamente como um papel reciclado, esperando prontamente o seu novo uso e sua reintrodução à cidade.

2.3 | Análise social e física do sítio e entorno: Da era industrial até o vazio urbano atual

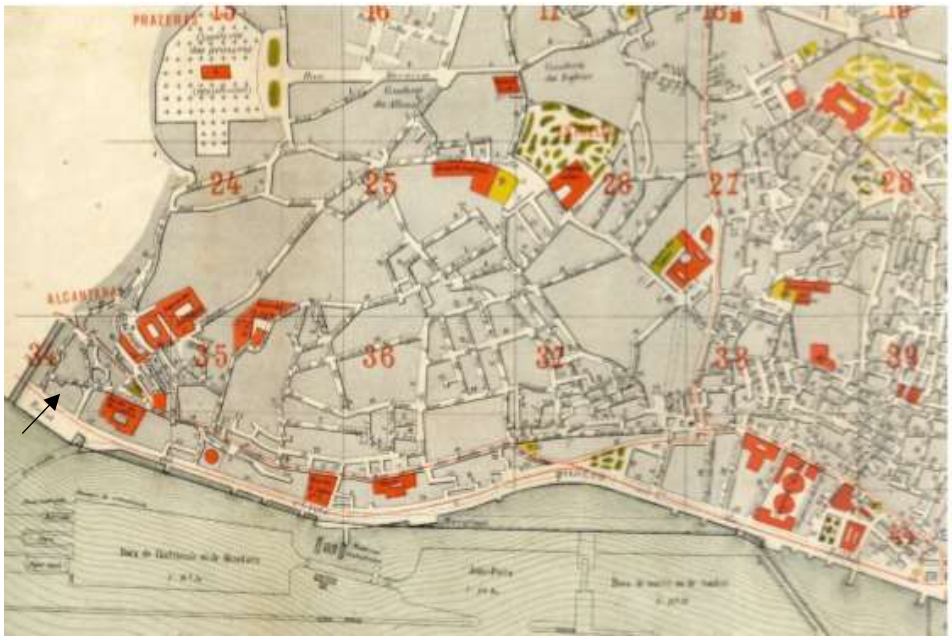


Imagem 02 | Fonte: Planta da cidade de Lisboa com os diferentes melhoramentos introduzidos e projetados [material cartográfico] Lisboa: Lith. Matta, 1888.

Hoje como fruto da desindustrialização, as antigas fábricas deram espaço a terceirização, transformaram-se em complexos habitacionais de luxo, condomínios fechados e unidades hoteleiras de luxo e superluxo. Poucos foram os casos em que a requalificação transformou antigos espaços industriais em espaços públicos e de lazer/cultura. Alterou-se então o edificado urbano e como consequência outros moradores foram acolhidos, com características sociais completamente diferentes para o bairro.

O Cais de Alcântara Norte, onde ainda atracam navios de mercadorias e grandes navios de passageiros, estando hoje mais voltado para o turismo, é uma das áreas menos residenciais do bairro. Conhecidas atualmente por “Docas”, o espaço foi transformado em zonas de restauração e bares e locais de diversão noturna. Infelizmente, tal situação afeta muito a população residente, uma vez que as queixas pelo ruído que existe noite adentro sem nenhum tipo

de regras e respeito. Porém, apesar de já ter sido levada a assembleia de moradores da Freguesia, ainda seguem sem nenhuma resolução.

Hoje o que se pode perceber nesta freguesia que tantas transformações sofreu ao longo dos anos[6] é que paulatinamente perdendo o sentido de bairro e de comunidade outrora existente. Apesar de ter sido marcada pela desigualdade social entre os proletariados e os burgueses na era industrial, esta mesma questão moldava o bairro e refletia na malha urbana, na arquitetura e na dinâmica social estabelecida naquele período, no qual havia interação social entre seus residentes. A pós-industrialização e agora a terceirização trouxe uma segregação social a Alcântara uma vez que atraiu novas pessoas para residir em sua maioria nos condomínios fechados de luxo, que apesar de remeter a existência de espaços comuns - configurando assim um espaço para a sociedade de Alcântara - é uma propriedade privada, acentuando a restrição e o controlo do acesso.

O sentido de bairro, como uma forma urbana ou maneira de viver a cidade, perde-se com o tempo e todo o processo de vizinhança, práticas sociais e culturais identitárias de Alcântara sofrem transformações. Os velhos moradores sentem que já não pertencem ao bairro como antes sentiam pertencer, o comércio local perde para as forças dos novos comerciantes – indianos, chineses, paquistaneses e outros – e a perda de interações e sociabilidade se faz notória.

Mesmo os moradores novos, que residem nos condomínios fechados ou até mesmo os que têm hotéis de luxo na freguesia, reclamam da falta de um espaço de convívio social público. Observa-se uma gentrificação, em menor dimensão que no centro histórico de Lisboa, mas ainda assim significativa. Constata-se um desejo coletivo de querer encontrar uma identidade na Alcântara atual pelos

[6] Pesquisa feita com entrevistas a moradores por Henrique Manuel Fonseca para a dissertação “Representações sociais sobre mudança urbana no bairro de Alcântara”

moradores, uma vez que a freguesia carrega símbolos e referências históricas reconhecidos por moradores e visitantes, mas não da atual Alcântara. Atualmente procuram então o sentido do lugar deste bairro e a ligações dos indivíduos com o mesmo.

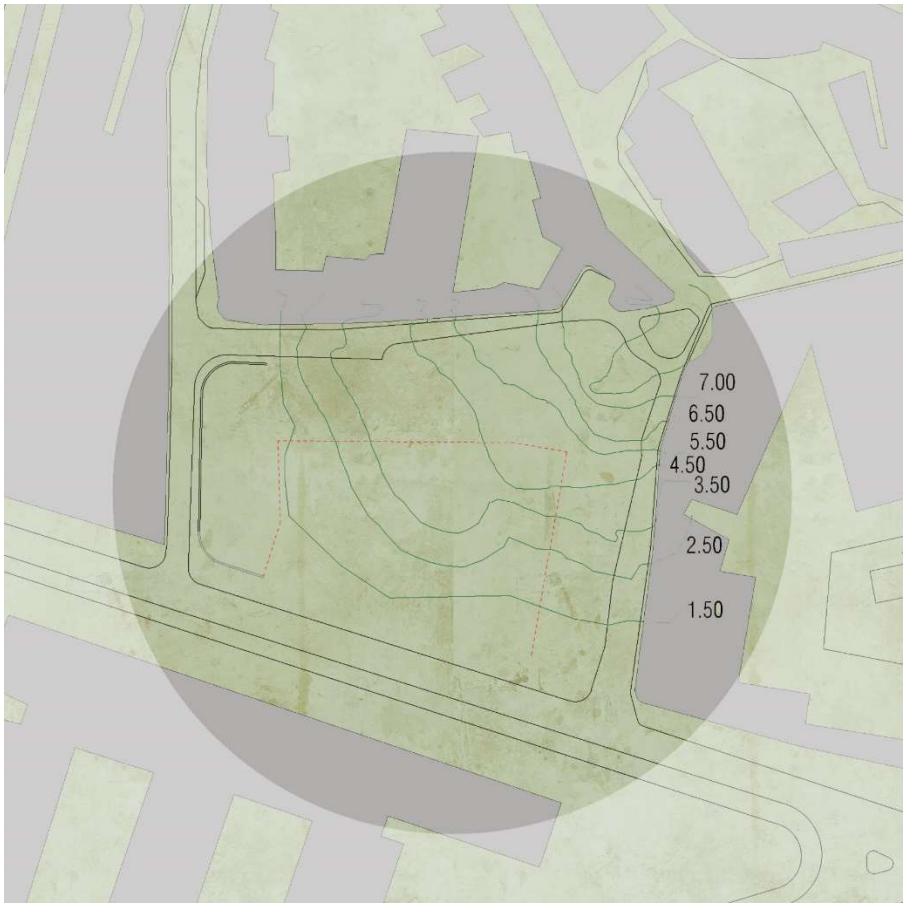


Imagem 03 | Implantação e entorno

O terreno em questão, encontra-se às margens de uma das principais ruas da freguesia, que além de ser significativa para os moradores, é um local de passagens para as zonas mais suburbanas de Lisboa. Na Av. Vinte e Quatro de Julho transitam elétricos, carros e autocarros, que passam vindo de Lisboa pelas "Docs" e convergem no Calvário como se estivessem a seguir as margens do Rio Tejo. As outras duas ruas do entorno são mais locais, basicamente residenciais, Rua do Arco de Alcântara e Travessa Baluarte, que por sua vez trazem peculiaridades de um tempo que outrora foi Alcântara. Há edifícios reformadas e bem conservadas na Rua do Arco de Alcântara, e há

pequenas casas que provavelmente não durarão muito mais aos efeitos do tempo na Travessa Baluarte. A Rua Vieira da Silva por sua vez é formada por residências e comércio local quando se adentra no bairro, mas à margem da Rua principal detém de uma construção que outrora funcionou um Bingo.

Atualmente o sitio encontra-se vazio, exatamente um vazio urbano, somente com relva e a fachada industrial que envolve o terreno de um dos lados, sendo esta uma arquitetura histórica do início do séc. XX as margens da rua Vieira da Silva. O terreno irregular dispõe de um desnível máximo de 7 metros e um formato que foi ganhando vida através do tempo.

O primeiro vestígio de construção/alteração neste local foi em 1894 quando foi pedido na Câmara de Lisboa uma autorização para alterações no Armazém de importados de madeira Melo & Castro que na época estava em nome de José Lino.[7] Este armazém estava situado na esquina da Av. 24 de julho e a Travessa Baluarte, atualmente sem indícios físicos de sua existência. Em 1904, no outro lado do terreno, foi construído por Manuel Maria de Souza o seu armazém que, por seu cuidado com a fachada de linguagem industrial, hoje permanece no terreno como marca daquele tempo.

Na câmara de Lisboa, durante mais ou menos um século, há evidências de pequenas modificações neste terreno nestas duas construções, tal como reformulação da fachada, construção de pequenos espaços internos e reformas para melhorias dos armazéns. Estes registos aparecem nos anos de 1924, 1942, 1948..., todavia, somente desde 2001 o terreno está como se encontra atualmente, somente com a fachada industrial, com relva e seu desnível irregular natural. É possível chegar à conclusão que a vida deste terreno se deu particularmente com a explosão industrial em

[7] Anexo 01

Alcântara no final do séc. XIX e juntamente com a desindustrialização, a essência deste espaço perdeu-se no final do séc. XX. Hoje o sítio é um espaço vazio à espera de fazer parte de novo deste bairro tão único que é Alcântara.

03 | BUSCA IDENTITÁRIA:

"… é essencial ter sempre presente que o património não é um objecto morto, não é um momento passado é um momento de todos os tempos: é algo de vivo, que continua a interagir"…[8]

[8] in "Sermão ao Meu Sucessor", Fernando Marcarenhas, Marquês de Fronteira. Mascarenhas, Fernando – Sermão ao meu Sucessor. Publicações Dom Quixote, 1ªEdição. Lisboa, Nov. 2003

3.1 | Conceitos de uma busca identitária

i·den·ti·da·de

(latim identitas, -atis)

substantivo feminino

1. Qualidade de idêntico.

2. Paridade absoluta.

3. Circunstância de um indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja.

4. Circunstância de um cadáver ser o de determinada pessoa.

5. [Álgebra] Equação cujos dois membros são identicamente os mesmos.

identidade de .gênero

• Sentimento íntimo que alguém tem sobre o género a que pertence; o género com o qual alguém se identifica.[9]

A palavra *identidade* atualmente é comumente empregada para se referir aos aspectos culturais, tradição ou costume de um determinado grupo de pessoas. A identidade de um grupo é quem de facto eles são, são os seus hábitos e quem exalam ser. É um conjunto de fatores que explicam o porquê de aquele grupo ser diferente dos demais, tal como vestimentas e expressões linguísticas. Num contexto social, esta expressão é utilizada para justificar a valorização de toda a diferença cultural existente num grupo e suas diferenças comportamentais.

Este termo utilizado dentro de fora do mundo acadêmico, tem sido cada vez mais usual principalmente quando é necessário fazer um estudo sobre determinada tribo ou um local, para que seja possível compreender por completo quem são estas pessoas e como pensam.

Ao contrário do que se pensa, perceber plenamente a identidade de um grupo ou bairro é muito mais complexo do que parece, pois muitas vezes esta situação acaba por ser reduzida a uma análise

[9] "identidade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, https://dicionario.priberam.org/identidade [consultado em 28-04-2019

descritível, fixa e muito estável se comparada com a realidade e a verdade de um grupo social. A busca e os processos identitários no geral têm caráter bivalente, dinâmico, fluido e inacabado.

Para compreender no geral a identidade do que quer que seja, é necessário entender toda esta dinâmica a partir de experiências sociais que permitem entrar num todo na situação. E uma vez dentro desta dinâmica social, a experiência vivida externamente permite compreender as nuances, pormenores e a essência do grupo. Partindo deste princípio, a busca identitária é a procura da sensação de pertencimento, ou seja, pela sensação de que se pertence ao local, ao grupo social e à maneira de pensar dos que estão à sua volta. É sentir a sensação de acolhimento e a sensação de identificação.

Quando um bairro sofre gentrificação, como é o caso de muitas zonas em Lisboa na contemporaneidade, perde-se esta sensação de pertencimento, perdem-se marcos – cafés locais, pontos de encontros públicos -, ritmos e convivência que outrora fez os moradores se sentirem parte do bairro. O sentido do local perde-se, e os residentes já não se sentem mais abraçados pela zona de residência. Os vizinhos não têm mais rostos, ninguém se conhece mais –transforma-se em uma vizinhança silenciosa -, não têm mais falas e não há mais uma identificação com o grupo, é como se fossem estrangeiros dentro do seu próprio bairro.

Neste caso, a *busca identitária* se faz necessária para a reformulação de uma identidade. Identidade esta que será construída a partir da interação dos mesmos e não segregação dos espaços. Certas vezes com um cunho político, se faz necessário espaços públicos de lazer e convívio para que esta sensação volte aos residentes da zona, e assim lentamente, é possível reestabelecer uma nova identidade correlacionando o que ela já foi – o seu histórico e o que ela de fato é.

3.2 | Reabilitação identitária na Arquitetura / Urbanismo

A reabilitação dos edifícios resulta do conhecimento dos valores patrimoniais e a vontade que se tem de perpetuar na memória e na cidade no geral marcos que contribuem para que o hoje seja hoje. É compreender por sua vez a necessidade de manter construções que fazem parte da história, que moldam e criam a identidade da cidade. Reabilitar é não apagar o passado e todo o caminho traçado até os dias de hoje.

Reabilitação é a forma pela qual se procede à integração de edifícios no ambiente físico da sociedade atual, "(…) através da renovação e adaptação da sua estrutura interna às necessidades da vida contemporânea, preservando ao mesmo tempo, cuidadosamente, os elementos de interesse cultural"[10]. Com a globalização, os estilos arquitetônicos, ideologias, métodos construtivos e necessidades dos usos têm-se modificado corriqueiramente. A conservação destes conjuntos edificados é uma intensa aprendizagem pela constante adaptação de novas realidades, resultado da profunda transformação da sociedade, que cada vez mais tem que adaptar-se às novas tecnologias, as novas exigências e anseios.[11]

Ao longo dos séculos as cidades foram crescendo sabiamente agarradas às morfologias locais, adaptando-se às condições naturais existentes na altura. Os diferentes tecidos urbanos surgem por isso com uma identidade própria, cresceram acompanhando o desenvolvimento social e económico, proporcionando leituras e relações de identidade fortes com o lugar. A construção foi-se fazendo com os materiais, meios e

[10] Ministros do Conselho da Europa, a Resolução - LNEC e INH - Guia Técnico de Reabilitação Habitacional. Lisboa, 2006.
[11] Idem

segundo lógicas próprias à época e ao lugar. Ao longo de séculos as cidades foram-se consolidando e integrando alterações sociais, tecnológicas, construtivas e estilos. Por estas razões as cidades tornaram-se "testemunhos físicos da cultura do passado" e que é de imenso interesse preservar.[12]

A identificação de sua tipologia através de levantamentos arquitetônicos e estruturais, permite caracterizar a construção e a identificação dos elementos que podem ser substituídos, reforçados e acautelados impedindo o progresso da sua degradação. Esta analise verifica o estado de degradação do edifício e o conhecimento profundo potencializa o aproveitamento das suas características intrínsecas, assegurando a preservação de importantes elementos de valor cultural e arquitetônico para as gerações futuras.

Assim sendo, a reabilitação identitária é uma forma de conseguir através da reabilitação de edifícios e de reformulações urbanas - ou espaços públicos-, conseguir manter a essência do que aquele espaço outrora foi sem deixar de evoluir junto com a sociedade atual. Ou seja, para quem reside ou está imerso na situação é importante continuar aquele passado que faz parte da história do bairro e dos moradores, para que os mesmos não percam a sensação de pertencimento e o sentido do lugar que já têm. Ao mesmo tempo que, por outro lado, é imprescindível que a reabilitação traga em seu fundamento também marcas da contemporaneidade e que seja um reflexo da sociedade atual.

De forma equilibrada, a reabilitação indenitária busca a coexistência do passado, do atual edificado, do uso daquele espaço

[12] Aguiar, José – Projecto de Conservação: Da Importância do Método à Oportunidade das Surpresas. Projectar para Conservar, Como Intervir no Edificado. Lisboa: ISCTE, 2004

com as necessidades atuais do entorno de forma a conseguir transportar o lastro da história para o momento presente.

3.3 | Análise identitária - Demanda da zona

Em uma breve análise de Alcântara, foram identificadas algumas situações que são características atualmente na zona e outras que são resquícios do passado industrial que outrora a marcou. Ao andar pela zona é possível identificar a perda da identidade que tinha na era industrial e toda a questão social, revolucionária e o pertencimento do lugar que os moradores tinham ao vivenciar a freguesia.

Os antigas pátios e vilas operárias identificavam as habitações da freguesia, hoje contudo, muitas foram demolidas e não conseguem carregar a força que antes tinham e sua representação. O comércio local, exercido em tempos remotos por seus moradores, hoje foi dominado pelas grandes empresas que apesar contratar residentes do bairro, não consegue suprir as necessidades salariais que é viver na freguesia de Alcântara. As antigas fábricas e galpões deram lugar a lofts e condomínios de luxo que aproveitam os grandes lotes para isolarem-se cada vez mais da cidade em si, segregando os novos moradores de forma que cada vez menos utilizem os espaços públicos.

Com as novas tipologias de construção, novos investimentos imobiliários e novos moradores, a gentrificação torna-se clara. A freguesia não é mais como era antigamente para os moradores, há nova classe social, há novos valores no mercado imobiliário e há uma nova sociedade de Alcântara. A freguesia mudou. Lisboa não necessita mais deste bairro para a economia como antigamente, o descaso pós desindustrialização ocorreu e arrasta até hoje refletindo-se nos investimentos da freguesia.

Os novos moradores não são portugueses na sua maioria, são americanos, franceses, austríacos e imigrantes de países da língua

portuguesa a procura de uma habitação mais barata mas que seja mesmo assim perto do centro de Lisboa. São pessoas com outros hábitos e que não querem abrir a janela e interagir com o vizinho, saber sobre o sapateiro do bairro ou sobre como o florista está com flores bonitas naquele dia. A ideia é ir ao comercio, ao emprego, voltar a casa e quando passar pelo vizinho no elevador dar "bom dia" e bastar saber que aquela pessoa mora no mesmo prédio que ela. Não habitam em casas, não vivem o bairro, utilizam Alcântara como dormitórios.[13] A ideia de sociabilidade atual é outra, a sociedade atual tem mais pressa, outras necessidades e outra realidade.

Alcântara está em transformação e a busca indentitária espontaneamente acontece por quem a frequenta, mora, trabalha e estuda. Com passar do tempo é natural que os novos moradores irão reconhecer os outros moradores do bairro e criarão a vivência, e desta forma, de pessoas desconhecidas, o bairro estará cheio de rostos conhecidos pelo menos de passagem. O novo morador começa a reconhecer o senhor do café, a senhora que trabalha no supermercado e reconhece quem espera o autocarro na paragem no mesmo horário da manhã. A sociabilidade começa a existir.

Esta sociabilidade, esta ligação de uma cidade começa no bairro, antes de pertencermos a uma cidade, pertencemos primeiramente ao bairro. Segundo Georg Simmel, é devido à extensão numérica e à intensidade das relações sociais que o modo de vida urbano ganha a sua especialidade se comparada a à vida aldeã, ou seja, é o aumento numérico e territorial de uma aglomeração e o aumento das interações e comunicações recíprocas entre os indivíduos que vivem neste mesmo espaço. [14]

[13] Entrevista ao morador ex-trabalhador do Anuário Comercial de Portugal e Gráfica Mirandela, 66 anos.
[14] Carmo, Renato Miguel; A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação; Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 252-280

Esta relação deu origem e força à cidade. É esta sociabilidade que desenvolve os laços de convivência social e vida coletiva, é isto que faz o bairro ser bairro e cidade ser cidade. É daí que vem a sensação de pertencimento e o sentido de lugar que os moradores sentem. A demanda social de Alcântara é esta. Demanda por locais onde seja possível esta interação, habitações multifamiliares que não sejam condomínios fechados e sim locais de convivência e relação entre moradores. Demanda por comércio local aonde os moradores da freguesia possam trabalhar e morar no mesmo local e equiparar seus gastos e ganhos sem serem massacrados por grandes comércios nacionais e internacionais.

Demanda por espaços públicos que sejam de todos e que tenha atrativos sociais para a utilização deles pelos novos moradores. Demanda por se integrar de novo com Lisboa, de trazer lucros para o setor que mais cresce e domina a economia local, o turismo. O turismo que não atrapalhe toda a dinâmica identitária da freguesia, mas que, de forma consciente, consiga trazer lucros e uma dinâmica à zona.

04 | EDIFICIO HÍBRIDO

Híbrido, a. adj. (Do Lat. Hybrida) 1. Que resulta do cruzamento ou do acasalamento de espécies ou de variedades de raças diferentes; (...) 3. Que resulta da junção irregular, anómala... de elementos ou de coisas diferentes.[15]

[15] Academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Braga

4.1 | O conceito do Híbrido

As primeiras definições de *híbrido* surgiram com os avanços da genética no séc. XVIII quando testavam o cruzamento de espécies vivas distintas a fim de possibilitar um único ser com características ímpares favoráveis. Infelizmente encontraram algumas restrições neste tipo de experimento e não ultrapassaram muito acerca das conclusões a que chegaram à época – não muito favoráveis -, mas, por outro lado, o conceito híbrido ficou mundialmente conhecido como algo que é composto de forma ímpar das melhores características de diversas outras entidades.

Sendo esta a base, o conceito foi levado do meio biológico para o arquitetônico para que se pudesse construir um edifício que tivesse múltiplas funções, e que carregasse na sua essência o melhor de cada um destes meios que ele se propunha a ser. Por sua complexidade e peculiaridades, é difícil descrevê-lo de forma clara e objetiva tal como se é possível explicar um edifício multifuncional, por exemplo. A ideia do híbrido na arquitetura não foi aplicado como um conceito geral, mas implantada na forma, na metodológica de projeto, no sistema estrutural, nos usos e fluxos internos e etc., de forma que assim se consiga o melhor de cada parte para ter o todo. Surgindo no séc. XIX de maneira ímpar, este tipo de arquitetura veio para responder à sociedade que precisava ir além, e como uma forma de se distanciar do pensamento da arquitetura tradicional, que já não bastava.

4.2 | Arquitetura híbrida e seu surgimento

A gênese do termo na arquitetura foi inicialmente lançada pelo arquiteto Joseph Fenton que definiu um edifício híbrido como uma *combinação e mistura e de funções e usos diferenciados num mesmo edifício*. Sendo diferente de um edifício multifuncional – com múltiplos usos em uma

construção só -, o Arquiteto o distinguiu a partir de duas questões: a sua *escala* e a *forma*. A *escala* de um edifício híbrido adapta-se ao meio urbano facilmente podendo incorporar-se à trama da cidade e colaborar por intermédio de conexões e funções. E a *forma*, por sua vez, resulta dos avanços tecnológicos do séc. XIX, tal como enquadramento estrutural, introdução do elevador, telefone, escrita eletrônica etc. Surge então um edifício que teoricamente responde as necessidades contemporâneas desta sociedade e uma resposta material ao aumento do valor do solo, densidade edificada e populacional e limitações da trama urbana.

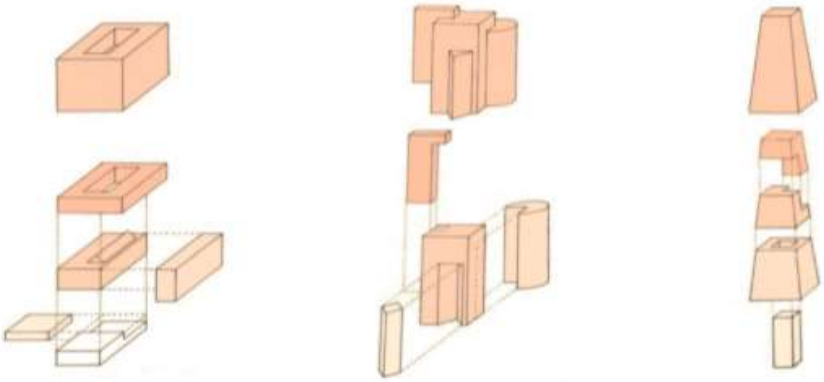


Imagem 04 | Fenton, 1985.

A primeira catalogação destes edifícios surgiu em 1985, em "Hybrid Bulding". Neste livro, Fenton classifica os edifícios híbridos em três diferentes grupos, de acordo com a sua relação formal e funcional com o contexto da forma: *Híbridos no tecido*, que são os que se adaptam à volumetria imposta pelo tecido urbano em que estão incluídos e suas condicionantes, sendo imperceptível as diferenças de usos do programa na aparência exterior do edifício. *Híbridos por enxerto*, nos quais cada programa se formaliza por intermédio de um volume distinto, apresentando grande expressão formal no exterior. E por fim *Híbridos monolíticos*, em que os distintos usos se acomodam no interior de um único volume de grande dimensão e versatilidade. Esta catalogação, apesar de muito sintética, tornou-se um dos primeiros meios de entendimento de um edifício híbrido.

De um modo geral, é uma arquitetura excepcional na sua concepção programática que se ajusta à trama da cidade. São edifícios flexíveis fazem a interação de situações ímpares que estariam normalmente num meio urbano e que se conseguem associar num meio arquitetônico, tal como o fato de ter espaços públicos, privados e diferentes usos a coexistir num mesmo sítio. Sendo assim, um objeto multifacetado no que diz respeito à sua versatilidade, diversidade ou até mesmo complexidade.

O híbrido procura gerar relações íntimas variadas, inesperadas, não programadas, mas imprescindíveis à convivência dos habitantes da cidade. A partir destas características o edifício híbrido pode então ser considerado único na sua combinação programática e formalização exterior. No caso de personificar este edifício seria fácil encaixá-lo na definição de homem cosmopolita de Richard Sennet: "que se move comodamente na diversidade da cidade, encontrando-se em casa em situações que não possuem vínculo ou paralelismo com aquilo a que se encontra familiarizado".

4.3 | Público x Privado e suas peculiaridades

A permeabilidade dos edifícios híbridos torna-os únicos à medida que concentra numa só construção, no meio da cidade, espaços públicos e privados, ampliando temporalmente as suas atividades, não sendo regido nem por ritmos privados e nem somente pelo regime público, mas sim pela comunhão dos dois mundos. Sendo assim, o edifício no geral adquire uma maior segurança em qualquer fase do dia. Organizadas de diversas formas, os usos acabam por fazer a forma, sejam eles fragmentados em atividades distintas, ou seja, pelo fluxo que o arquiteto quer que em planta estes distintos usos tenham.

O edifício hibrido é a "cidade dentro da cidade", tal como a malha urbana, que apesar de muitas vezes naturalmente setorizada pela

necessidade de “ordem” natural humana, ela tem fluxos e misturas. Estes fluxos e conexões de diferentes usos é o que faz o funcionamento da cidade, é o privado e o público e toda a dinâmica que gere os dois ambientes. A inclusão das definições de híbrido na arquitetura consegue pinçar as qualidades de cada setor e colocá-los em um ambiente só. Sendo assim, não é possível defini-lo a partir de suas catalogações formais ou pragmáticas, pela sua sociabilidade e personalidade, mas sim pelo conjunto de todas estas questões, sendo sobrepostas ou não.

Esta arquitetura consegue transladar os domínios arquitetônicos impostos naturalmente até hoje e introduz-se no campo do urbanismo, conectando cada vez mais estes dois mundos. Tal como Steven Holl disse: “o híbrido possui a capacidade de forçar os limites da arquitetura até “deformar um tipo edificatório puro”.

05 | ESTUDOS DE CASO

5.1.1 | Arquitetura Hoteleira - Apart-hotel

A arquitetura Hoteleira, ganhou forças e tornou-se natural junto com a Globalização. Quando o viajar tornou-se algo turístico e não somente de negócios ou migração, a arquitetura hoteleira prontamente nasce para abrigar estes "novos" visitantes nas cidades. Durante as décadas seguintes este termo e equipamento tornou-se algo tão usual que hoje em dia nem se consegue imaginar uma cidade sequer sem um espaço para abrigar turistas.

O turismo começou de fato a ser praticado nos finais do séc. XVI por novos viajantes que ao contrário de seus antepassados, percorreram a Europa por instrução, conhecimento, prazer ou simples curiosidade. É em Inglaterra que o movimento se inicia em direção ao continente, basicamente por jovens saídos das universidades e aristocratas simplesmente curiosos de famílias enriquecidas pelo comércio e pela indústria emergente. A viagem era bastante longa e demorava-se em média três anos para percorrer a França, Itália, Suíça e Alemanha, que basicamente constituíam o que era chamado de "grand tour". Os que a faziam passaram a ser designados por "touristes". Turista começa a ser o viajante inglês que se desloca por prazer, instrução e conhecimento

Torna-se natural o gosto por viajar e conhecer novos lugares, o que semeia o turismo como atividade económica. De forma natural, no século XIX elegem-se certas localidades que pelas suas características e pelos atrativos se tornam objetos de organização econômicas com a intenção de atrair visitantes, originando um processo de turistização de territórios. Desponta o turismo como atividade estruturada e organizada que depois de ultrapassar alguns entraves, tal como guerras

e dificuldades de deslocação, se transformou na maior atividade econômica mundial.[16]

O Hotel, é um edifício equipado para receber pessoas de forma temporária. Detêm basicamente de uma cama, armário, casa de banho e serviços para a comodidade do hóspede. Há diversos tipos de arquitetura hoteleira além do Hotel, propriamente dito – Os Hostels, hotéis com espaços compartilhados e uma cozinha para utilização de todos, geralmente mais barato. Hoteis Rurais, situados no campo com atividade ao ar livre e focados no turismo rural. Resorts, hotéis que têm espaços não edificados voltados para o entretenimento e lazer, tal como um clube, são ambientes para fuga e descanso, além de simplesmente uma estadia. Motéis, alojamentos para estadias rápidas e discretas, e totalmente diferentes do hotéis rurais ou resorts, a ideia é não interação entre hospedes. E os apart-hoteis, para estadias de média duração – cerca de 3 meses – onde hóspedes conseguem o conforto de um apartamento com serviço de Hotel e/ou com áreas de livre utilização como um Hostel.

Há diversas classificações quanto ao conforto e equipamentos que um Hotel detém, estas variam entre 1 e 5 estrelas, (havendo no mundo "petrodólar", hotéis com classificação com seis e sete estrelas). Estas são atribuídas de acordo com as qualidades físicas do espaço e pela quantidade e qualidade dos serviços prestados. Esta classificação foi concebida de modo a que existam requisitos mínimos de área e funcionalidade no imóvel e que esta pode subir ou cair uma estrela se o hotel fornecer mais ou menos serviços ao turista.

O **apart-hotel** surgiu no início do séc. XX e ganhou forças dentro do setor terciário da economia no final deste mesmo século com uma expansão silenciosa. São apartamentos comercializados para curta duração, geralmente para executivos ou família em épocas sazonais em locais turísticos. Esta solução foi uma maneira de conseguir alugar apartamentos

[16] CUNHA, Licínio. (2010). *Desenvolvimento do turismo em Portugal: Os primórdios*. Pg 128

com mais segurança, evitando as leis naturalmente burocráticas de locação. Os apart-hotéis são destinados a quem necessita de serviços e comodidade de hotelaria, com privacidade e funcionalidade de uma residência, em localidades privilegiadas, com custos reduzidos e para longos períodos se comparados com um hotel convencional.

Considerando que Lisboa hoje em dia tem em sua base econômica o turismo, a rede hoteleira hoje e alojamentos locais praticamente dominam a cidade. Segundo o Plano Estratégico Nacional de Turismo (2011) o sector da hotelaria apresentou uma receita superior a 7,6 milhões de euros, em 2010, o que correspondeu a um aumento de 20% face a 2004. O crescimento contínuo apresentado pelo sector através do aumento das dormidas em cerca de 1,4 milhões entre os anos de 2006 e 2010 reforça a sua potencialidade. [17]

5.1.2 | Arquitetura Multifamiliar

Como o nome já diz, arquitetura multifamiliar é uma arquitetura que na sua essência irá abrigar diversas famílias, geralmente desenhadas em formatos de prédios e conjuntos habitacionais na horizontal. Estas residências podem ser apartamentos, lofts, coberturas e outras composições que estruturam um conjunto de habitações em um mesmo espaço.

A arquitetura residencial coletiva, voltada para as massas que habitam as áreas urbanas, é a maior protagonista da arquitetura desde o início do século XX, período que se propagou e se consolidou. As motivações que impulsionaram o desenvolvimento dessa nova forma de moradia

[17] https://ctp.org.pt/ - acessado em novembro de 2018

combinaram com uma enorme carência social e com a emergência por alojamentos pela população migrante que chegava às cidades.[18]

Diferente das moradias unifamiliares em casas isoladas, estas contam com uma estrutura maior, tal como as circulações, área de convivência e lazer e equipamentos de segurança, como por exemplo os extintores. Geralmente encontrados em sua maioria em grandes e médias cidades, os edifícios multifamiliares apresentam ampla gama de estilos arquitetônicos, caracterizando até algumas zonas da cidade.

Dentre as principais vantagens da arquitetura multifamiliar, está a sensação de segurança buscada pela maioria das famílias ao escolher este tipo de residência. Outro ponto positivo é a expansão cada vez maior dos amplos edifícios verticais nos grandes centros, que torna a locação mais barata que uma arquitetura unifamiliar pelo uso do solo dividido. Entre os pontos negativos deste tipo de arquitetura, podem estar a falta de privacidade - uma vez que as áreas internas, como corredores, pátios e área de lazer são divididas entre todos os moradores - , a possibilidade de vizinhos barulhentos é maior, pode haver problemas na manutenção do prédio e má organização geral, entre outros problemas sociais.

5.1.3 | Arquitetura de Cafés (restauração)

A arquitetura de Cafés se deu em Portugal no final do séc. XVIII e são estabelecimentos comerciais, tal como um restaurante, que - em menor escala - tem como atrativo principal o café. Os cafés, tornaram-se espaços de convivência e permanência de pessoas enquanto estão a apreciar esta

[18] Jorge, L.D.O., 2012. *Estratégias de flexibilidade na arquitetura residencial multifamiliar* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

bebida e geralmente acrescentam à venda alimentos doces e salgados que refletem a cultura local.

No verão estes espaços servem para comprar bebidas refrescantes, descansar um pouco da cidade e ser um abrigo do sol. Já no inverno estes espaços são buscados para abrigo do vento, frio e para aquecer o corpo com uma bebida quente - que nem sempre deve conter café, há geralmente chás e chocolates quentes também. A arquitetura de cafés, no lado ocidental do mundo é bastante utilizada também como local de passagem para quem se costuma alimentar de manhã na rua ou para um lanche da tarde.

Estes espaços podem estar dentro de algum centro comercial ou serem lojas comerciais de rua, geralmente pequenos se comparados com restaurantes e são projetados também para ter menor permanência. Em diversos casos, estes estabelecimentos são projetados para conter espaços de permanência confortável para descanso e espaços para trabalho/estudo para aqueles que não querem trabalhar/estudar em casa e precisam de um local para isto. Na contemporaneidade, utilizam estes ambientes também para uma reunião de trabalho, principalmente pela facilidade do encontro e por ser um local para o público.

No caso de Portugal, o aparecimento dos cafés em Lisboa, e mais tarde no resto do país, estava ligado a um novo tipo de sociabilidade e de convivência da população das cidades. Sob um contexto de revolução, surgiram os primeiros restaurantes e cafés portugueses, locais privilegiados para conviver, mas também para mudar o mundo. Hoje faz parte do dia a dia dos portugueses, em média são consumidas 1324[19] chávenas de café por ano em todo o país. Contribuindo assim

[19] https://www.dinheirovivo.pt/empresas/capsulas-de-cafe-ganham-terreno-a-bica acessado em 17 de novembro de 2018)

mundialmente para o consumo de café, que atinge 2.25[20] milhões de chávenas por dia.

5.1.4 | Arquitetura Coworking

De caráter bem contemporâneo, há pouco mais de uma década, a arquitetura de espaços coworking tem vindo a proliferar nas cidades Europeias tendo surgido em 2005 nos Esta*dos* Unidos da América e que, apesar de ainda não haver muitos estudos sobre estes espaços, são conotados como uma tendência de negócio e de trabalho colaborativo. [21]

Indo um pouco além dos encontros nos cafés, surgiu uma necessidade maior de um espaço coletivo para trabalhar fora dos parâmetros usuais de um espaço de escritórios com gabinetes e pequenas ilhas de trabalho em um amplo espaço. O espaço de coworking vem da necessidade de um

ambiente para compartilhar com diferentes profissionais – sendo cliente e fornecedor ou da mesma empresa -, freelancers que necessitam de um local para permanecer para além do home office e aluguer para espaços a microempresas que não tem necessidade de um escritório de facto.

A estrutura deste espaço tem como essência a partilha e troca de informação. Partilha de infraestrutura comum, tal como espaço, internet, impressão, ar condicionado, sala de reunião e equipa de limpeza de modo a incentivar uma dinâmica ao tradicionalismo dos espaços corporativos, gerando fluxos e trocas entre profissionais de diversos nichos.

Esta atividade enquadra-se perfeitamente no quadro atual da economia portuguesa como prática alternativa aos arrendamentos altos e aos que trabalham como homeworking. Pode-se identificar nesta nova

[20] MOURA, Fátima, (2015). *Conversas de Café, Lisboa: Clube do Colecionador dos Correios.* p.24

[21] VAN HOLM, E. J. (2017). Makerspaces and Local Economic Development. Economic Development Quarterly. p. 164-173

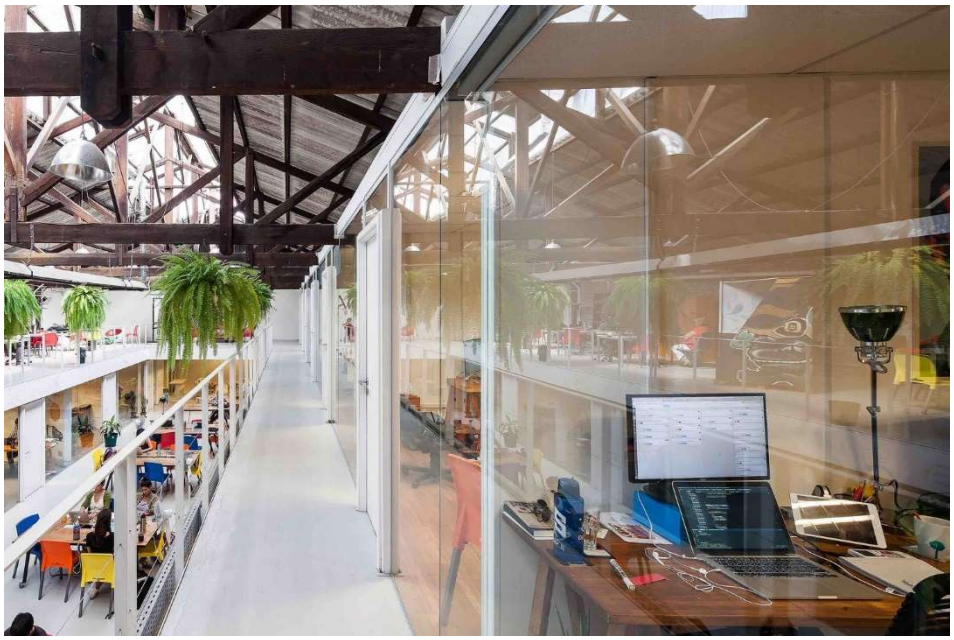


Imagem 05 | Fonte: https://www.archdaily.com.br

prática cinco critérios positivos para que cresça cada vez mais frente a sociedade atual, sendo estes: o princípio da solidariedade; o objetivo de constituírem uma alternativa ao sistema capitalista; a importância das redes colaborativas; a estratégia em matéria de inovação social; e a importância da proximidade espacial a outras atividades semelhantes.

Exemplo: Sinergia Cowork Palermo, 2014 – Arquitetos Emilio Magnone e Marcos Guiponi. Arquitetura de coworking em um espaço comum detém de um ambiente amplo com espaços para trabalho/estudo e gabinetes fechados.

5.2 | Espaços públicos

Definir espaços públicos é muito mais complexo do que parece, se formos atrás da definição na língua portuguesa o que é público, encontra-se facilmente que é o oposto de privado. Mas então, seria algo que no fim é de todos? Para a cidade, é muito mais que isso.

Espaços públicos são espaços que pertencem a todos na sociedade, é verdade. É um local que se caracteriza por ser o palco dos encontros de diversos grupos, onde se desenvolvem as atividades coletivas, é aonde acontece toda a troca entre as diversas pessoas que compõe a heterogênea sociedade urbana, é nele que acontece as manifestações, comemorações e tudo de cunho social da cidade.

Estes espaços não precisam ser necessariamente verdes, na verdade apresentam-se em formato de ruas, avenidas, praças e qualquer ambiente que molda a cidade. Se não fosse por estes espaços, não haveria a sensação de privacidade quando se está em casa, a sensação de coletivo quando se vai à rua, quando se vai ao parque, à praça da cidade e etc.

Posto isto, um espaço público é a representação e a afirmação da existência da cidade fora o edificado. Na ausência de edificações, corporiza-se um espaço – o público - no qual detém da presença de pessoas que o habitam e vive dinamicamente, e estes movimentos é que caracterizam este espaço. Um espaço público pode-se também dizer que é um espaço eminentemente social e de representação, no qual a sociedade se faz visível.

Portanto, estes espaços moldam as cidades pois são estes que fazem toda a ligação e que mantêm o fluxo existente entre os espaços públicos. Se formos voltar ao início das “cidades”, na poli, a ágora (espaço público) era o espaço que, representava o espírito público desejado pela coletividade da população e onde se exercia a cidadania.

Esta definição foi-se modificando com o passar do tempo e gradativamente estas definições foram-se tornando mais estatais e administrativas do que de facto social, como deveria ser.

De maneira geral, podemos dizer que o espaço público é o local da improvisação, do espontâneo, dos encontros, das rotinas, dos desacordos, do diálogo, da extensão do morar, do brincar, das atividades de lazer, de se expor e reivindicar. Sendo assim, espaço Público é genuinamente o espaço de vida coletiva urbana.

Em contrapartida há uma crise que está prevista desde o século passado. O morrer da cidade e da sua ligação com uma sociedade cada vez menos aberta às ligações e com cada vez menos tempo disponível para o viver. Esta questão acaba por refletir nos espaços urbanos, que se mostram cada vez menos que são encarados ou visualizados como espaços de pertença efetiva. A rua não é mais um local, mas apenas uma ligação, reconhecida pelo seu trânsito de pessoas e automóveis, e não pelo fato de proporcionar um ambiente urbano favorável à interação social. A praça ou jardim não são mais os locais de interação social propriamente dito, mas locais de encontro social pontual cujos mecanismos já não são controlados pelos seus atores.

5.3.1 | Referencias - Materiais

Arquitetos: Project Orange

Localização: Shoreham, Inglaterra

Ano: 2012

A referência de materiais é o edifício ao lado, localizado em Shoreham, Inglaterra. É um edifício de tijolos industrial vitoriano situado à beira da Área de Conservação do Bairro de Indústrias Culturais de Sheffield. Não está apontado em nenhuma lista, mas é considerado localmente significativo e um ponto nodal da zona.

O projeto do ateliê Project Orange procurou reabilitar o edifício e ao mesmo tempo celebrar o seu património industrial tornando-o relevante para o seu contexto recentemente vibrante. A ideia principal era fornecer uso misto, combinando um restaurante / bar desejável com pé direito duplo dentro da fachada original - aproveitando o caráter industrial bruto do prédio existente - com unidades de duplex acima. Estes duplex são acomodados num anexo para cima do edifício existente histórico, criando assim um volume contrastante, mas complementar, um substituto para o telhado inclinado original do edifício.

A proposta destina-se a melhorar o edifício existente e criar um marco com os diferentes materiais da fachada, um símbolo tanto do passado da área quanto das suas aspirações para o futuro.



Imagem 06 | Fonte: www.archdaily.com

5.3.2 | Referencias - Edifício Híbrido

Arquitetos: Pedro Lima

Localização: Lisboa, Portugal

Ano: 2011, Projeto acadêmico

A transposição do conceito de espaço público para uma nova escala, para o interior do edifício, no contexto de um projeto para o desenvolvimento de um edifício híbrido, é a questão central do projeto ao lado. O conceito do espaço público é trabalhado dentro da esfera pública e privada de forma a tentar entendê-lo num todo e perceber o sentido da evolução permanente do estilo de vida urbano que se dá entre estas duas situações.

Simultaneamente, esta questão aparece-nos como um processo de projeto, que associado à lógica da concepção através da subtração da matéria, será capaz de gerar espaço, em oposição à concepção tradicional baseada na relação formal das diferentes partes da arquitetura, resultando assim em uma nova categorização tipológica.

O estudo das relações de vizinhança e questões de privacidade leva-nos à concepção de um elemento especial, que é este edifício híbrido, de caráter urbano que se gera em sua própria capacidade de organizar este tipo de relações de proximidade, funcionando simultaneamente como filtro e impulsionador das atividades humanas no privado e público.

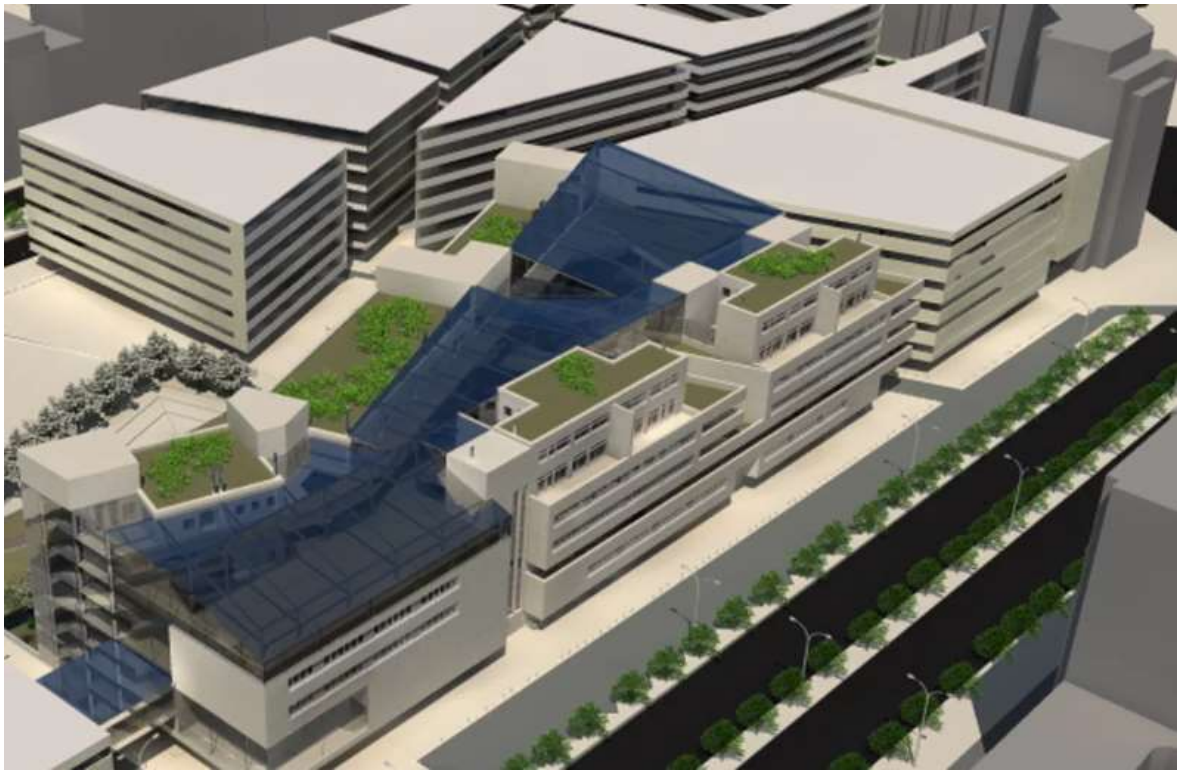


Imagem 07 | Fonte: https://archinect.com

5.3.3 | Referencias - Volumetria

Arquitetos: Estudio Carme Pinós

Localização: Barcelona, Espanha

Ano: 2017

Massana. Art and Design center

O edifício ao lado é a escola Massana, um projeto que faz parte do longo processo de transformação da Praça Gardunya. O edifício se encontra no coração no coração do bairro histórico de Barcelona, o que o torna ainda mais relevante com esta fachada irregular.

A relevância visual do edifício dá-se pela volumetria e pelos diferentes níveis que a mesma proporciona. A escolha do material da fachada composto com os brises utilizados favorece todo o movimento que a forma bruta dispõe e ainda preserva a privacidade dos estudantes que a frequenta. O edifício foi desenvolvido, tanto em termos de volumetria como na solução da fachada, em resposta às construções vizinhas tradicionais. Com o objetivo de lhe conferir um caráter mais único e escultural e ao mesmo tempo diminuir o volume, a parte do edifício voltada para a praça é decomposta nestes dois volumes expostos em questão que postos de forma rotativa, geram os diferentes terraços.



Imagem 08 | Fonte: www.archdaily.com

06| METODOLOGIA E PROGRAMA DE NECESSIDADES

6.1 | Metodologia e Cronograma

No primeiro momento ocorreu a análise histórica e de pesquisa sobre como seria possível a construção no vazio urbano de forma consciente e de que forma a busca identitária de Alcântara poderia ser concretizada numa edificação. Ocorreu a pesquisa de documentos tal como livros, artigos e textos acadêmicos no geral para um entendimento maior sobre os principais temas abordados que foram sendo encontrados à medida que a pesquisa avançava – os vazios urbanos, as reformas identitária e os edifícios híbridos.

A análise do terreno e do entorno modificou as necessidades pioneiras do projeto e, com as avaliações sociais, físicas e as condições atuais do sitio, pôde-se fazer uma melhor leitura sobre o vazio urbano em questão. As idas ao terreno e o passeio pelo entorno permitiu uma vivência melhor do bairro e uma outra visão dos moradores que não se tinha quando o sítio era só de passagem.

Teve de suma importância as idas ao Arquivo municipal de Lisboa para um melhor entendimento do que foi Alcântara, de como era a dinâmica do entorno, o que outrora foi o terreno e que tipo de construções ali existiram. Conseguiu-se também imagens de projeto de construção e alteração nas duas construções que existiam no terreno. Uma em cada lado do terreno, mas todas voltadas para a rua principal, a Rua 24 de Julho. Pode-se notar também, com estes documentos as mudanças que foram feitas na fachada industrial existente no terreno e o porquê dela ser a única construção ali ainda de pé. A fachada hoje é um patrimônio histórico industrial e deve ser preservada.

As necessidades sociais do entorno foram essenciais para a materialização do projeto e na escolha de seus usos. Sua implantação também está desenhada para que a demanda da sociedade seja

respondida e que ele seja de facto uma arquitetura projetada para os moradores de Alcântara.

Em termos de projeto, o edifício híbrido foi desenhado a partir do mapa diretor municipal de Lisboa e foi idealizado para que fosse possível suportar o plano de necessidade decidido pela análise teórica. Foram pensados mapas de fluxos e mapas de usos no nível de projeto preliminar- para que o conceito de híbrido seja implantado de forma que o público e privado tenham uma ligação única.

Neste terceiro e próximo momento, o desenho das plantas técnicas - fase anteprojeto – serão cruciais para compreender se tudo que foi projetado e idealizado até o presente momento esteja compatível e seja de facto uma arquitetura e não uma construção. Que seja possível viver e usufruir tudo que ela irá proporcionar. No momento que esta questão estiver confirmada, a produção de desenhos e maquetes eletrônicas e físicas fazem-se necessárias para um melhor entendimento de quem for ver o Trabalho final de Mestrado.

Cronograma:

Agosto | 2018 - Busca por temas e terreno

Setembro | 2018 - Busca por dados históricos, visita ao arquivo nacional, ao terreno

Outubro | 2018 – Estudo de caso e enquadramento teórica da área

Novembro | 2018 – Desenvolvimento teórico e leitura de bibliografia teórica e projetual

Dezembro | 2018 – Busca de referências materiais e referências conceptuais

Janeiro | 2019 – Proposta para projeto final de mestrado entregue

Fevereiro | 2019 – Plano de necessidades através de análise histórica e física do entorno

Março | 2019 – Estudo de fluxos e esquema de usos em planta

Abril |2019 - Desenvolvimento volumétrico e de implantação – escala urbana

Maio | 2019 – Entrega proposta final de seminários 31/05

Junho |2019 – Desenvolvimento de projeto

Julho | 2019 – Desenvolvimento de projeto

Agosto |2019 – Desenvolvimento de projeto

Setembro |2019 – Desenvolvimento de projeto

Outubro |2019 – Desenvolvimento de projeto

Desenvolvimento de perspectivas **–** maquete eletrônica

Conclusão/revisão da parte teórica e peças desenhadas para compor o caderno final

31 de outubro - Entrega final

Novembro | 2019 – Desenvolvimento de painéis e maquete física

Dezembro | 2019 – Desenvolvimento de painéis e maquete física

Dezembro | Exame – apresentação à banca

6.2 | Programa de necessidades

Espaços públicos:

Os espaços públicos do projeto são separados em três zonas. A zona 01 - pátio central, zona 02 – o refúgio no meio da cidade e a zona 03- zona de convivência e inclusão dos moradores da freguesia.

O comércio local:

São 14 lojas com área de serviço para depósito e wc.

Café:

Dividido por três zonas, o café conta com a sala e balcão, Cozinha e sala de funcionários e coworking em open space.

Coworking:

Área de salas individuais para alugar, salas coletivas para reuniões ou conferências e salas de estudo privadas.

Centro de convenções:

Com o objetivo principal de ser um local para eventos e reunião de pessoas, o centro conta com duas salas multimídias e um amplo saguão para encontros.

O apart-hotel:

Em 5 andares, o apart-hotel disponibiliza 6 tipos de quartos, zonas de convívio comum, sala de refeições/bar, sala de estudos, zonas de serviço e arrumos, zona dos funcionários, administração e terraço com piscina, bar e ginásio.

Habitação:

Espaço multifamiliar a partir de 5 tipologias de apartamento, uma zona de convivência a estender-se do espaço público 02 e uma horta comunitária.

Estacionamento subterrâneo:

Rampa para o estacionamento subterrâneo com controlo de acesso, 3 diferentes acessos para peões: o do Apart-hotel, do espaço público e da habitação.

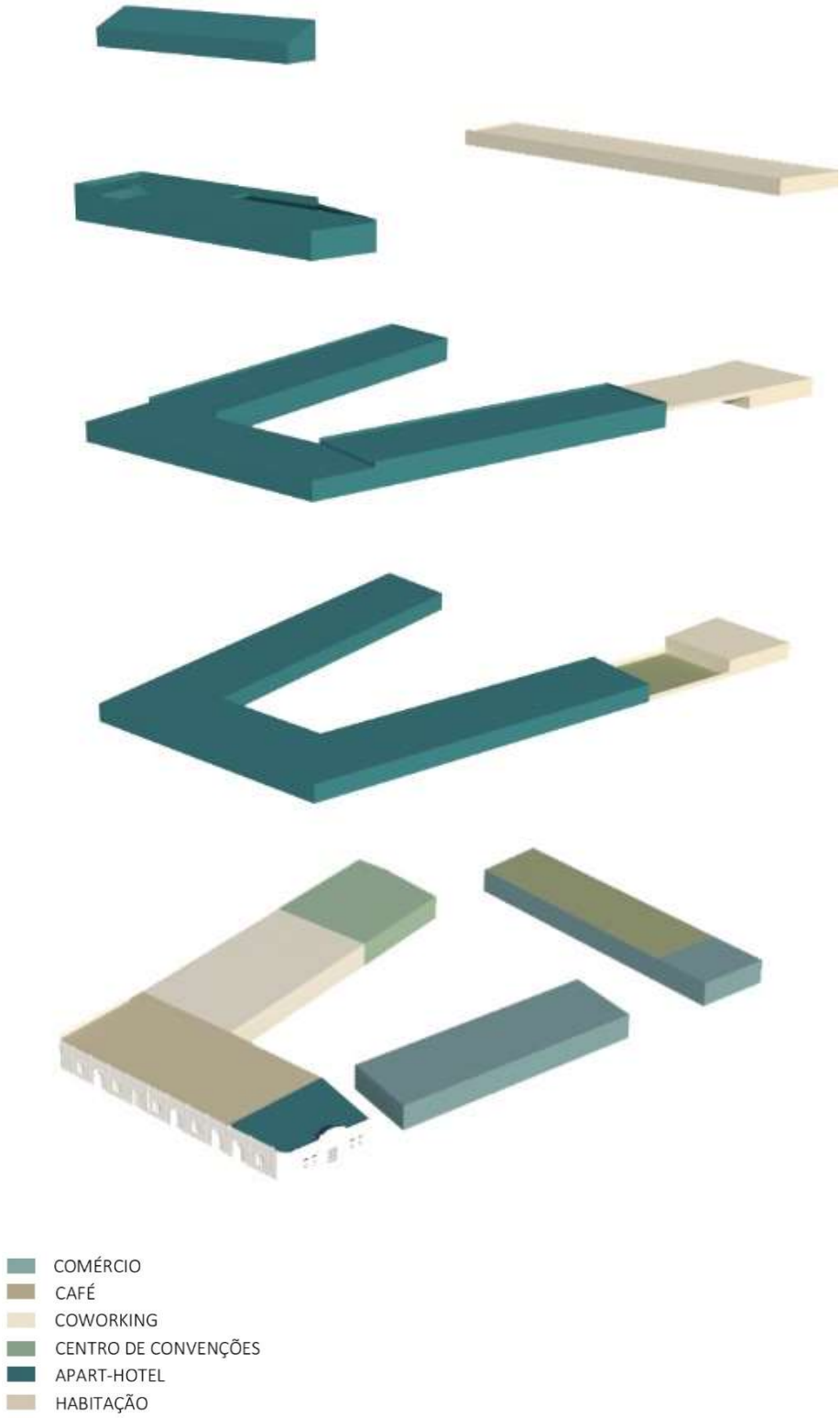


Imagem 09| Imagem autoral

07 | PROPOSTA _ Edifício Hibrido como busca identitária no vazio urbano de Alcântara

7.1 | Edifício hibrido – Conceito e Projeto

A transformação vivenciada pela sociedade de Alcântara pela desindustrialização e descaso perante a cidade, refletiu no espaço urbano, na tipologia das construções, nos novos hábitos, nos novos moradores e consequentemente em seus espaços públicos. Retrata o quanto nos últimos tempos o privado fechou para a rua, perdendo a ligação que era o cerne da sociabilidade do bairro e consequentemente do bairro. Como resultado o espaço público foi se esvaziando de questões coletivas e se esquivando da função de lugar de encontro e diálogo sobre problemas privados e questões públicas. O Edifício Hibrido é a materialização do espaço que, a partir de pesquisas e identificação da identidade da sociedade de Alcântara, irá ajudar a re-aflorar a sensação de pertencimento ao lugar.

Em resposta às demandas da zona analisadas neste trabalho, tal como a falta de habitação multifamiliar na escala de Alcântara, a atual escassez do comércio local, a carência de espaços públicos onde há a sociabilidade entre moradores e a não mais importância econômica que Alcântara outrora teve para Lisboa, o edifício hibrido foi idealizado.

A implantação do projeto no vazio urbano levou em consideração a interação social dos futuros frequentadores, com um grande pátio central, a interação entre os diferentes usos foca-se neste espaço e o edifício ao invés de focar para o lado exterior estender-se para a rua, consequentemente tendo a ter um caráter mais intimista e humano. Apesar de sua escala ser de um quarteirão, os diferentes volumes que se conectam e o fluxo que acontece entre eles permitem que o mesmo

seja perfeitamente integrado ao entorno sem que perca suas peculiaridades. Sua estrutura metálica permite que o edifício nasça da fachada industrial existente e espalhe para o resto do terreno de forma mais leve e menos agressiva. E, em contrapartida, sua volumetria se dá com a combinação de diferentes volumes que brincam entre si para conseguir os fluxos necessários de interação.

Os seus usos foram escolhidos para atender os moradores. Lojas para comércio local no rés do chão das habitações multifamiliares foram idealizadas para que retornem à tradição tão funcional existente da cidade de Lisboa. Um café com um quesito a mais – espaço de coworking para a demanda de diversos estudantes à procura de lugares para estudar e também para o público de freelances que cada vez mais necessita de um local além do *homeworking* para produzir conteúdo. Uma zona de coworking mais privada com salas individuais e coletivas para a lugar e um centro de conferencias que consiste em duas salas multimídias para eventos no geral.

Foi também proposto um Apart-Hotel para que Alcântara retorne a ser influente economicamente para a cidade de Lisboa, como o setor do turismo é o que mais agrega lucro à cidade, nada mais funcional que trazer também a arquitetura hoteleira e desafogar o centro de Lisboa que já não pode mais com alojamentos.

O combinar destes usos do edifício hibrido e a interação entre os espaços públicos – pátio interno do terreno e a área verde/de contemplação – visa a interação social, a requalificação do bairro, a busca identitária atual pelos novos moradores e a melhoria do tecido empresarial de Alcântara.

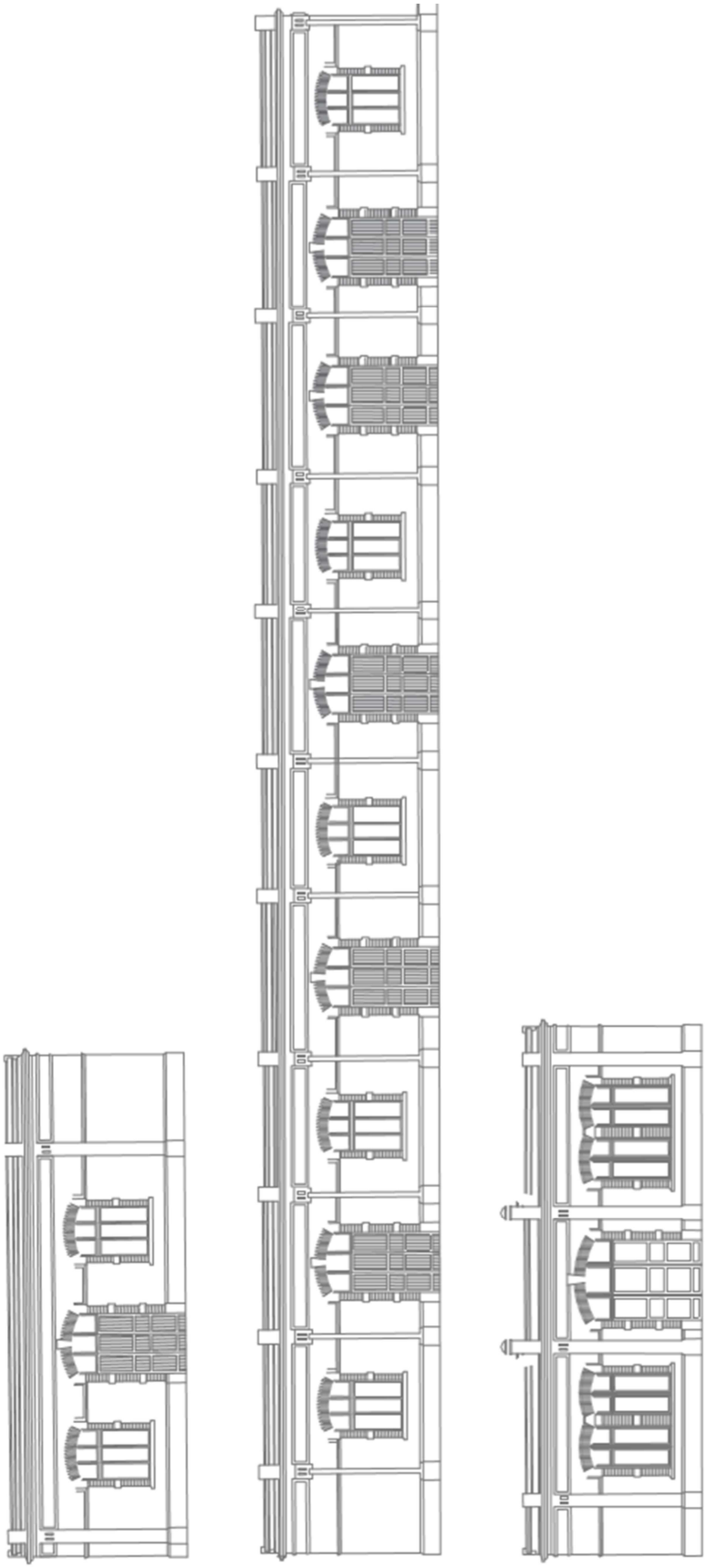


Imagem 10| Fachada original. Em ordem: Rua Arco de Alcântara, Rua Vieira da Silva e Av. 24 de Julho

7.2| Fachada existente – O projeto e vertente de restauro

O Restauro|

A conservação de restauro na Arquitetura vem a ganhar cada dia mais força e importância no meio acadêmico e profissional, a consciência adquirida sobre o poder da transformação de forma efémera das cidades acarretou na preocupação de conservar a história e preservar de forma física um passado que não se quer apagar.

Contudo, o restauro na Arquitetura ganhou a devida atenção e preocupação quanto à especialização nesta área somente no século XX, quando em Itália formaram-se arquitetos especialistas em Restauro e Conservação. Desde então, esse tipo de iniciativa está a amadurecer e tornou-se mais numerosa. O que acarretou também em diretrizes, vertentes e teoria que foram criadas nas últimas décadas para que este ato fosse feito de forma consciente e duradoura.

Paralelamente a isto, a sociedade está a constatar que a conservação - e em alguns casos o tombamento de bens edificados - permite que a cidade não perca a sua história e consequentemente a sua essência. A memória é parte constituinte da identidade, e através dela o indivíduo acaba por revivenciar experiências e dialoga com a sociedade à qual pertence. Essas experiências necessitam de suporte do espaço físico, ou seja, necessita da arquitetura, do urbanismo, dos espaços que fazem da cidade ela mesma. A memória coletiva permite que o indivíduo tenha acesso ao seu processo de identificação. Assim sendo, o restauro está completamente ligado com a sensação de identificação do indivíduo perante a cidade.

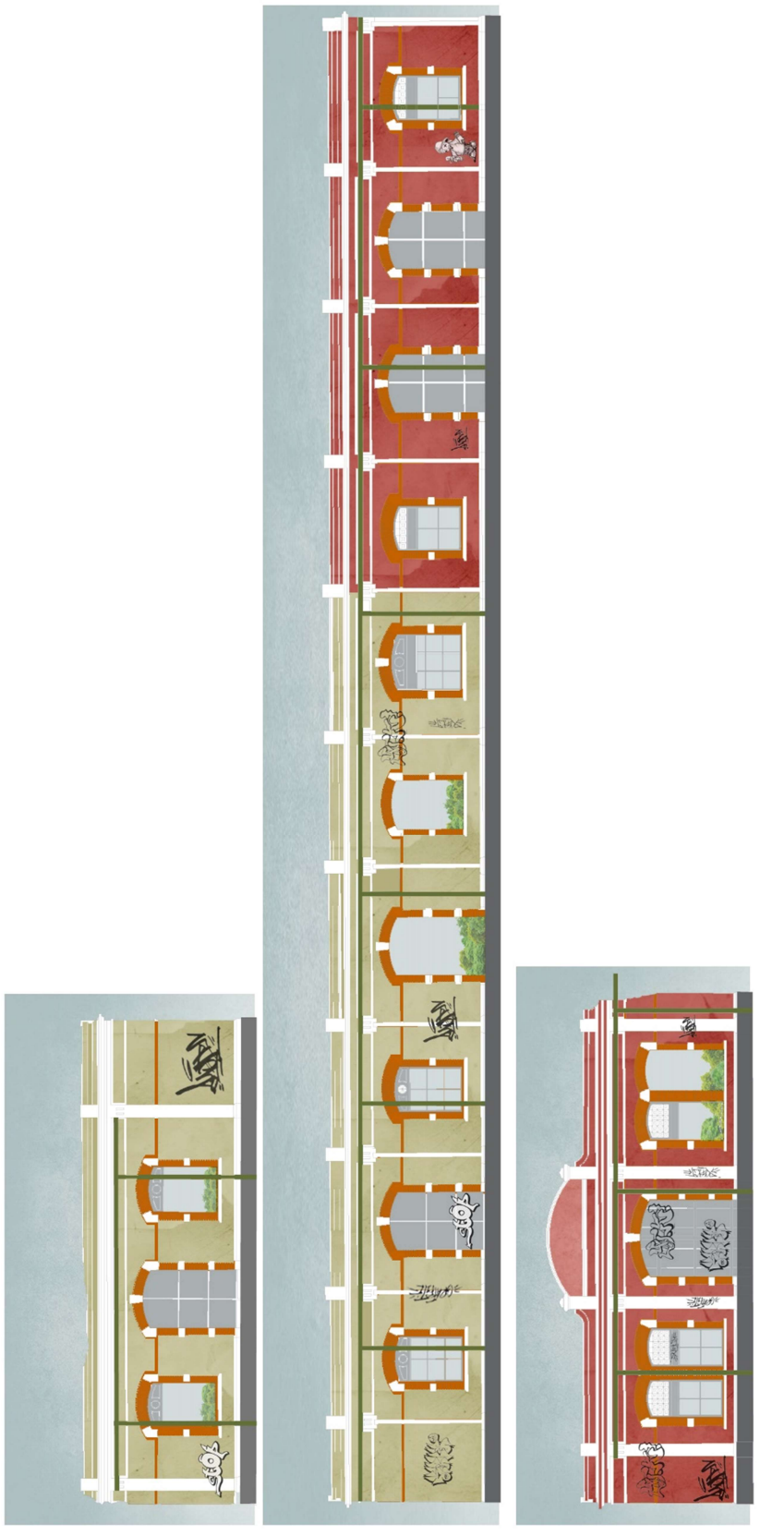


Imagem 11| Fachada atualmente – Em ordem: Rua Arco de Alcântara, Rua Vieira da Silva e Av. 24 de Julho

A fachada|

A fachada que este projeto está a restaurar foi construída em 1902 para o uso de um galpão. Por quase cerca de cem anos, a mesma foi sendo modificada através das necessidades impostas pela empresa ou por desgastes de intempéries climáticas e atualmente não se encontra exatamente como estava quando foi proposta a Câmara Municipal de Lisboa[22].

Atualmente algumas esquadrias já não existem e as que estão no sítio estão com profundas marcas de degradação do tempo com ranhuras e ferrugem, a pintura gasta e com acentuados vestígios de vandalismos. Na questão estrutural a fachada encontra-se com uma estrutura externa metálica como suporte, utilizada quando as paredes internas foram demolidas em 2001º. Os tijolos em alguns pontos encontram-se muito desgastados e expostos ao sol e à chuva, tornando-os esfarelados e assim perdem a função de fechamento, proteção e estrutura da edificação. Mas no geral é possível perceber a sua essência, o que foi e como evoluiu através dos anos e como está agora a resistir e a carregar todo o peso de sua identidade.

Apesar de estar em uma área de preservação no mapa de usos no PMD[23] de Lisboa, a fachada não se encontra na lista de bens da carta municipal do património edificado e paisagístico, mas a partir os estudos sobre a freguesia e dada a sua importância histórica da era industrial do bairro e que como isto ainda é a essência para quem mora ou passa pela zona, a conservação da fachada se faz necessária e de suma importância quanto a valorização e integração urbana. O restauro desta fachada irá assegurar a sua identidade e evitar a destruição ou deterioração, e a descaracterização da zona e do terreno.

[22] Documento em Anexo
[23] Plano Diretor Municipal de Lisboa - www.cm-lisboa.pt/

O Restauro desta fachada se deu a partir das ideologias do Italiano **Cesare Brandi**[24], um dos principais nomes da restauração de objetos de arte e fundamentou o "**restauro crítico**". No início do século XX Cesare Brandi ficou a cargo de organizar o Instituto Central de Restauro (ICR), uma vez que se fazia necessária novas soluções práticas para resolver a ampla destruição do Património que ocorria na Europa por consequência da pela 2º Guerra Mundial. Para recuperar a identidade destruída pós-guerra, diversos debates foram realizados e a corrente ideológica mais apoiada na altura era que o restauro teria que buscar a simplificação e a recuperação do cenário, com menor desperdício de tempo e recursos.

Na metade do século XX, Cesare se empenhou em produzir inúmeras obras relacionadas a sua área de conhecimento e à sua vasta experiência prática e reflexiva acumulada no IRC, e neste contexto Brandi desenvolveu as linhas gerais de sua principal contribuição para a área, denominada de teoria do “Restauro Crítico”. Esta obra influenciou a elaboração da Carta de Restauro Italiana em 1972 e sua filosofia e pesquisa contribuíram para toda a formulação dos atuais pensamentos relacionados a restauração.

Para Brandi[25], o restauro é o momento metodológico do conhecimento total da obra de arte, de forma que todos os aspectos físicos, sejam eles da transformação ao longo do prazo ou a qualidade de natureza comum e essencial que é encontrada em cada um dos edifícios, seja percebida para que permaneça a fim de resgatar a identidade artística original do objeto.

Como cada obra é um caso, há diversas formas de conseguir restaurar uma obra de arte ou arquitetura visando a sua transmissão

[24] Cesare Brandi nasceu em Siena, 8 de abril de 1906 e faleceu em Vignano, 19 de janeiro de 1988.
Brandi é um dos principais nomes da restauração de objetos de arte e fundamentou o "restauro crítico" nos anos 40 juntamente com Roberto Pane e Renato Bonelli. Em 1938 Brandi organizou o Instituto Central de Restauro (ICR) em Roma, instituição da qual se tornou diretor em 1939 que se tornou a referência para técnicas de restauração, proteção, salvaguarda e restauro de obras de arte e arquitetônica, em toda a Itália.

[25] BRANDI, Cesare. “Teoria del restauro”. Ed. di storia e letteratura, 1963.

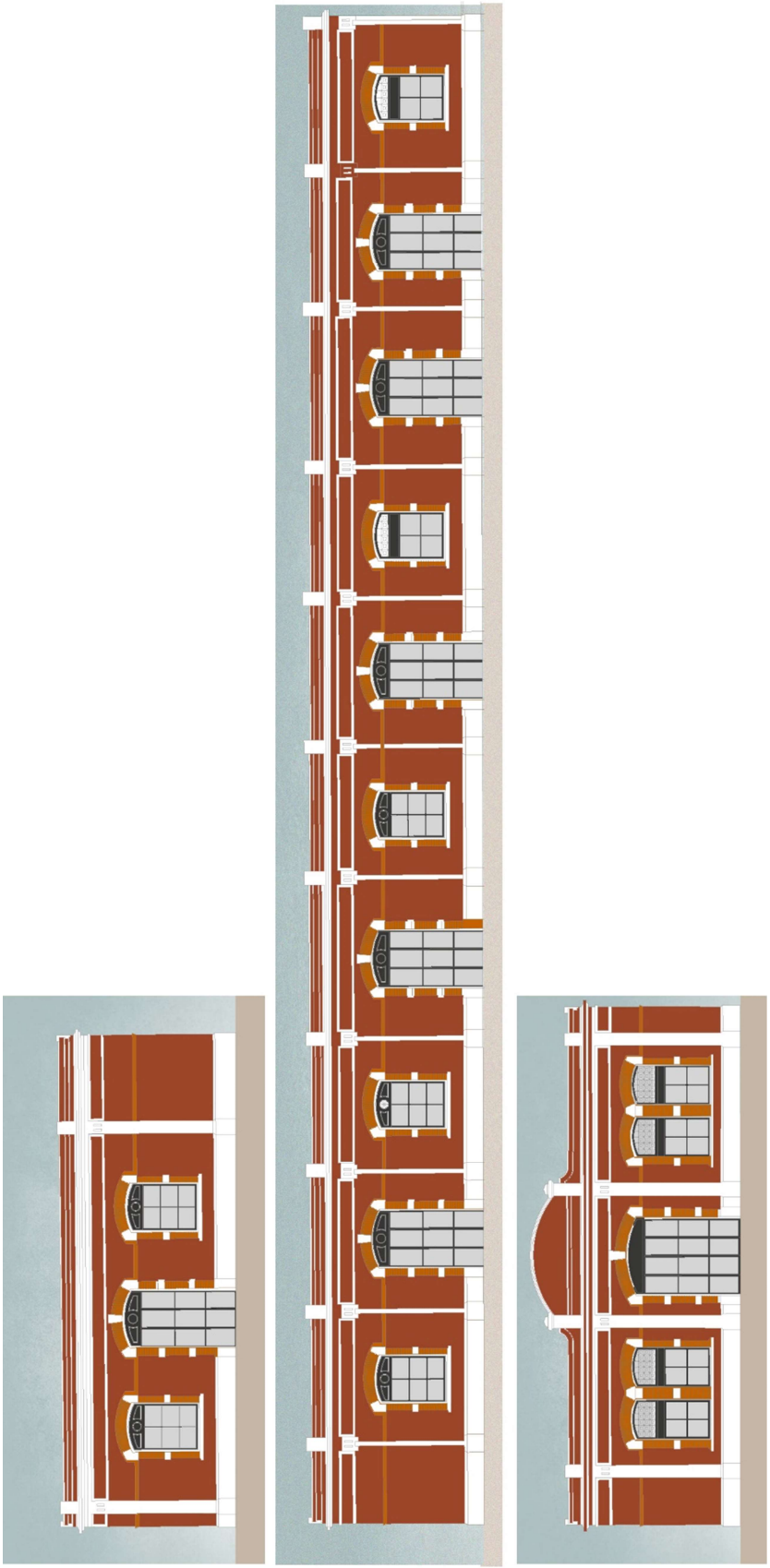


Imagem 12| Fachada proposta– Em ordem: Rua Arco de Alcântara, Rua Vieira da Silva e Av. 24 de Julho

para o futuro desde que o restaurador busque a unidade potencial, sem, contudo, produzir falsificação ou eliminar a patina característica do tempo da obra.

A filosofia do restauro critico pode ser resumida em dois axiomas que norteiam seu pensamento[26]:

1º. axioma: "restaura-se somente a matéria da obra de arte", restaurar somente a matéria, sem cometer falso artístico, sem intervir ou modificar o original da obra.

2º. axioma: "A restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo", Brandi defende que o objeto restaurado não volte no momento da criação, e sim que continue carregando as marcas do tempo, respeitando a temporalidade e a sua conformação original.

Em suma, deve-se manter o máximo do original, e, ao restabelecer a unidade potencial de uma obra, não se deve fazê-lo ao ponto de destruir sua autenticidade. As reintegrações devem ser visíveis, mas que tornem possível a leitura da obra como uma unidade.

[26] **BRANDI,** Cesare. "Teoria del restauro". Ed. di storia e letteratura, 1963.

7.3 | A proposta do Projeto Hibrido

7.3.1 | | Edifício Hibrido - A Implantação

O objetivo deste projeto é a interação social e toda a possibilidade de apropriação do espaço público além da sua capacidade de organização de caráter urbano em um só quarteirão. De forma a impulsionar as atividades humanas públicas e privadas naquele espaço, o edifício hibrido estende-se por todo o quarteirão, preenchendo-o quase todas as suas possíveis faces e permitindo assim que o seu interior torne-se um pátio interno público.

O terreno originalmente detém de um desnível natural mais acentuado na esquina nordeste, chegando até 7,50 metros acima do nível em que se encontra a fachada industrial existente, no lado oeste. Sendo assim, o edifício inicia a sua implantação por completo no nível zero e utiliza este desnível para conseguir desenvolver diferentes acessos de caráter público e privado no nível superior do quarteirão.

O terreno que hoje tem diferentes curvas de nível, sofre então uma alteração com a implantação do edifício de forma a permitir que o pátio interno se desenvolva ao nível da Rua 24 de Julho, ou seja, no nível 0 do terreno.

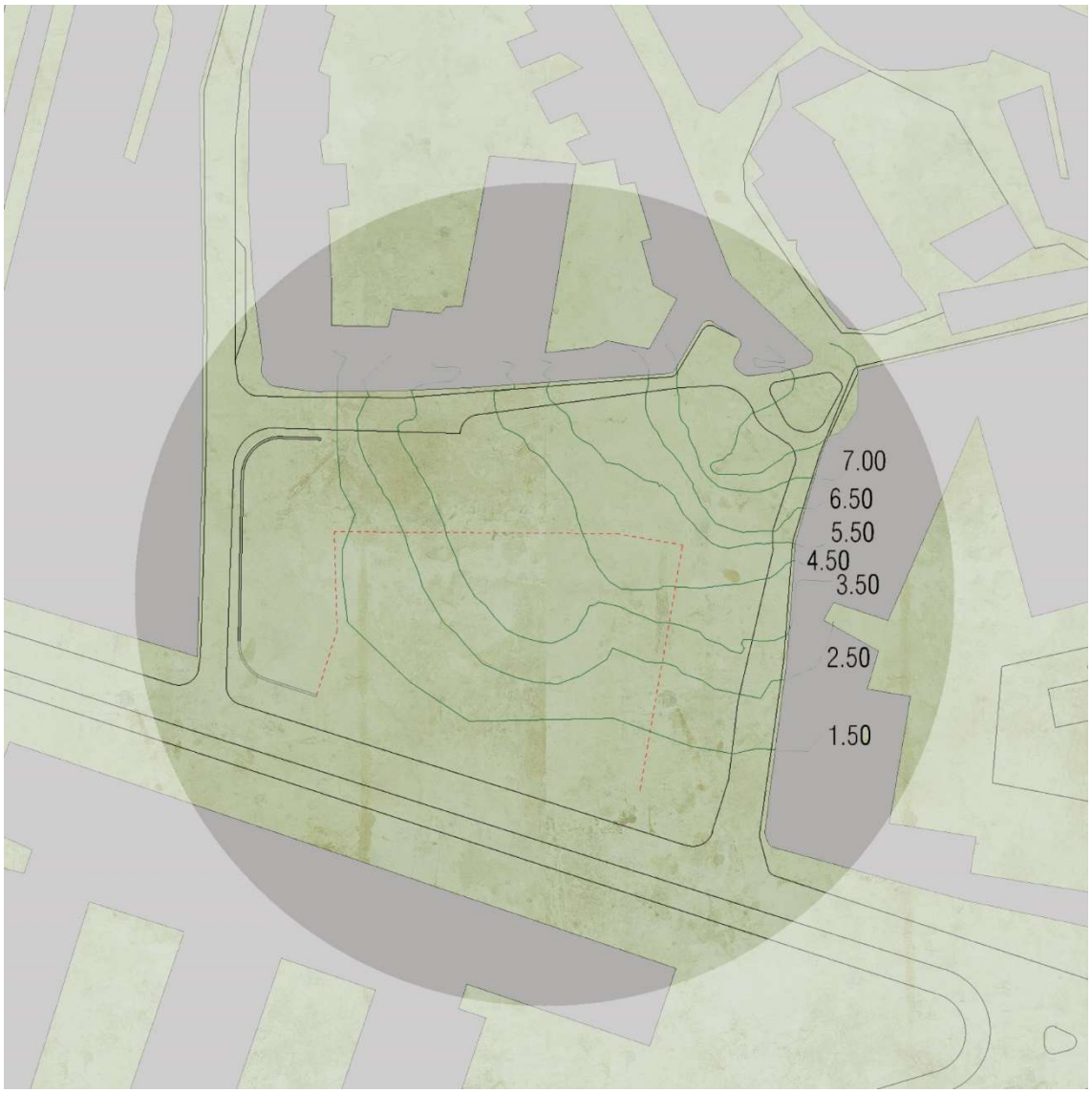


Imagem 13| Planta de situação atual com curvas de nível naturais verdes e em vermelho o corte da implantação do projeto



Imagem 14| Perfil do corte do terreno com a implantação. Retirada do terreno a mancha representada em marrom.

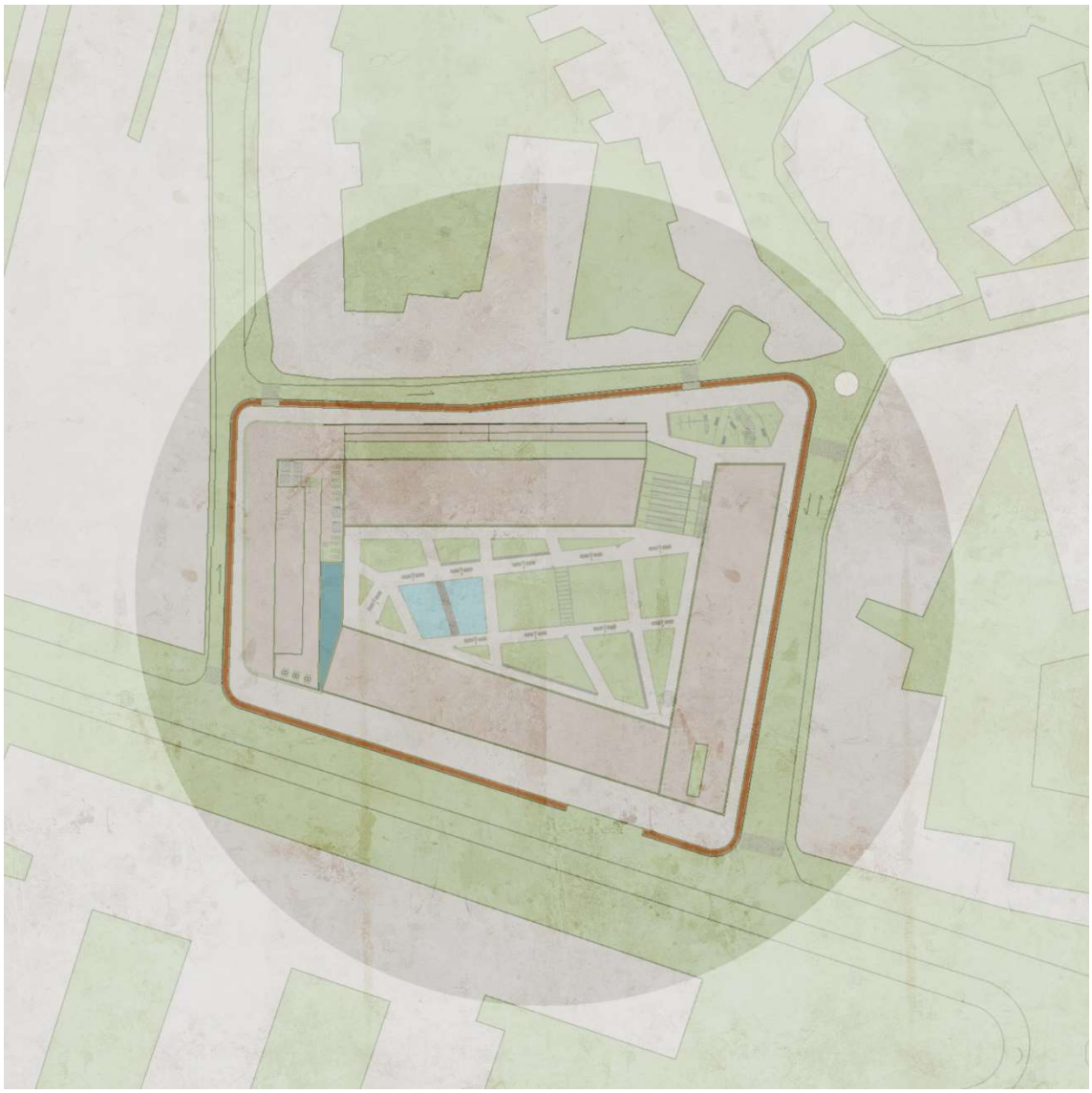


Imagem 15| Planta de situação proposta e entorno

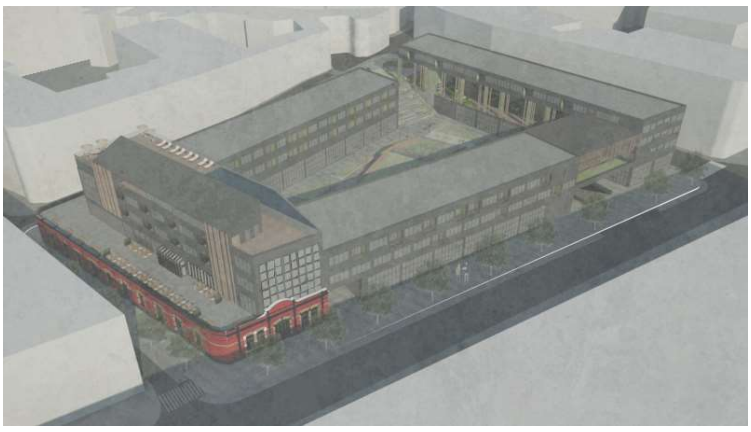


Imagem 16| Maquete eletrônica do edifício híbrido



Imagem 17| Maquete eletrônica do edifício híbrido – fachada Av. 24 de Julho

7.3.2| | Edifício Hibrido

A estrutura, os materiais e a sustentabilidade

O edifício foi todo idealizado esteticamente a combinar com a fachada original existente industrial do início do século XX sem perder, contudo, a identidade de ser uma arquitetura contemporânea. Sendo assim, o edifício híbrido num todo foi projetado com linhas mais ortogonais, uma volumetria de subtrações da forma e com sustentação de pilares e vigas metálicas em I.

Com paredes de alvenaria, a sustentabilidade do edifício é concretizada com fachada ventilada (detalhe 01), jardins verticais (detalhe 02), paredes ajardinadas (detalhe 03), terraços verdes (detalhe 04), cobertura com drenagem e armazenamento de água pluvial (detalhe 05)[27].

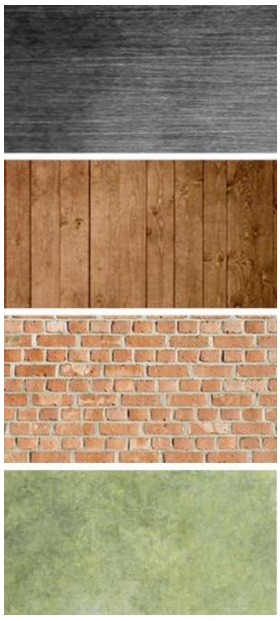


Imagem 18 | Metal preto, ripas de madeira, tijolinho e vegetação.

A parte estética da fachada e toda a linguagem do edifício tem um caráter marcante a partir dos materiais e suas combinações. Ainda buscando as marcas industriais, o metal cinzento é representado na fachada revestindo-a e também está presente nas esquadrias dos vãos externos e internos da construção. Ripas de madeira estão constantemente no projeto, em diversos locais da fachada este material ajuda a buscar a privacidade desejada e proporciona em certos casos uma sensação de verticalidade da forma. A vegetação garante o aconchego, o disfarçar de volumes arquitetônicos em espaços públicos verdes e contribui para a sustentabilidade do edifício híbrido. Os tijolos aparentes revestem algumas paredes internas e acabam por contribuir para que internamente a arquitetura industrial seja percebida e sentida, obtendo assim, a mesma linguagem que a fachada.

[27] Estes detalhes iniciam-se na folha de número xx

7.3.3 | | Edifício hibrido - O projeto[28]

O projeto materializa-se em uma construção de 3 a 5 pavimentos acima do solo e um pavimento subterrâneo, onde encontra-se o estacionamento. Os seus usos são mistos e interligados, que podem ser separados em 8 usos, entre ambientes públicos e privados. Por questões de segurança, o projeto detém de saídas de emergência e de escadas de emergência, além das três circulações verticais principais.

01 | Estacionamento:

O subsolo da construção foi destinado para o estacionamento subterrâneo com capacidade até 167 carros e 33 motas, preenchendo por completo quase todo o terreno disponível. Seu acesso de veículos é pela Rua 24 de Julho e os acessos de pedestres acontecem em três pontos distintos: no espaço público 01, da entrada do Apart Hotel e da Habitação.

[28] Plantas técnicas em Anexo II

02 | Espaços Públicos:

Espaço público 01

Os Espaços públicos são divididos basicamente em três zonas completamente distintas. A primeira é o pátio interno, com canteiros e mobiliário urbano tais como bancos, postes, lixeiras, bicicletário e etc. O intuito deste espaço é que seja amplo, com relvados para descansar, pouca vegetação alta, espelho d'agua e uma espécie de elevação central relvada para contemplação do céu ou descanso no meio da tarde. O facto de não ter função a priori impulsiona seus visitantes a se apropriar do espaço e sentirem que os pertence-lhes.



Imagem 19| Maquete eletrônica do Espaço público 1 – Pátio interno

Espaço público 02

A segunda zona é uma subtração da volumetria, que apesar de ser coberta, detém de uma vegetação mais densa e alta e caminhos de ripa de madeira ortogonalmente irregulares para que seja um refúgio da cidade e do estresse do dia a dia em meio ao caos. Esta segunda zona é um respiro da construção e de qualquer visitante que se encontre neste espaço público.



Imagem 20| Maquete eletrônica do Espaço público 02

Espaço público 03

A terceira nada mais é do que uma praça tradicional de bairro com uma zona especial para cães, outra para crianças e um pergolado a proteger mesas e cadeiras, o que claramente toda freguesia deveria ter. A velha e tradicional praça que reúne tudo e todos.



Imagem 21| Maquete eletrônica do Espaço público 03

03 | Salas comerciais

No rés do chão da Av. 24 de Julho e Tv. Baluarte, as salas comerciais se dão tanto para as ruas quanto para o pátio interno. São 14 lojas com cerca de 100m² e uma área de serviço dividida em depósito e wc.

04| Café

O café encontra-se na fachada industrial tombada existente, e divide-se em 3 áreas. A de serviço com cozinha, área de lavagem, área de preparo, câmara frigorífica e congeladora, depósito e sala de funcionários.

A segunda é a loja com o balcão onde os clientes podem comprar os produtos e sentarem-se em diferentes tipos de mobiliário ou até mesmo em sua extensão na esplanada (pátio interno).

A terceira é uma zona mais reservada, com a possibilidade de separá-la com divisórias, exclusiva para pessoas que queiram sentar-se e estudar e até mesmo trabalhar. É uma área de Co-working em formato Open Space.

05| Coworking

Este uso tem a entrada voltada para o pátio interno, e detém de várias salas com a possibilidade de alugá-las para reuniões, conferências e até mesmo salas para estudos individuais e coletivas. Com uma estrutura para quem não quer alugar um escritório para conseguir exercer a profissão, o espaço contém wc's, cacifos, depósito e uma receção.

Há 16 salas com mesa para reunião de até 8 pessoas, 9 salas com mesa de trabalho ou estudos para 2 pessoas, 2 salas para 2 pessoas terem uma reunião intima ou reunião via internet e 6 salas individuais.

06| Centro de convenções

Com entrada pelo pátio interno e em uma parte do terreno semienterrado, o centro de convenções, é um espaço destinado para eventos. Sendo assim, o local comporta um grande saguão com um balcão de informação/administração e duas salas multimídias com capacidade para 80 pessoas cada uma.

07| Apart-Hotel

O apart Hotel possui a sua entrada pela Rua 24 de Julho, na fachada preservada existente, onde se encontra a sua receção.

No segundo pavimento a zona de serviço do hotel encontra-se virada para o sul, ao lado do lobby dos elevadores, com sala de funcionários e balneários. Neste mesmo ambiente, por ser de fácil acesso, encontram-se os apartamentos adaptados para pessoas com mobilidade reduzida. Indo na direção norte da planta baixa o corredor interno aberto para o pátio corre paralelamente à sala de pequenos almoços que se estende para o terraço, contudo, apesar de pertencer ao hotel, há como esta sala virar um bar no período da tarde/noite e assim estar disponível para o público fora do Apart-hotel.



Imagem 22| Maquete eletrônica do terraço

Mais ao fim, há a administração do Apart-Hotel com sala de reuniões, gabinetes fechados e ambiente aberto de trabalho. Na fachada Norte ficam os quartos de hotel Tipo 01 com 1 ou 2 quartos virados para a parte interna no edifício. Uma vez que o acesso ao terraço da sala de pequenos almoços/bar se dá pela fachada norte e ao nível dos quartos, uma divisória com ripas de madeira e jardim vertical promove a privacidade necessária para os quartos.

No terceiro pavimento estão dispostos os quartos Tipo 02, com 1 e 2 quartos, virados tanto para dentro quanto para fora da construção. Na parte norte da planta baixa há uma zona comum para os hóspedes, que é chamada de sala de estudos, mas que pode ser um local de estar, de silêncio, de trabalho e de convivência – além das outras existentes.

O quarto pavimento é um andar mais intimista, detendo só de quartos tipo 02 e de uma visão superior do corredor à sala de estudos de pé direito duplo.

Já o quinto pavimento é o terraço e espaço de lazer dos hóspedes. É nele que se encontra o ginásio, a piscina com borda infinita[29], um deck e o bar.



Imagem 23| Maquete eletrônica da piscina

08| Habitação

O acesso à habitação é pela Tv. Baluarte, quase na esquina da Rua 24 de Julho, com uma ampla e luminosa portaria. No segundo pavimento, a partir do lobby dos elevadores é possível acessar dois apartamentos, um com dois quartos e outro com três e também uma área comum de contemplação – extensão do espaço público 02. Ao acesso a segunda parte de apartamentos deste andar, há uma área comum para os habitantes, uma horta comunitária. Este ambiente promove a sustentabilidade, a boa convivência e saúde dos moradores. Ao atravessar a horta, a zona de habitação continua e estende-se com apartamento tipo com um, dois e três quartos.

No terceiro pavimento, encontra-se somente dois apartamentos com três quartos e o lobby com visão para o Espaço Público 02.

No quarto pavimento, os apartamentos tipo com um, dois ou três quartos estendem-se por cima no Espaço Público 02, finalizando assim está zona habitacional.

Detalhe 01 | Fachada ventilada

A fachada ventilada é uma nova tecnologia que surgiu a partir de estudos realizados em laboratórios a fim de encontrar uma forma de reduzir custos de refrigeração e calefação. O resultado foi um sistema aonde as faces dos edifícios são revestidas com um espaço de ventilação entre o revestimento e o isolamento, que proporciona um efeito chaminé e diminui em até 30% o consumo energético da construção.

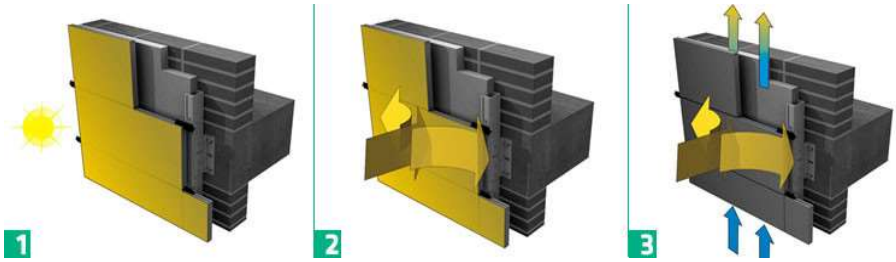


Imagem 24| sistema da fachada | Fonte: https://www.hometeka.com

O sistema baseia-se em revestir a alvenaria com uma capa isolante constituída por materiais que garantem a estabilidade térmica do edifício, uma estrutura de fixação metálica em aço inoxidável e o revestimento exterior que pode variar desde cerâmicas a pedra, concreto e placas metálicas entre outros materiais.

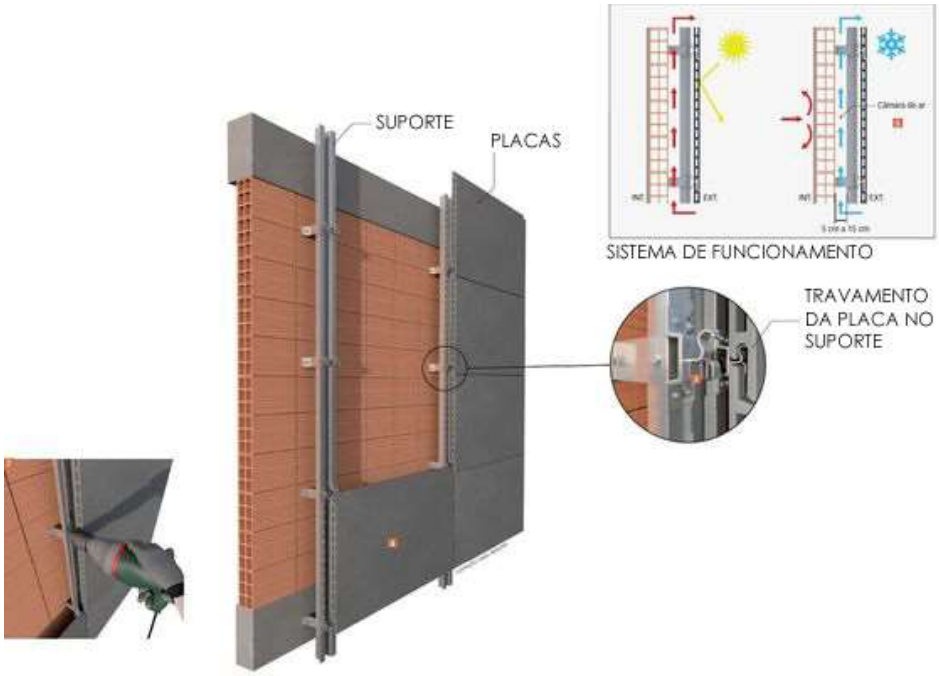


Imagem 25| Pormenor fachada ventilada | Fonte: https://www.hometeka.com

O revestimento exterior neste sistema não é somente de função estética, mas também de proteção à câmara de ar e à parede do edifício. A câmara de ar, por sua vez, deve possuir de 10 a 20 cm para permitir que a respiração ocorra corretamente.

Utilizando os princípios básicos da física, o sol aquece naturalmente o ar que se contra na câmara de ar da fachada, que sobe devido a diferença de pressão e suga o ar fresco que está do lado de fora para dentro. O ar então é constantemente renovado e não chega a aquecer as paredes do ambiente e nem permitir que o vapor de água proveniente do interior ou do ambiente exterior permaneça, mantendo o isolamento seco e diminuindo drasticamente o risco de infiltrações, uma das principais causas de deterioração de fachadas.

Detalhe 02 | Jardins verticais

O jardim vertical encontra-se no projeto das fachadas tal como uma divisória que permite a passagem da luz solar e do vento ao mesmo tempo que ajuda na privacidade e na não amplitude térmica daquele espaço.

Neste sistema escolhido, a tela dá o suporte necessário para que a vegetação trepadeira consiga subir e formar o jardim vertical menos denso.

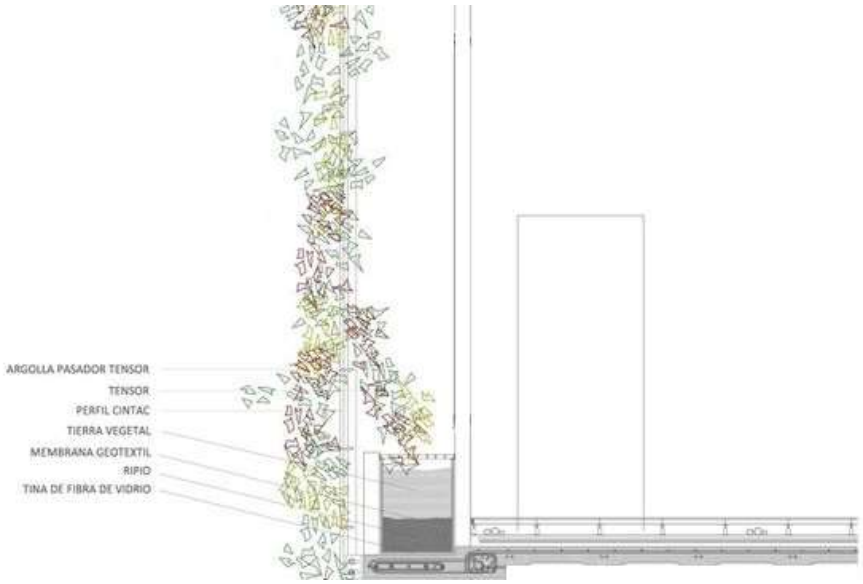


Imagem 26 | Pormenor corte jardim vertical

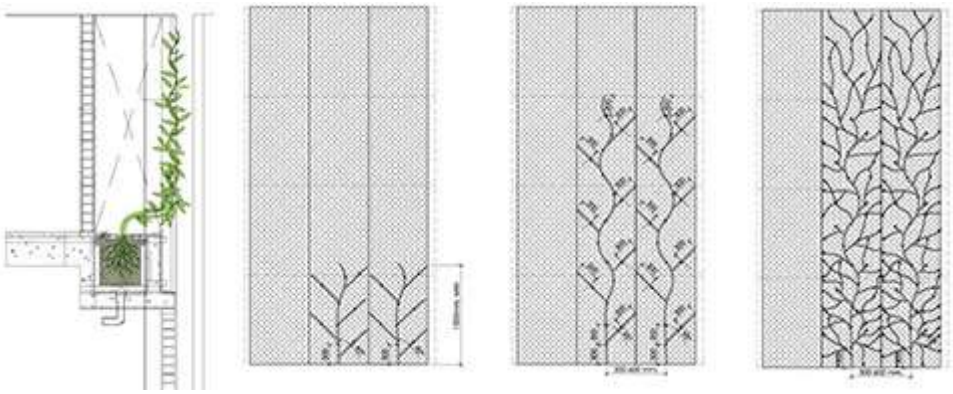


Imagem 27 |Sistema jardim vertical

Detalhe 03 | Paredes ajardinadas

De forma a revestir completamente e parede com vegetação em questão, o sistema é diferenciado do jardim vertical. Sendo assim, de forma densa, a vegetação não permite a passagem de luz ou vento e está inteiramente grudada a parede, tal como no esquema a baixo representado.



Neste sistema, a primeira camada é uma estrutura metálica que estará fixa a parede, em seguida uma manta impermeável, estrutura de drenagem, Filtro, substrato, grelha de sustentação vegetal e vegetação.

Imagem 28 | Sistema parede ajardinada|

Detalhe 04 | Terraços verdes

O terraço verde foi utilizado no projeto tanto no espaço público 01, quanto no espaço público 02 de forma que posse possível utilizar esta área como zonas verdes e ao mesmo tempo não prejudicar o uso no pavimento inferior.



Imagem 29 | sistema e materiais do telhado verde|
Fonte: https://www.tuacasa.com.br/telhado-verde

Detalhe 05 | Cobertura com drenagem e armazenamento de água pluvial

Com o intuito de evitar que nas coberturas planas haja alguns problemas naturais, o recurso escolhido para revestir estas zonas foi a cobertura com drenagem. Além de ser sustentável por armazenar águas pluviais para reaproveitamento, ajuda nos problemas de infiltração que é muito comum em terraços planos.

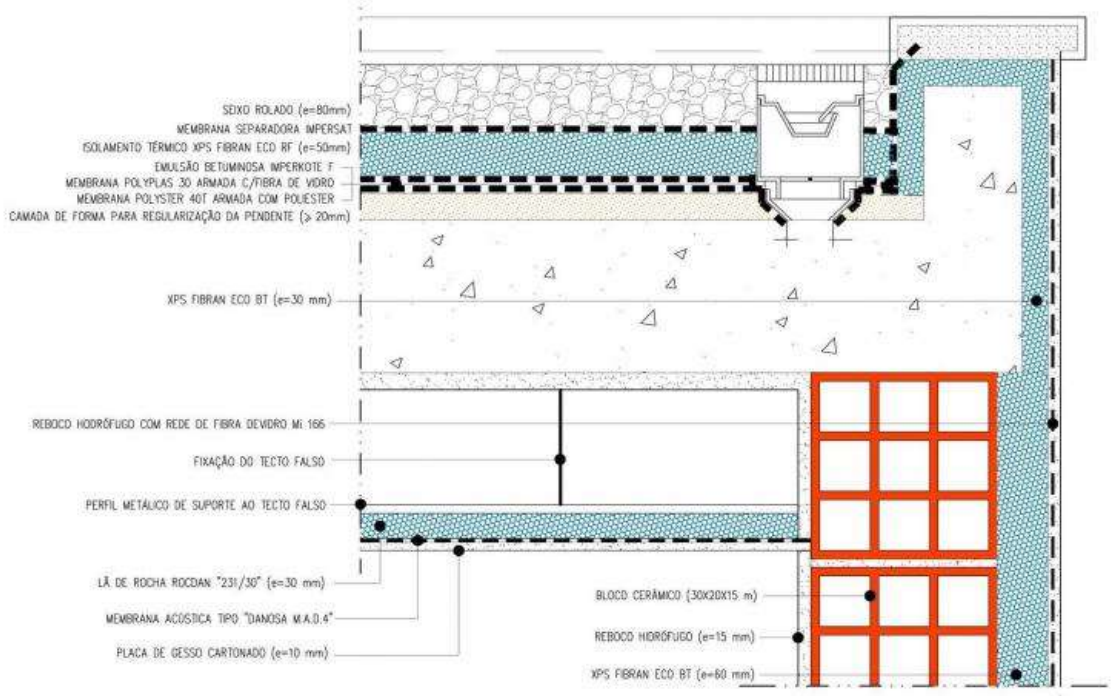


Imagem 30| Pormenor terraço | Fonte: https://www.archdaily.com

Detalhe 06| Piscina com borda infinita

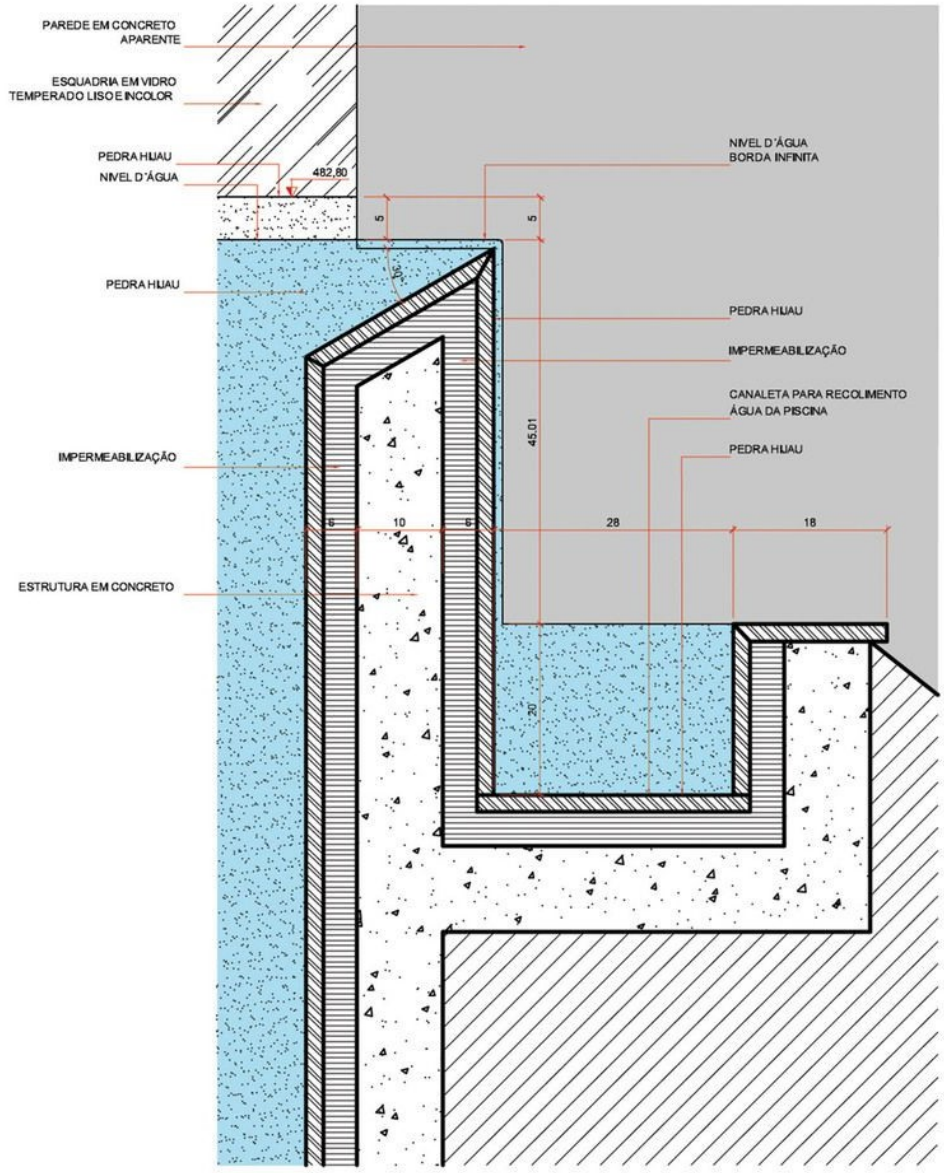


Imagem 31| Pormenor boda infinita da piscina| Fonte: https://www.archdaily.com

Detalhe 07 | Estrutura metálica e alvenaria

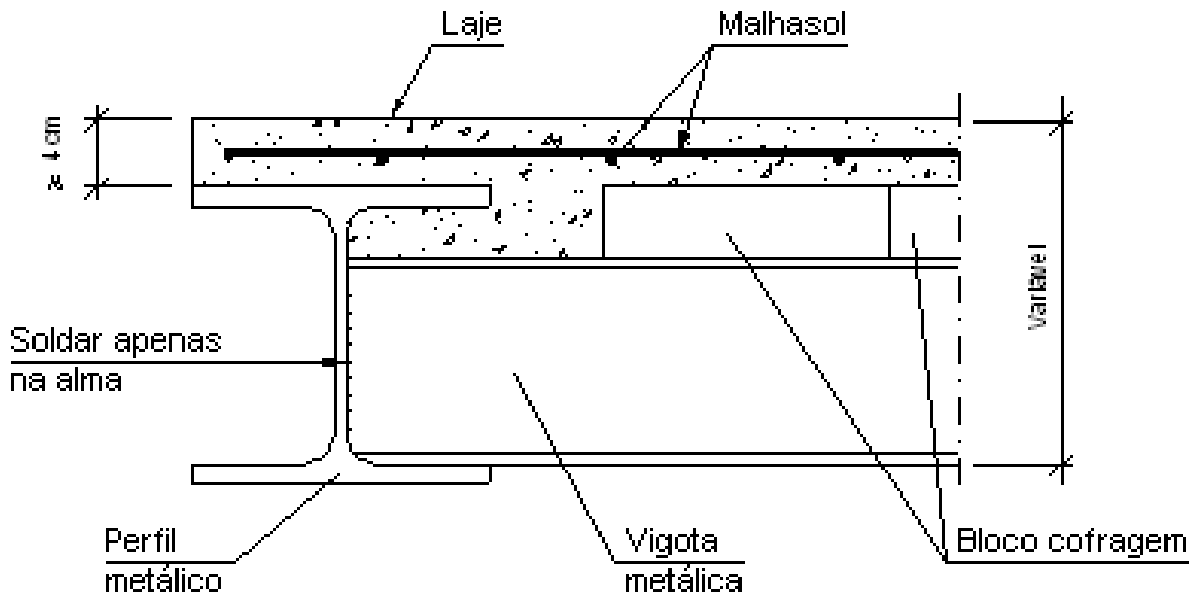


Imagem 32| Pormenor estrutura metálica e fechamentos em alvenaria

Detalhe 08 | laje e revestimento de madeira

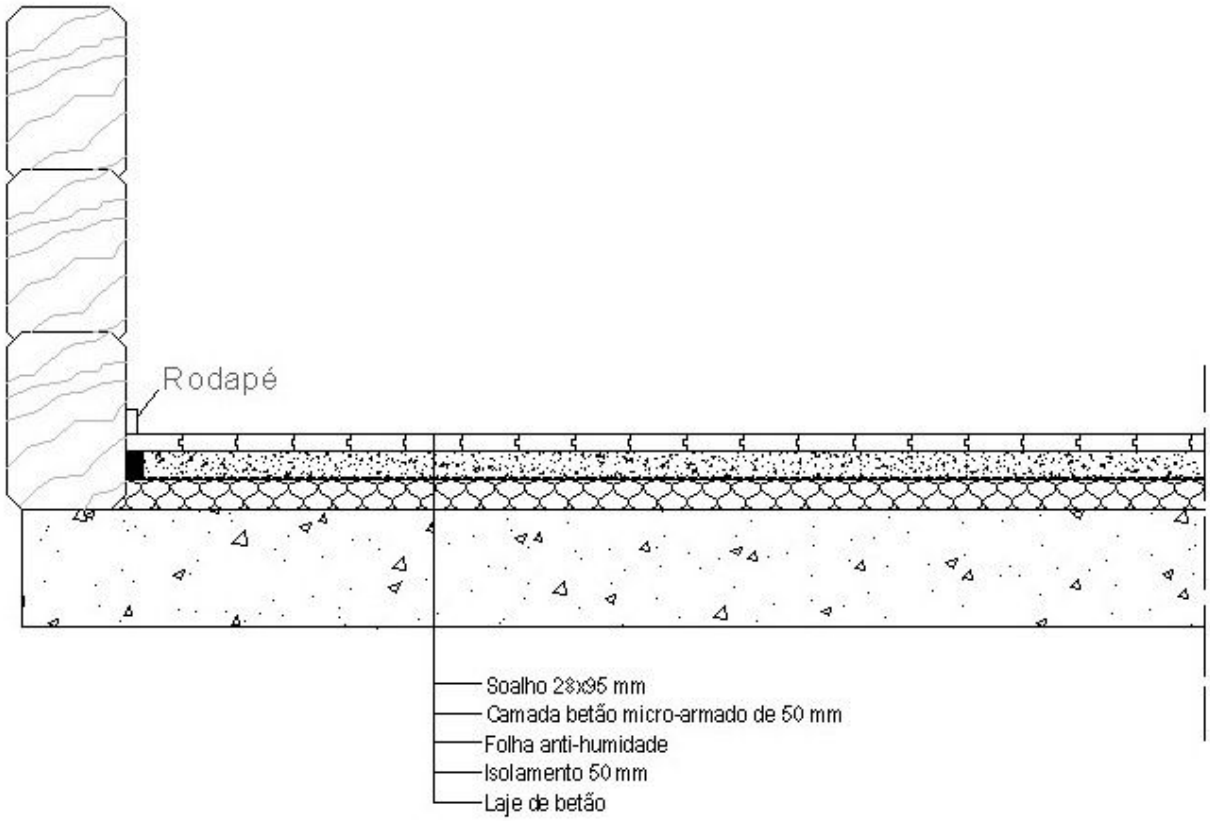


Imagem 33| Pormenor laje de Betão e revestimento de madeira

Pormenor 01 | Parede verde

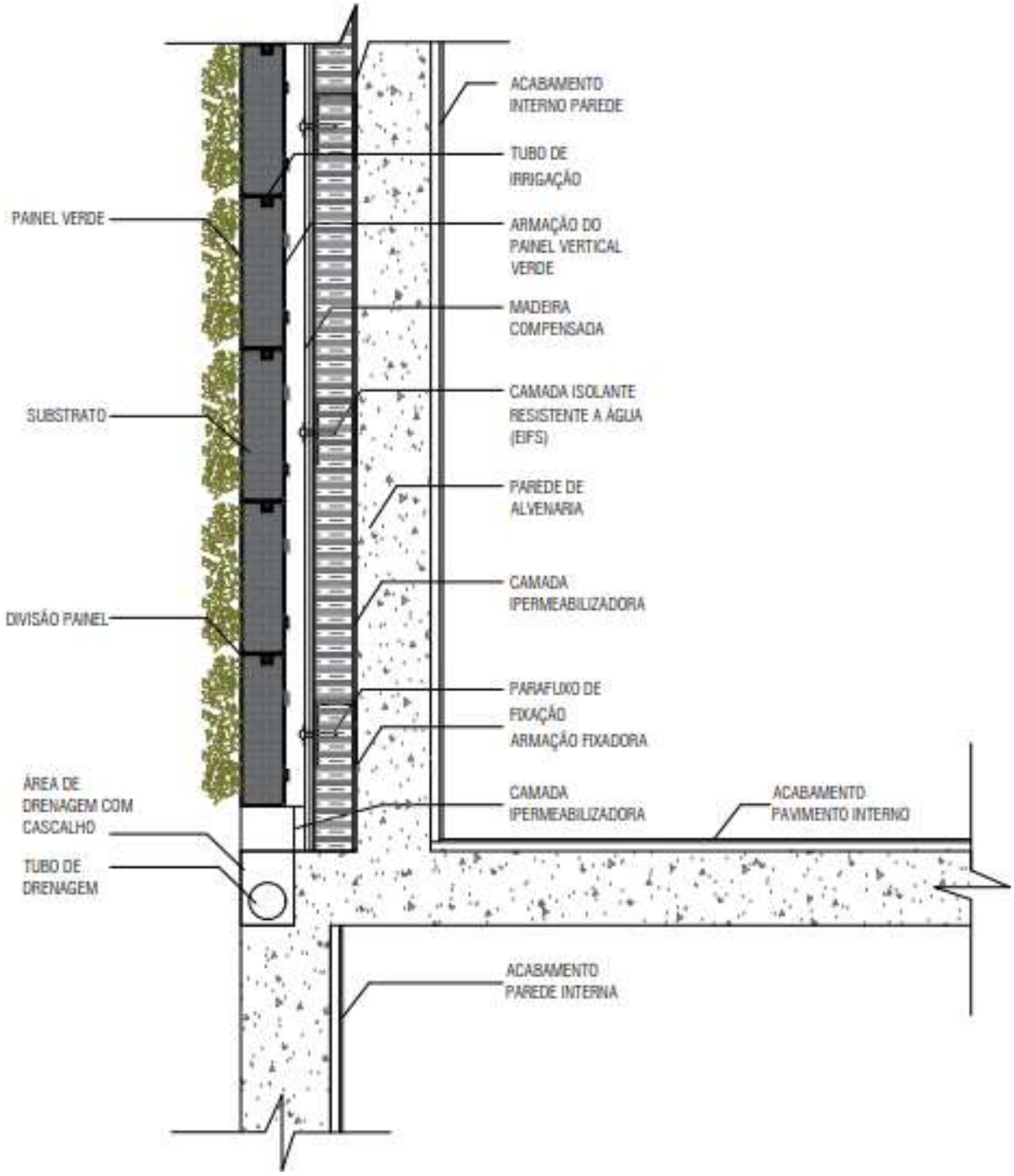


Imagem 34| Pormenor parede verde – parede escada de emergência revestida de vegetação

Pormenor 02| Diferença de pavimento - terraço verde

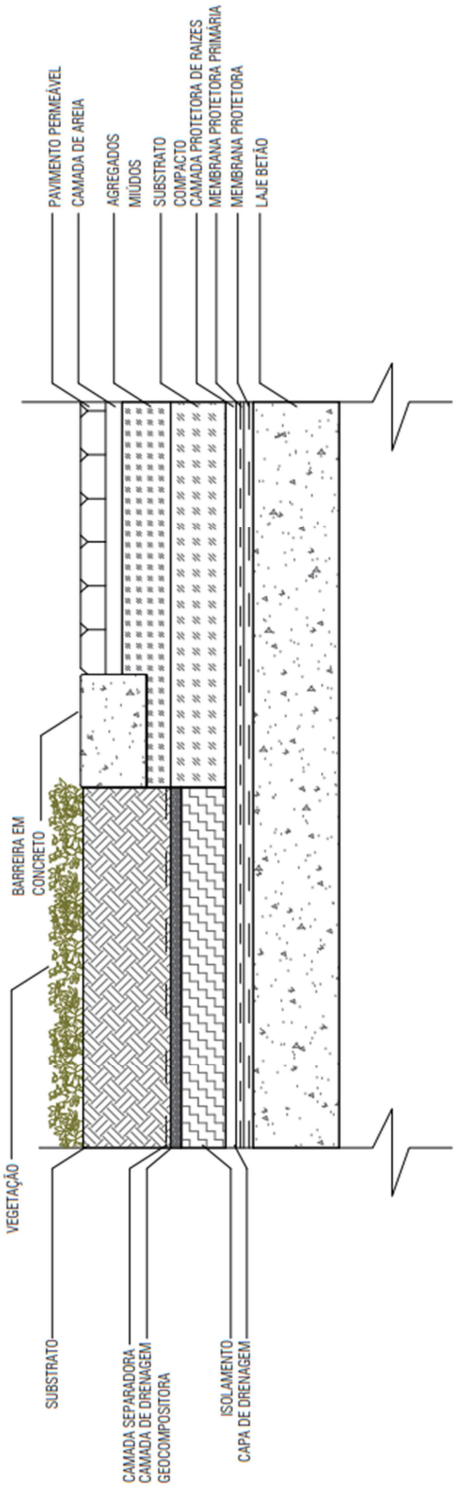


Imagem 35| Pormenor terraço verde – diferença entre pisos, vegetação, concreto e intertravado

08| Bibliografia:

8.1 | Livros e Dissertações

ADLER, David**.** “Metric handbook. Plainning and design data”, 2007

ARAUJO, Norberto Moreira,1943 - Citado em ”Marcas de Indústria no ambiente de Alcântara”; Trabalhos coletivos,1983

AGUIAR, José “Projecto de Conservação: Da Importância do Método à Oportunidade das Surpresas”,2004

AA.VV. “Actas do Seminário Estudos Urbanos 2007”, 2007

AA.VV, “Pelas Freguesias de Lisboa: Lisboa Ocidental”, Câmara Municipal de Lisboa, pelouro da Educação, 1996

BONVALOT, Maria Farinha “Requalificação Urbana Projeto entre infraestruturas em Campolide” 2017

BORDE, Andréa. “Expressões contemporânea dos vazios urbanos”, 2012

BRANDI, Cesare. “Teoria del restauro”. Ed. di storia e letteratura, 1963.

CARMO, Renato Miguel, “A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação”,2009

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Hospitalidade. São Paulo: Aleph, 2004

COSTA, Marco. “Reabilitar cidade a partir de um complexo industrial”, 2017

CUNHA, Licínio. (2010). “Desenvolvimento do turismo em Portugal: Os primórdios”, 2010

DELGADO, M.J.F.C.S “A requalificação arquitectónica na reabilitação de edifícios: critérios exigênciais de qualidade: estudo de casos.” , 2008

DE LISBOA, T.D.A, “Vazios Urbanos. Trienal de Arquitectura de Lisboa”, 2007

FONSECA, Henriques, "Representações sociais sobre mudança urbana no bairro de Alcântara"2016

GRAÇA, Miguel Silva, "Espaços públicos e uso colectivo de espaços privados", 2006

HOLL, Steven, "This is hybrid. An analysis of mixed-use buildings", 2014

JARDIM, J.S. "*Vazios urbanos em Lisboa no virar do século: reocupações alternativas*"2016

JORGE, L.D.O.,. "Estratégias de flexibilidade na arquitetura residencial multifamiliar" Universidade de São Paulo, 2012

LAGO, P.M.D.C., "A desindustrialização em Alcântara: consequências sociais e urbanas", 2015

LNEC e INH, "Guia Técnico de Reabilitação Habitacional". Lisboa, 2006.

MARTINS, Nádia Prosérpio. "Nova vertente da arquitetura hoteleira em São Paulo: o caso dos apart-hotéis". Dissertação de mestrado em arquitetura. São Paulo: FAUUSP, 2000

MOURA, Fátima, "Conversas de Café, Lisboa: Clube do Colecionador dos Correios", 2015

NEVES, Andreia. " O Edifício Híbrido Residencial Temporalidades distintas na vivência da cidade", 2012

PISTOLA, Renato. "Alcântara, A evolução industrial de meados do século xix ao final da i.ª república", 2009

RODRIGUES, Catherine, "A transformação da área industrial de Alcântara : dois casos de estudo : Alcântara-rio e Lx Factory", 2016

SANTOS, M. A urbanização Brasileira, São Paulo, 2005

VAN HOLM, E. J. "Makerspaces and Local Economic Development. Economic Development Quarterly", 2017

VIDAl, Frédéric l, "Les habitants d'Alcântara. Histoire sociale d'un quartier de Lisbonne du XXe siècle", 2006

8.2 | Artigo/outros:

CARMO, Fernanda Heloísa, **VICHNEWSKI,** Henrique, **PASSADOR,** João e **TERRA**, Leonardo. "Cesare Brandi - Uma releitura da teoria do restauro crítico sob a ótica da fenomenologia", 2016

CASTRO, Alessandra,"Espaços Públicos, Coexistência Social e Civilidade", 2002

MARCARENHAS, Fernando in "Sermão ao meu Sucessor", 2003

CASTELLS e HEINECK. "A aplicação dos conceitos de qualidade de projeto no processo de concepção arquitetônica – uma revisão crítica", 2001

JODÃO, Joana. "A presença do vazio arquitectónico elemento estruturador de um edifício híbrido", 2011

ENNES, M. and **MARCON**, F," Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder", 2014

BRAVO, M.D.D.S.L., **GLÓRIA**, P.C.M. and **GLÓRIA**, V.V.R.M.,"cidade: origem e busca por sua (re) construção identitária.", 2019

8.3 | Site

"Identidade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, https://dicionario.priberam.org/identidade - acessado em abril de 2019

"https://ctp.org.pt/" - acessado em novembro de 2018

"https://www.dinheirovivo.pt/empresas/capsulas-de-cafe-ganham-terreno-a-bica" - acessado em 17 de novembro de 2018

"http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx" – acessado em abril de 2019

"https://www.archdaily.com/214007/shoreham-street-project-orange/50178c9828ba0d4431000243-shoreham-street-project-orange-elevation-02" - acessado em abril de 2019

"https://archinect.com/people/project/25246549/interstitial-public-space/25248957"- acessado em abril de 2019

"https://www.archdaily.com/910633/escola-massana-art-and-design-center-estudio-carme-pinos" - acessado em abril de 2019

https://www.hometeka.com.br/inspire-se/fachadas-ventiladas-unindo-design-funcionalidade-e-sustentabilidade/ - acessado em 12 de outubro de 2019

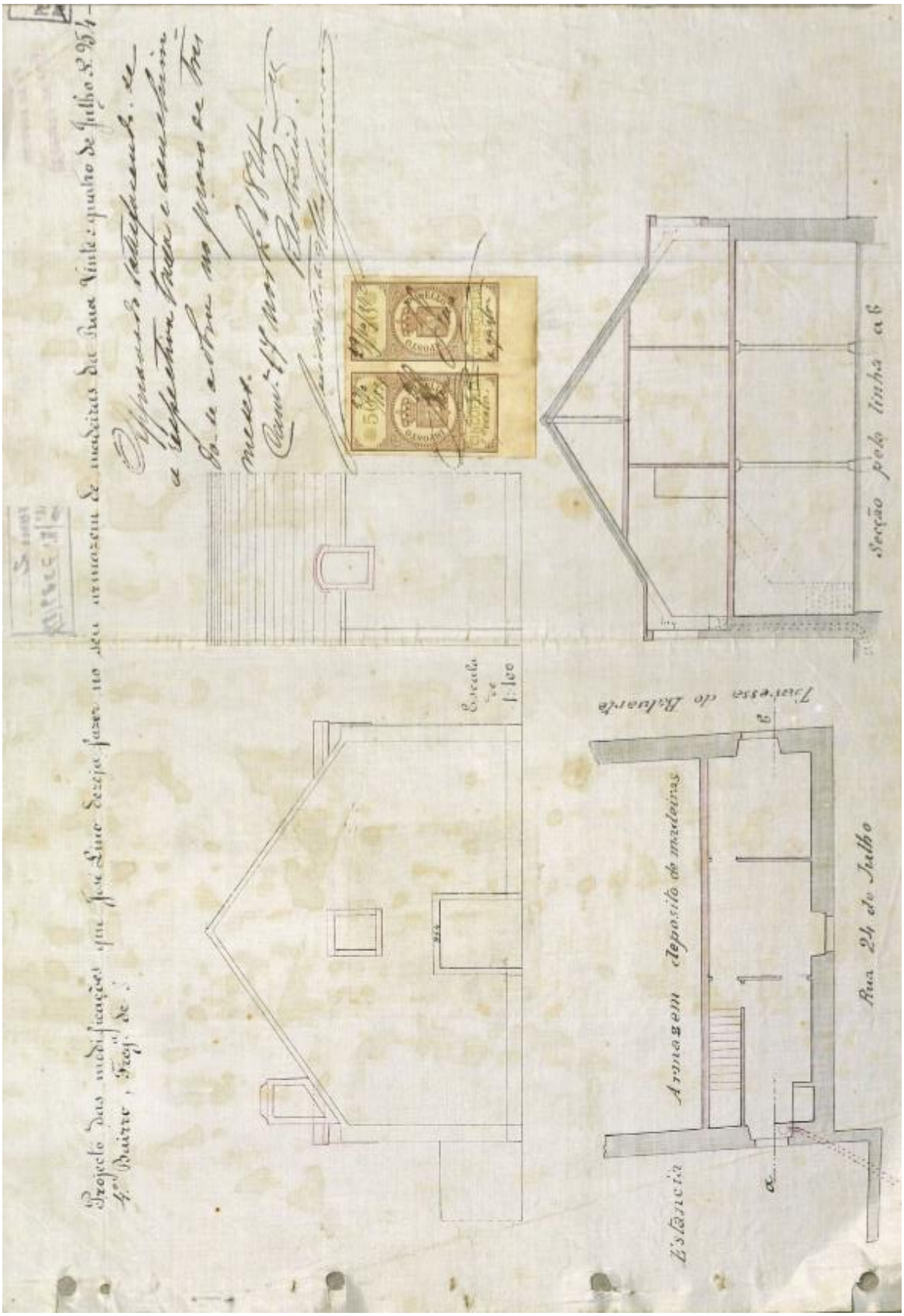
https://www.tuacasa.com.br/telhado-verde/- acessado em 12 de outubro de 2019

www.cm-lisboa.pt/ - Acesso em 2019

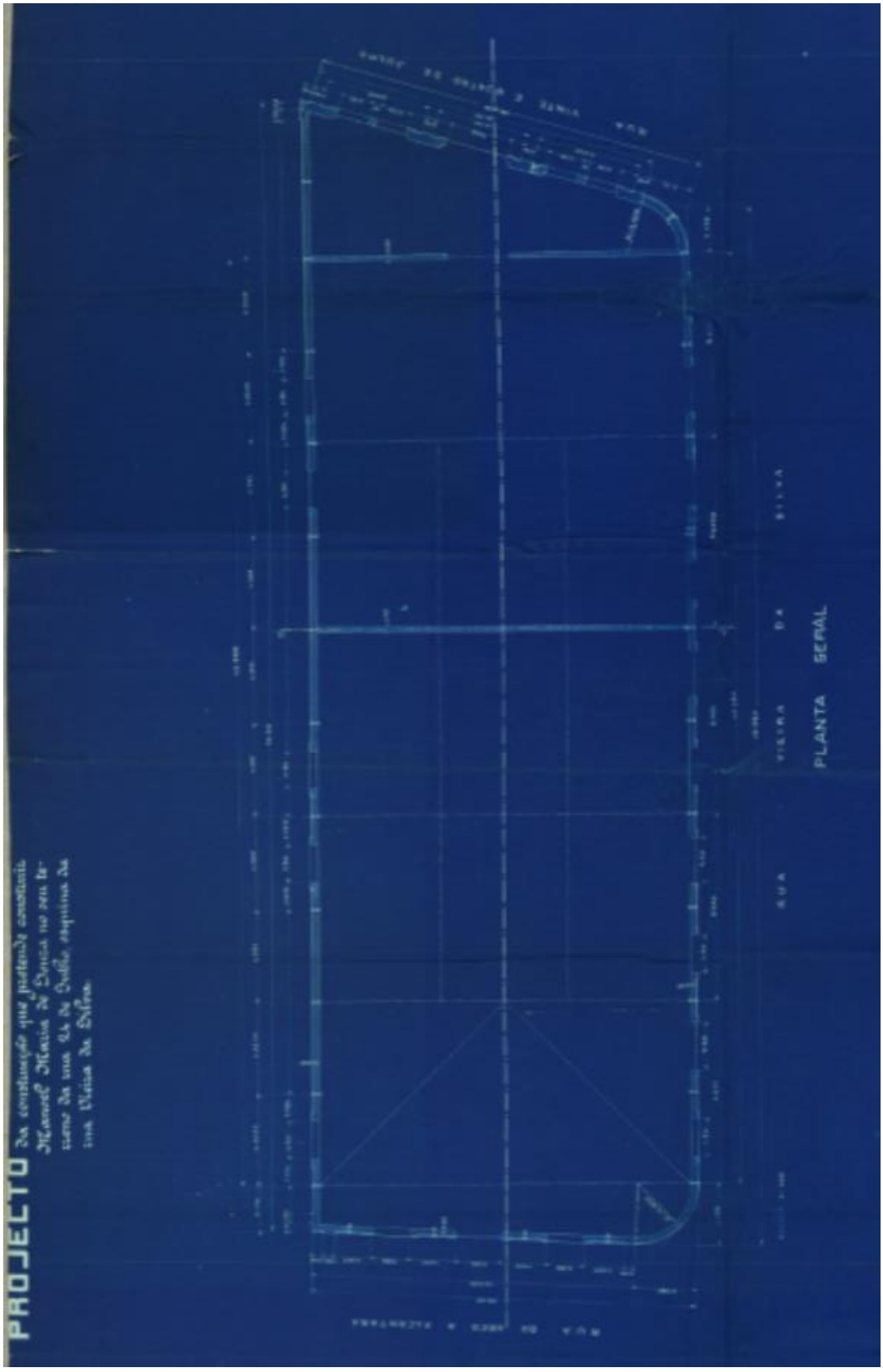
ANEXO I

ACERVO ARQUIVO MUNICIPAL

Anexo 01 - Documento do Arquivo municipal Lisboa 1894



Anexo 02 - Documento do Arquivo municipal Lisboa 1902





FACHADA DA RUA VIEIRA DA SILVA

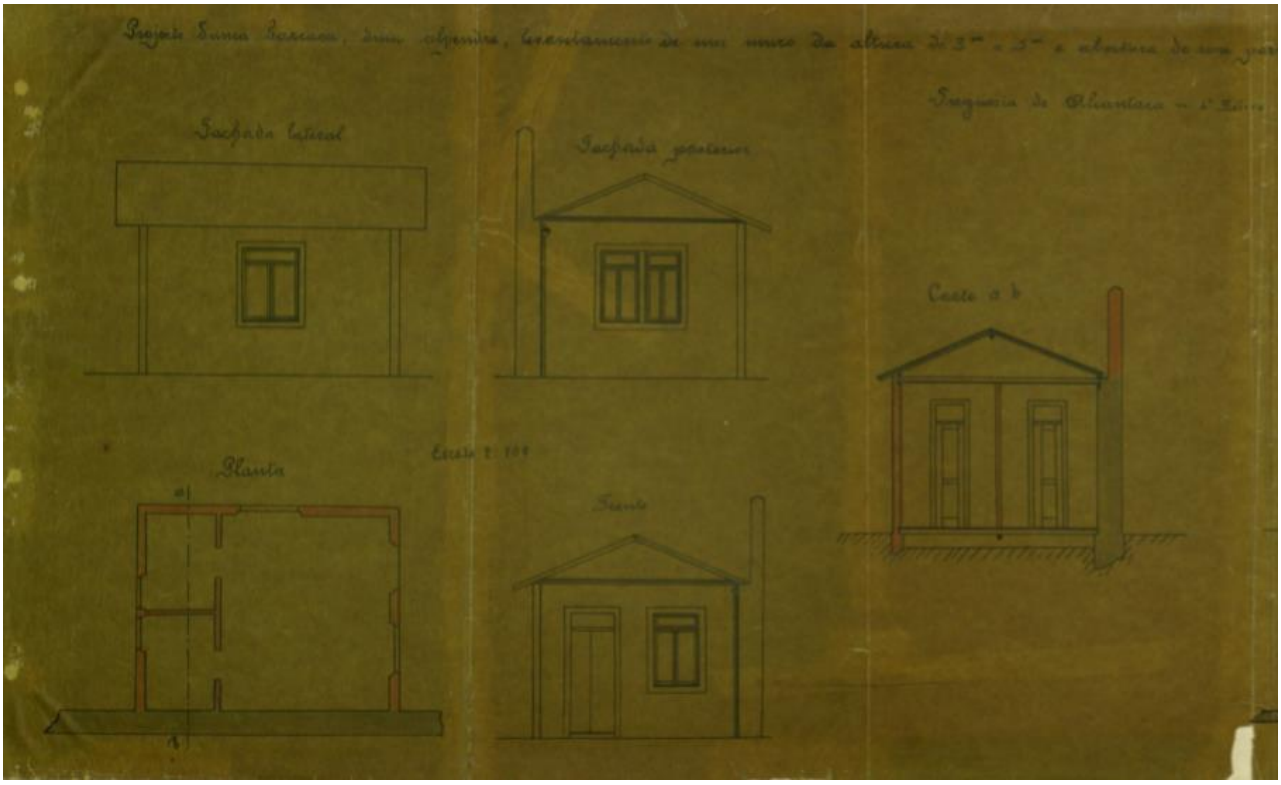


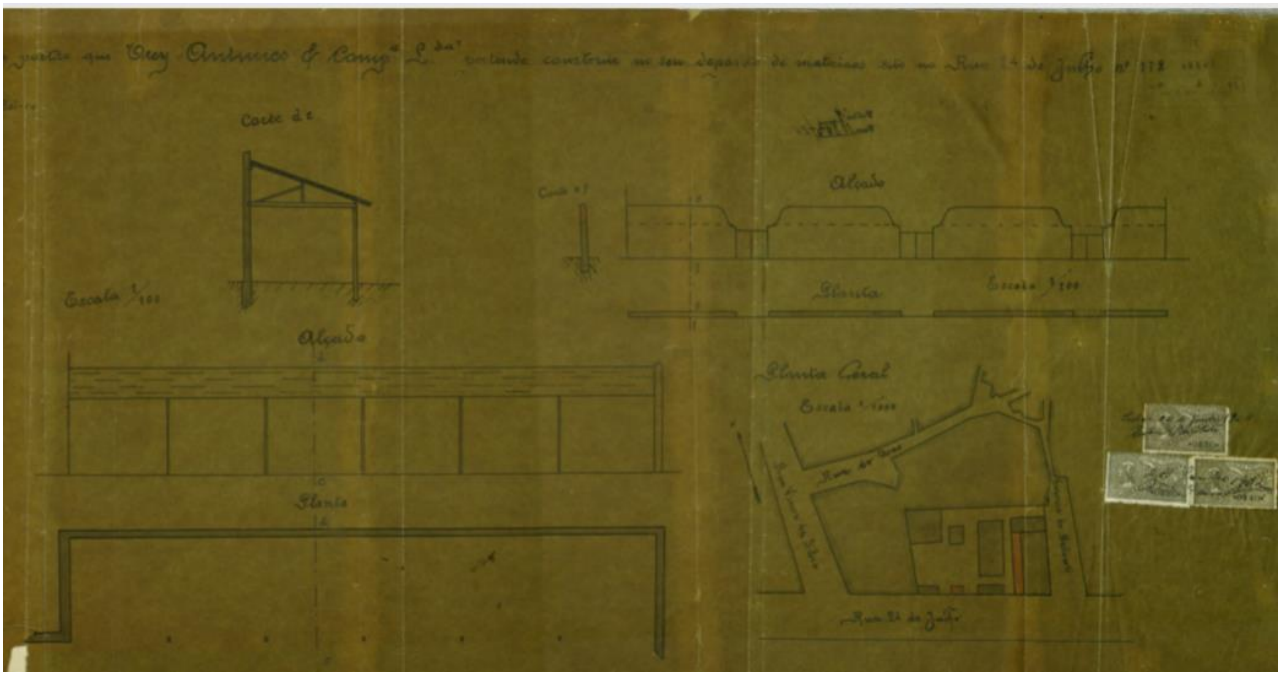
FACHADA DA RUA VINTE E QUATRO DE JULHO

FACHADA DA RUA DO ARCO A ALCANTARA

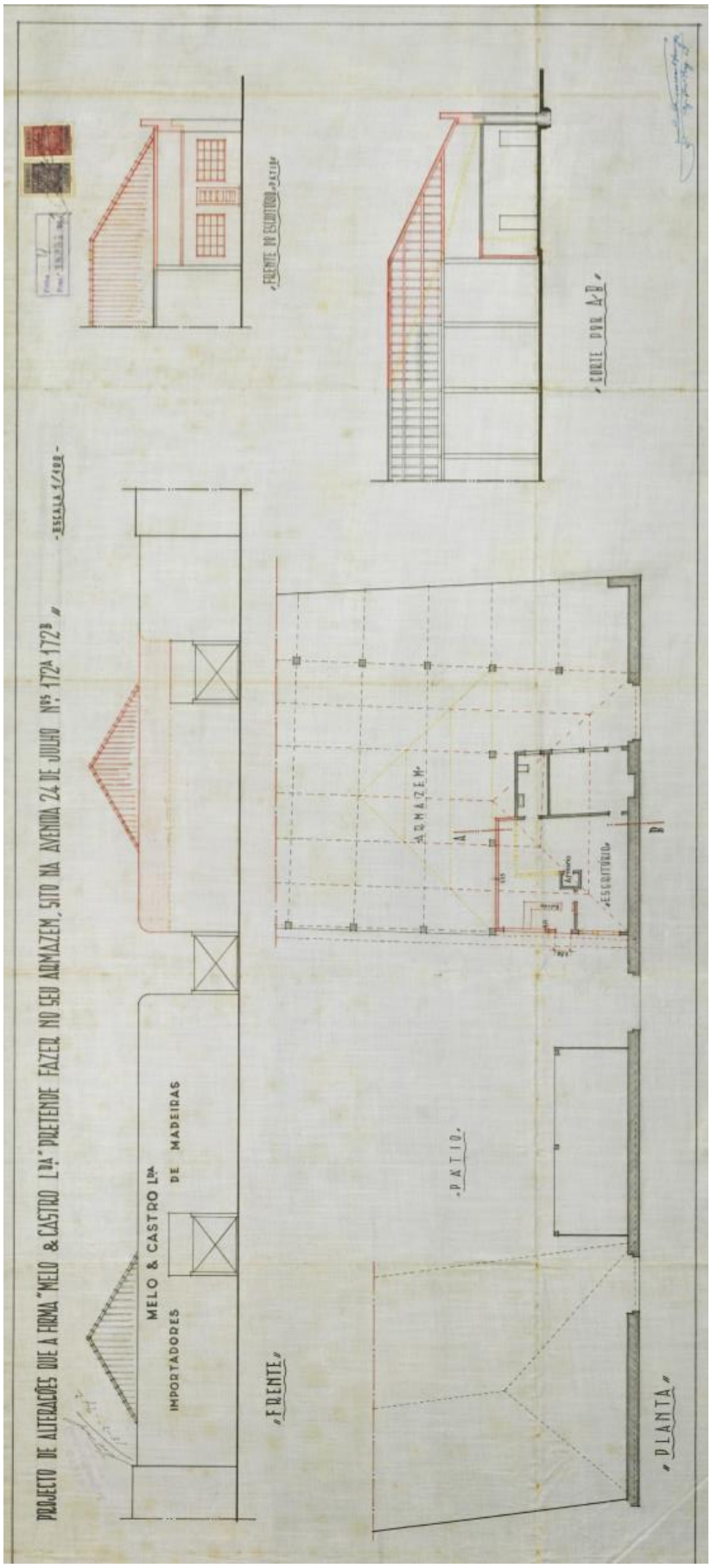
Anexo 03 - Documentos do Arquivo municipal Lisboa 1924 a 1948

Arquivo - 1924

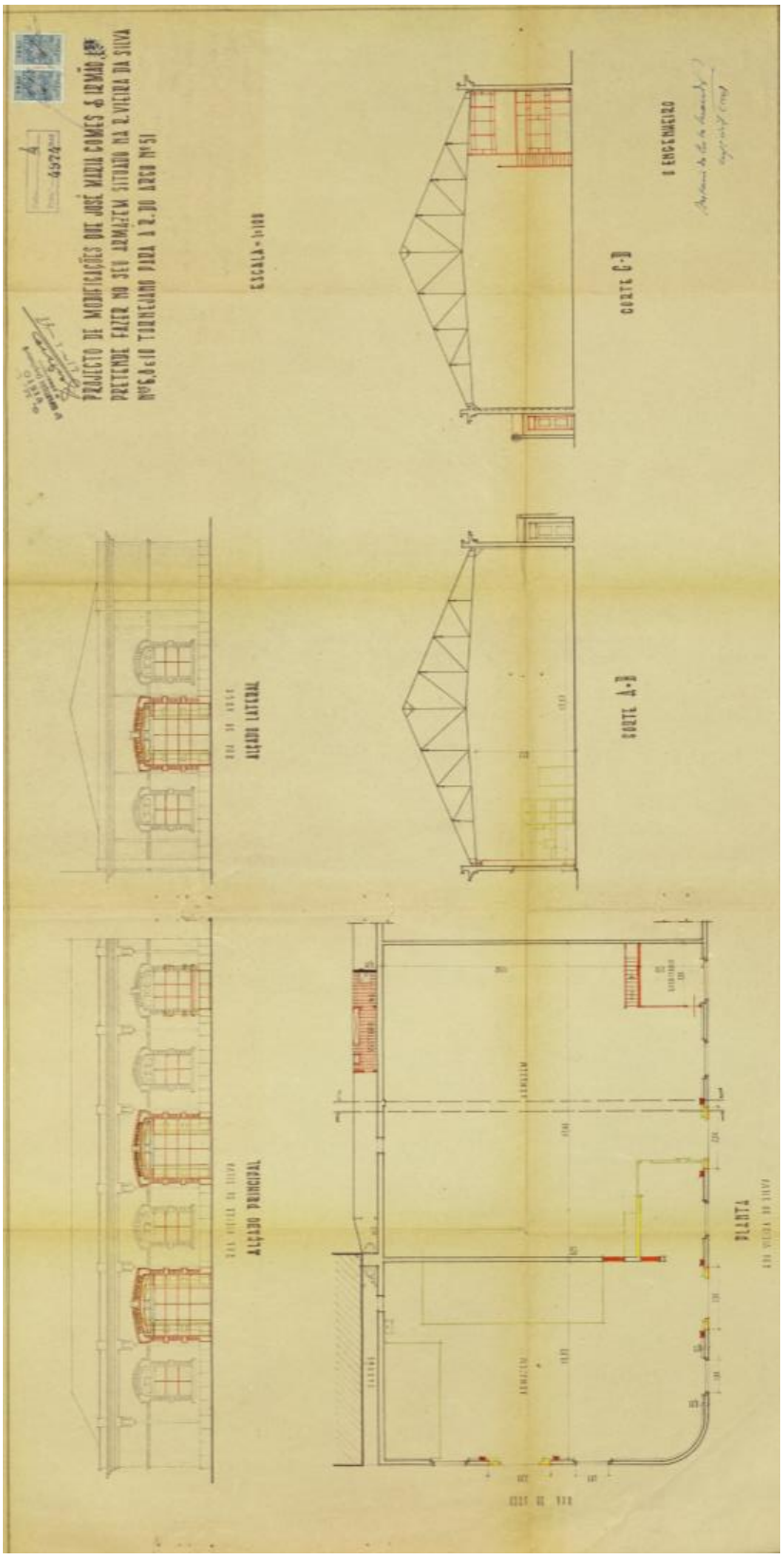




Arquivo - 1942



Arquivo – 1948



ANEXO II

DESENHOS TÉCNICOS



PISO -1	
AMBIENTE	ÁREA
TOTAL - GARAGEM SUBTERRÂNEA	A:6574.16 m²
CAPACIDADE: 162 VAGAS (7 PRIORITÁRIAS) + 33 VAGAS MOTA	
DEPÓSITO 01	A:20.50m²
DEPÓSITO 02	A:91.68 m²
DEPÓSITO 03	A:40.98 m²
DEPÓSITO 04	A:23.86 m²
ENTRADA HOTEL	A:38.68 m²
ENTRADA ESPAÇO PÚBLICO	A:87.10 m²
ENTRADA HABITAÇÃO	A:23.86 m²

0 10 20 30 40 50

ESCALA 1:500

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

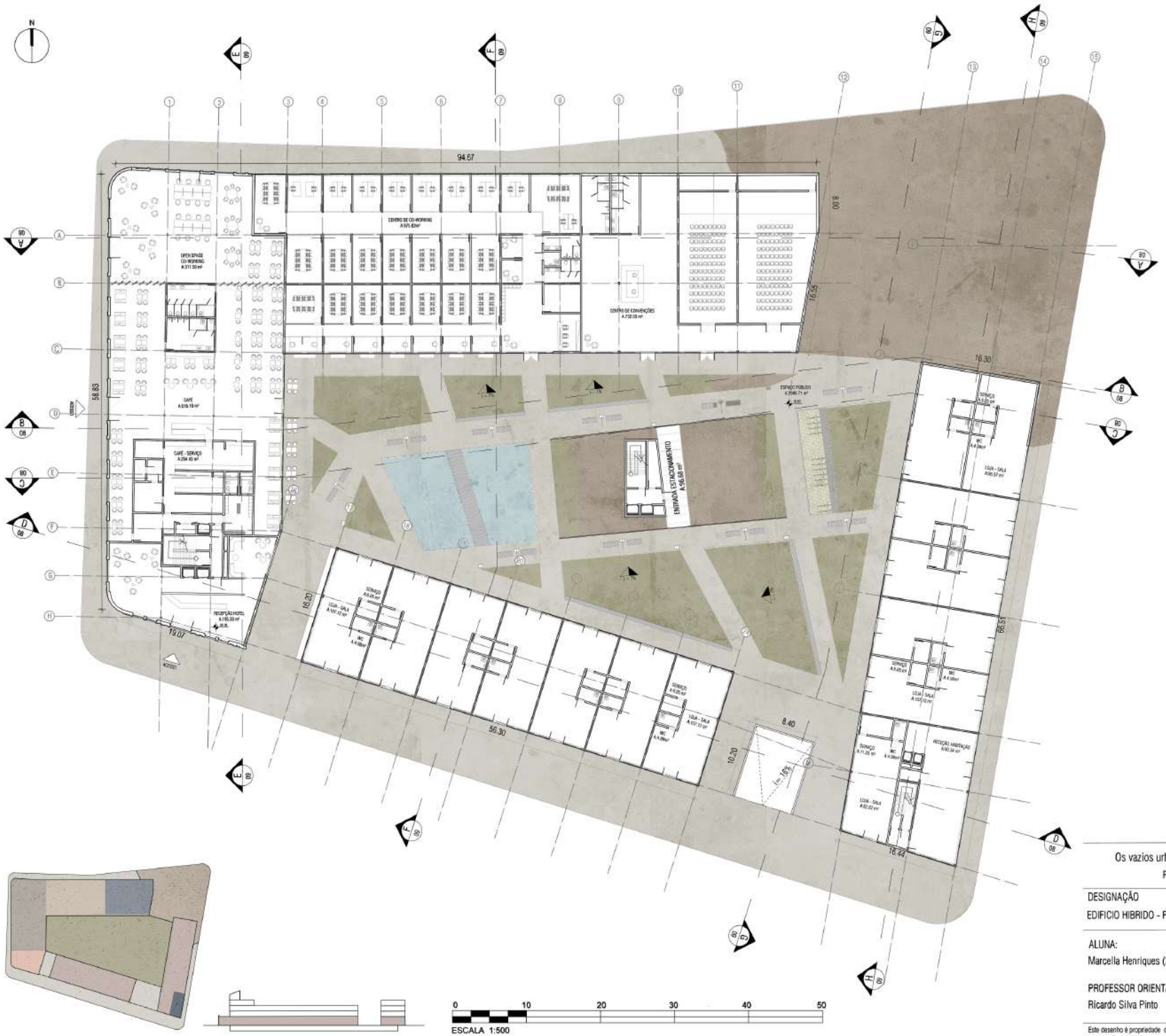
Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - PLANTA BAIXA SUBSOLO

ALUNA: Marcella Henriques (20171506)	ESCALA 1/500	DES. N.º 01
PROFESSOR ORIENTADOR: Ricardo Silva Pinto	DATA Outubro 2019	

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte, sem autorização expressa.



PRIMEIRO PAVIMENTO	
AMBIENTE	ÁREA
COMÉRCIO	A:1244.93 m²
11 LOJAS COMERCIAIS	7 x A:118.51 m²
2 LOJAS COMERCIAIS	2 x A:121.34 m²
LOJA COMERCIAL	A:106.50 m²
LOJA COMERCIAL	A:66.18 m²
APART HOTEL - ENTRADA	A:195.50 m²
RECEÇÃO	A:73.73 m²
MEETING POINT	A:54.75 m²
ZONA DE ESTAR	A:41.18 m²
CORREDOR ELEVADORES	A:15.27 m²
CAFÉ	A:791.59 m²
SALA CAFÉ	A:493.50 m²
2 WC CLIENTE	2 x A:28.19m²
OPEN SPACE COWORKING	A:311.50m²
BALCÃO	A:21.27m²
DEPOSITO	A:14.57 m²
ZONA LAVAGEM LOUÇA	A:15.27 m²
ÁREA DE COCÇÃO	A:22.54 m²
ZONA DE LAVAGEM DE ALIMENTOS	A:20.12m²
DEPOSITO ALIMENTOS	A:15.16 m²
CAMARA CONGELADORA	A:4.34 m²
CAMARA FRIGORIFICA	A:6.09 m²
ÁREA FUNCIONÁRIOS	A:20.53m²
2 WC FUNCIONÁRIOS	2x A:5.22 m²
CORREDOR SERVIÇO	A:11.90 m²
ENTRADA DE SERVIÇO	A:14.59m²
COWORKING	A:975.82m²
RECEÇÃO	A:15.42m²
SALA DE ESPERA	A:34.57 m²
CACIFOS	A:26.26 m²
DEPÓSITO	A:09.03m²
2 WC	A:12.93 m²
WC ADAPTADO	A:4.12 m²
CORREDOR 1	A:45.24 m²
CORREDOR 2	A:118.00 m²
CACIFOS	A:26.26 m²
7 GABINETES ILHA DE TRABALHO	A:18.18 m²
GABINETES 2 MESAS	A:22.35 m²
SALA DE REUNIÕES	A:32.75 m²
SALA DE REUNIÕES C/ ILHA DE TRABALHO	A:47.35 m²
SALA PRIVADA	A:8.54 m²
SALA DE REUNIÕES	A:30.86m²
6 SALA DE REUNIÕES	6 x A:2.22 m²
SALA DE REUNIÕES	A:25.50 m²
6 SALA DE REUNIÕES	6 x A:19.53 m²
GABINETES 2 MESAS	A:19.01 m²
6 GABINETES 1 MESAS	6 x A:7.60 m²
CENTRO DE CONVENÇÕES	A:732.03 m²
LOBBY E ÁREA ABERTA DE EVENTOS	A:166.23 m²
2WC	A:26.62 m²
CIRCULAÇÃO	A:57.15 m²
SALA MULTIMIDIA 01	A:138.81 m²
DEPÓSITO 01	A:19.60 m²
SALA MULTIMIDIA 02	A:175.56 m²
DEPÓSITO 01	A:21.22 m²
APARTHOTEL - ÁREA COMUM E CIRC. VERTICAL	A:38.78 m²
ESPAÇO PUBLICO 01	A:2989.71 m²

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - PRIMEIRO PAVIMENTO

ALUNA:
Marcella Henriques (20171506)

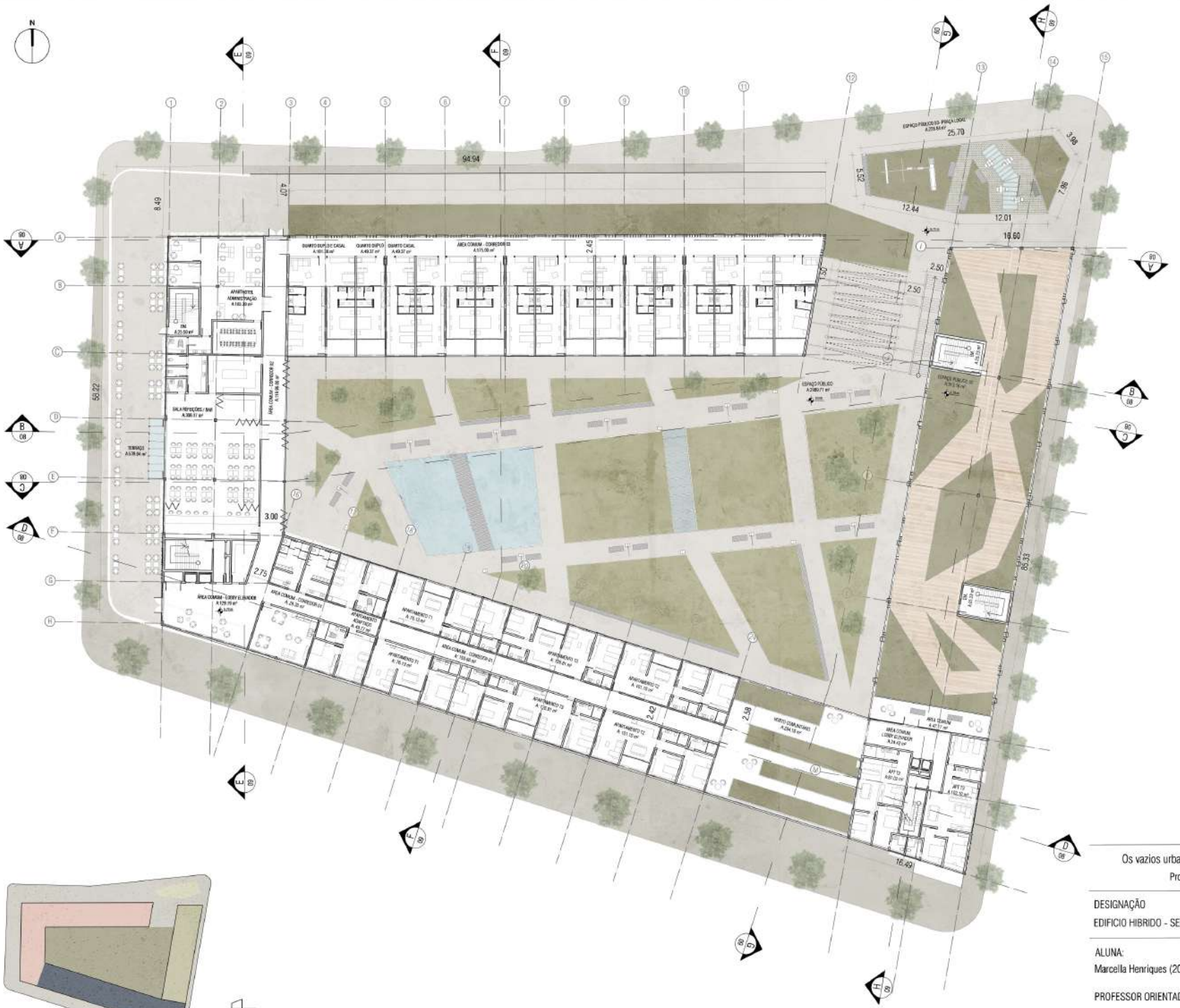
PROFESSOR ORIENTADOR:
Ricardo Silva Pinto

ESCALA
1/500

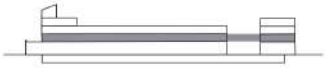
DATA
Outubro 2019

DES. N.º
02

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte,sem autorização expressa.



SEGUNDO PAVIMENTO	
AMBIENTE	ÁREA
APARTHOTEL- ADMINISTRAÇÃO	A:165.39 m²
2 ADM - GABINETES	2 x A:13.22 m²
ADM - OPEN SPACE	A:91.23 m²
ADM - SALA DE REUNIÕES	A:33.94 m²
WC ADAPTADO	12.81 m²
APARTHOTEL - QUARTOS	A:1093.94 m²
QUARTO DUPLOS	A:49.37 m²
QUARTO DUPLO E CASAL	A:101.30 m²
QUARTO CASAL	A:29.37 m²
QUARTO ADAPTADO	A:49.77 m²
APARTHOTEL - ÁREA COMUM	A:306.17 m²
BUFFET PARA PEQUENOS ALMOÇOS	A:23.70 m²
SALA	A:166.23 m²
BAR	A:49.99 m²
2 WC	2 x A:3.49 m²
WC ADAPTADO	A:4.50 m²
COZINHA	A:35.52 m²
TERRAÇO	A:539.94 m²
ACESSO TERRAÇO	A:297.46 m²
APARTHOTEL - ÁREA DE STAFF	
2 WC FUNCIONÁRIOS	2x A:24.12 m²
SALA DOS FUNCIONÁRIOS + COPA	A: 49.51 m²
APARTHOTEL - ÁREA COMUM E CIRCULAÇÃO VERTICAL	
CIRCULAÇÃO VERTICAL PRINCIPAL	A:38.78 m²
ESCADA DE EMERGENCIA	A:25.50 m²
ARRUMOS	A: 3.18 m²
LOBBY ELEVADOR	129.19 m²
COPREDOR 01	A:29.33 m²
CORREDOR 02	A:119.96 m²
CORREDOR 03	A:160.73 m²
DEPÓSITO	A:15.11 m²
HABITAÇÃO	A:1616.21 m²
APARTAMENTO T1	2X A:76.13 m²
APARTAMENTO T2	2x A:101.10 m²
APARTAMENTO T3	2x A:126.81 m²
ÁREA COMUM - CORREDOR	A:150.06 m²
ÁREA COMUM - HORTO COMUNITÁRIO	A:249.15 m²
AREA COMUM - LOBBY ELEVADOR	A:24.42 m²
AREA COMUM - CONTEMPLAÇÃO	A:47.17 m²
APARTAMENTO T2	A:81.02 m²
APARTAMENTO T3	A:102.10 m²
ESPAÇO PÚBLICO 01	A:627.72 m²
ESPAÇO PÚBLICO 02	A:913.76 m²
2X ESCADA DE EMERGENCIA	2x A:25.50 m²
ESPAÇO PÚBLICO 03 - PRAÇA LOCAL	A:278.84 m²





ESCALA 1:500

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edificio híbrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - SEGUNDO PAVIMENTO

ALUNA:	ESCALA	DES. N.º
Marcella Henriques (20171506)	1/500	03
PROFESSOR ORIENTADOR:	DATA	
Ricardo Silva Pinto	Outubro 2019	

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte,sem autorização expressa.



TERCEIRO PAVIMENTO	
AMBIENTE	ÁREA
TOTAL - APART HOTEL	
ÁREA COMUM - LOBBY ELEVADORES	A:59.35 m²
LAVANDERIA E ARRUMOS	A:29.79 m²
CORREDOR 02	A:326.42 m²
DEPÓSITO	A:21.90 m²
SALA ESTUDOS	A:79.81 m²
22 QUARTOS DUPLOS	22 x A:49.51 m²
4 QUARTOS DUPLOS E CASAL	4 x A:100.05 m²
QUARTOS DUPLOS E CASAL	A:114.62 m²
QUARTOS DUPLOS E CASAL	A:103.68 m²
TOTAL - ÁREA COMUM E CIRCULAÇÃO VERTICAL	
CIRCULAÇÃO VERTICAL	A:38.78 m²
ESCADA DE EMERGENCIAS	A:25.50 m²
TOTAL - HABITAÇÃO	
ÁREA COMUM - LOBBY ELEVADORES	A:24.42 m²
APARTAMENTO T3	A:102.49 m²
APARTAMENTO T3	A:96.15 m²
2x ESCADAS DE EMERGENCIA	2x A:25.50 m²

0 10 20 30 40 50

ESCALA 1:500

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

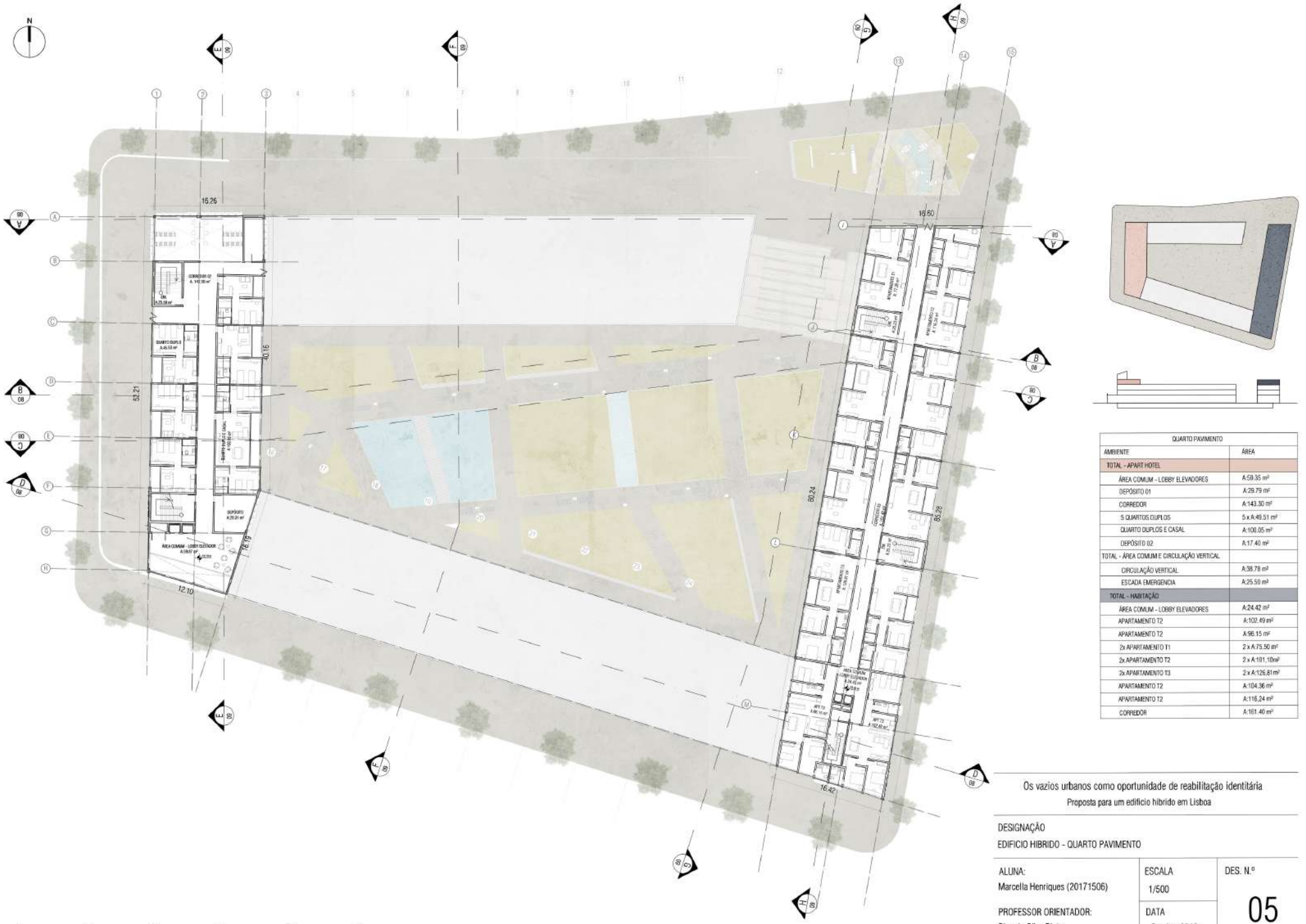
Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - TERCEIRO PAVIMENTO

ALUNA:	ESCALA	DES. N.º
Marcella Henriques (20171506)	1/500	04
PROFESSOR ORIENTADOR:	DATA	
Ricardo Silva Pinto	Outubro 2019	

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte, sem autorização expressa.



QUARTO PAVIMENTO	
AMBIENTE	ÁREA
TOTAL - APART HOTEL	
ÁREA COMUM - LOBBY ELEVADORES	A:59.35 m²
DEPÓSITO 01	A:29.79 m²
CORREDOR	A:143.30 m²
5 QUARTOS DUPLOS	5 x A:49.51 m²
QUARTO DUPLOS E CASAL	A:100.05 m²
DEPÓSITO 02	A:17.40 m²
TOTAL - ÁREA COMUM E CIRCULAÇÃO VERTICAL	
CIRCULAÇÃO VERTICAL	A:39.76 m²
ESCADA EMERGENCIA	A:25.50 m²
TOTAL - HABITAÇÃO	
ÁREA COMUM - LOBBY ELEVADORES	A:24.42 m²
APARTAMENTO T2	A:102.49 m²
APARTAMENTO T2	A:96.15 m²
2x APARTAMENTO T1	2 x A:75.50 m²
2x APARTAMENTO T2	2 x A:101,10m²
2x APARTAMENTO T3	2 x A:126,81m²
APARTAMENTO T2	A:104.36 m²
APARTAMENTO T2	A:116,24 m²
CORREDOR	A:161.40 m²

0 10 20 30 40 50

ESCALA 1:500

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edificio hibrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - QUARTO PAVIMENTO

ALUNA:
Marcella Henriques (20171506)

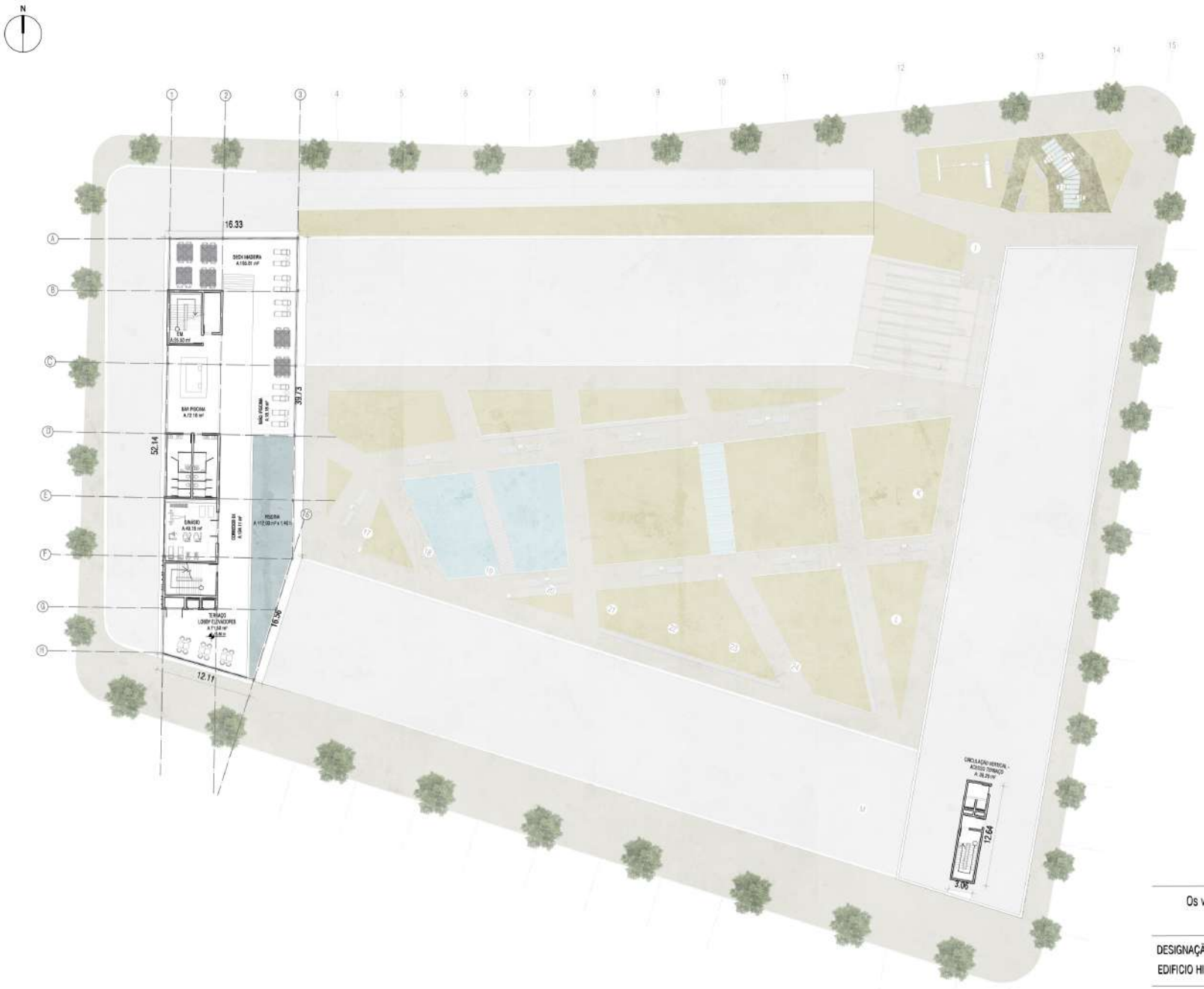
PROFESSOR ORIENTADOR:
Ricardo Silva Pinto

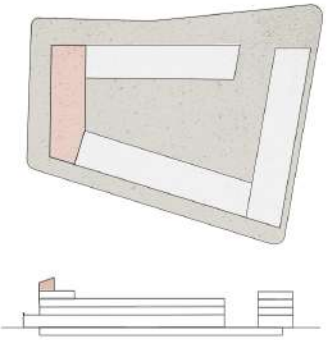
ESCALA
1/500

DATA
Outubro 2019

DES. N.º
05

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte,sem autorização expressa.





QUINTO PAVIMENTO	
AMBIENTE	ÁREA
TERRAÇO - LOBBY ELEVADORES	A:71.50 m²
CORREDOR 01	A:134.11 m²
GINÁSIO	A:49.16 m²
2X BALNEÁRIOS	2 x A:26.78 m²
CORREDOR 02	A:15.17 m²
PISCINA	A:112.00 m² x 1.40 h
DECK PISCINA	A:195.81 m²
CASA MÁQUINAS - PISCINA	A:18.18 m²
DEPÓSITO PISCINA	A:8.79 m²
BAR PISCINA	A:48.81 m²
TOTAL - ÁREA COMUM E CIRCULAÇÃO VERTICAL	
CIRCULAÇÃO VERTICAL	A:38.78 m²
ESCADA EMERGÊNCIA	A:25.50 m²
ACESSO TERRAÇO HABITAÇÃO	A: 38.29 m²

0 10 20 30 40 50

ESCALA 1:500

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

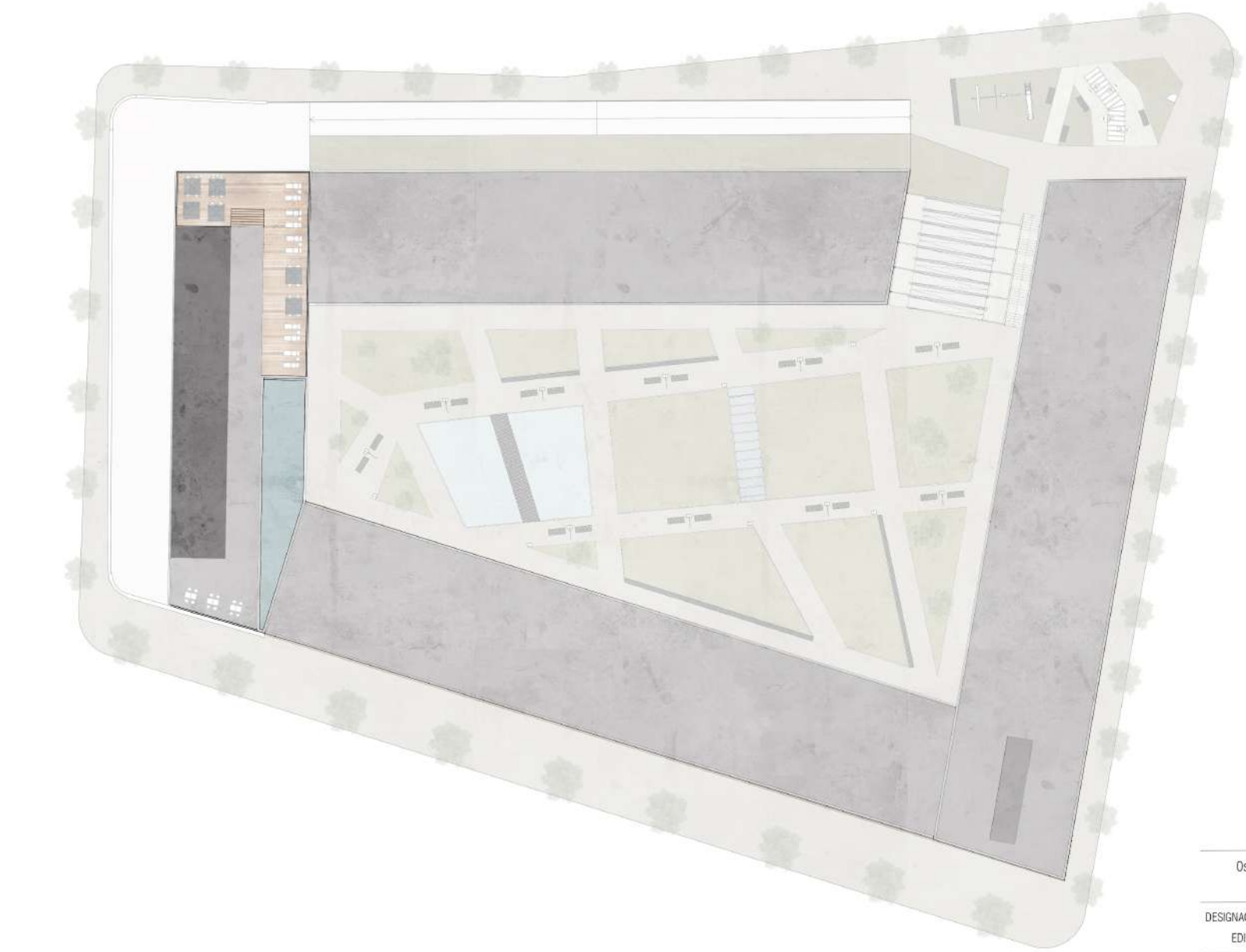
Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - QUINTO PAVIMENTO

ALUNA:	ESCALA	DES. N.º
Marcella Henriques (20171506)	1/500	06
PROFESSOR ORIENTADOR: Ricardo Silva Pinto	DATA Outubro 2019	

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte,sem autorização expressa.



0 10 20 30 40 50

ESCALA 1:500

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

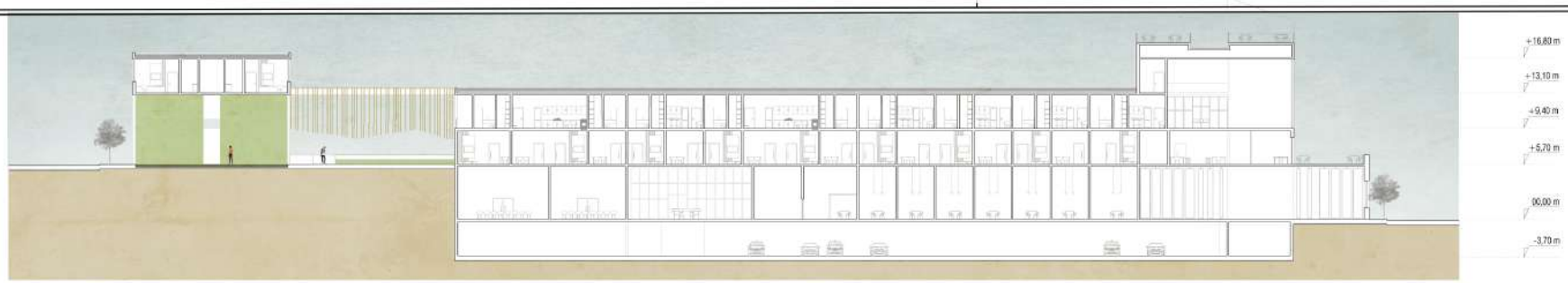
Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - COBERTURA

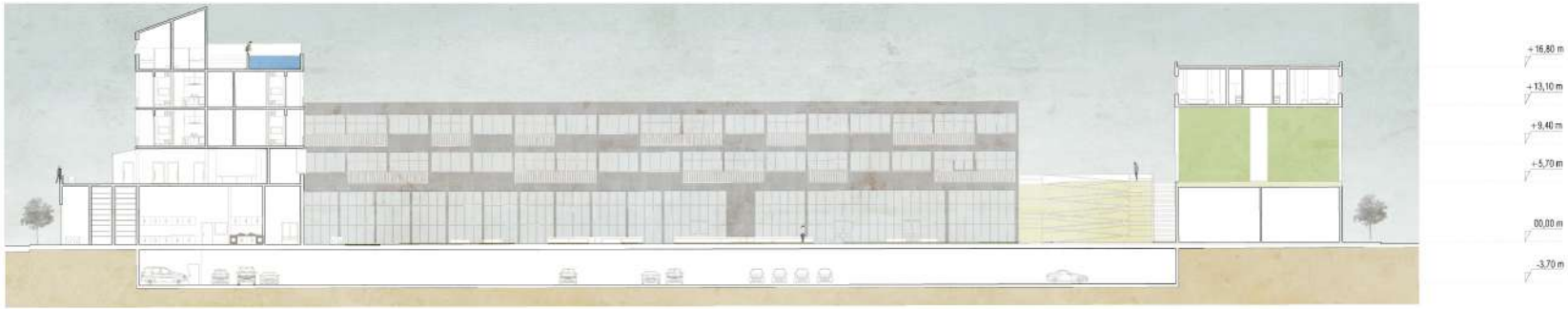
ALUNA: Marcella Henriques (20171506)	ESCALA 1/500	DES. N.º 07
PROFESSOR ORIENTADOR: Ricardo Silva Pinto	DATA Outubro 2019	

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte,sem autorização expressa.



CORTE LONGITUDINAL AA

ESC: 1/500



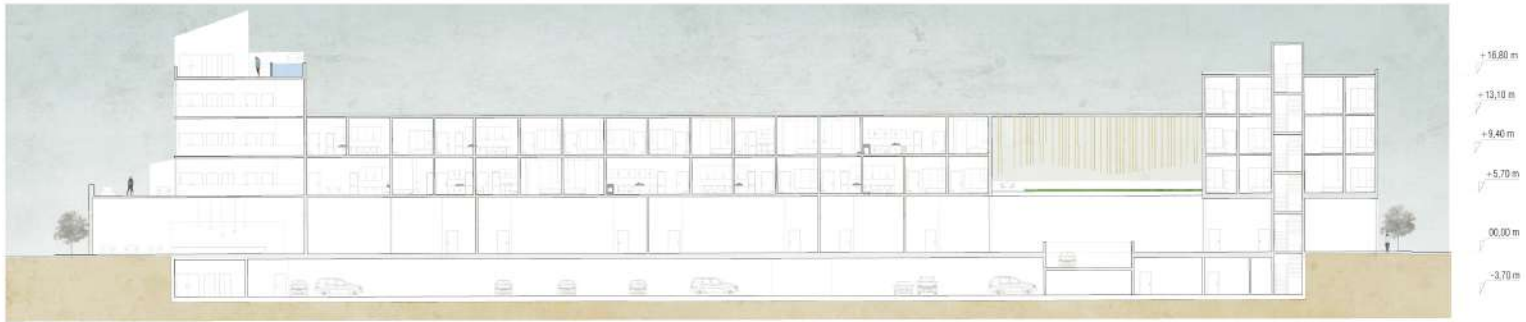
CORTE LONGITUDINAL BB

ESC: 1/500



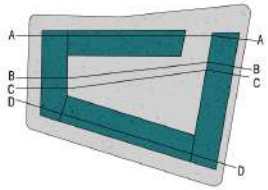
CORTE LONGITUDINAL CC

ESC: 1/500



CORTE LONGITUDINAL DD

ESC: 1/500



Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - CORTE AA, BB, CC, DD

ALUNA:	ESCALA	DES. N.º
Marcella Henriques (20171506)	1/500	08
PROFESSOR ORIENTADOR:	DATA	
Ricardo Silva Pinto	Outubro 2019	

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte, sem autorização expressa.



CORTE TRANSVERSAL EE

ESC: 1/500



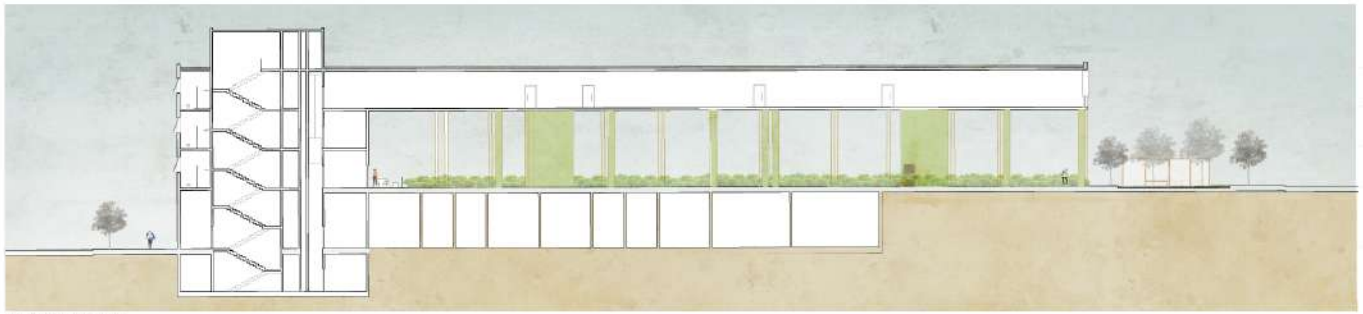
CORTE TRANSVERSAL FF

ESC: 1/500



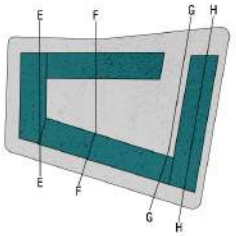
CORTE TRANSVERSAL GG

ESC: 1/500



CORTE TRANSVERSAL HH

ESC: 1/500



Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

DIFICIO HIBRIDO - CORTE EE, FF, GG, HH

ALUNA:
Marcella Henriques (20171506)

ESCALA
1/500

DES. N.º
09

PROFESSOR ORIENTADOR:
Ricardo Silva Pinto

DATA
Outubro 2019

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte, sem autorização expressa.



FACHADA SUL - RUA 24 DE JULHO

ESC: 1/500



FACHADA LESTE - TV. BALUARTE

ESC: 1/500



FACHADA NORTE - RUA DO ARCO DE ALCANTARA

ESC: 1/500





FACHADA OESTE - RUA VIEIRA DA SILVA

ESC: 1/500

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - FACHADAS

ALUNA:	ESCALA	DES. N.º
Marcella Henriques (20171506)	1/500	10
PROFESSOR ORIENTADOR:	DATA	
Ricardo Silva Pinto	Outubro 2019	

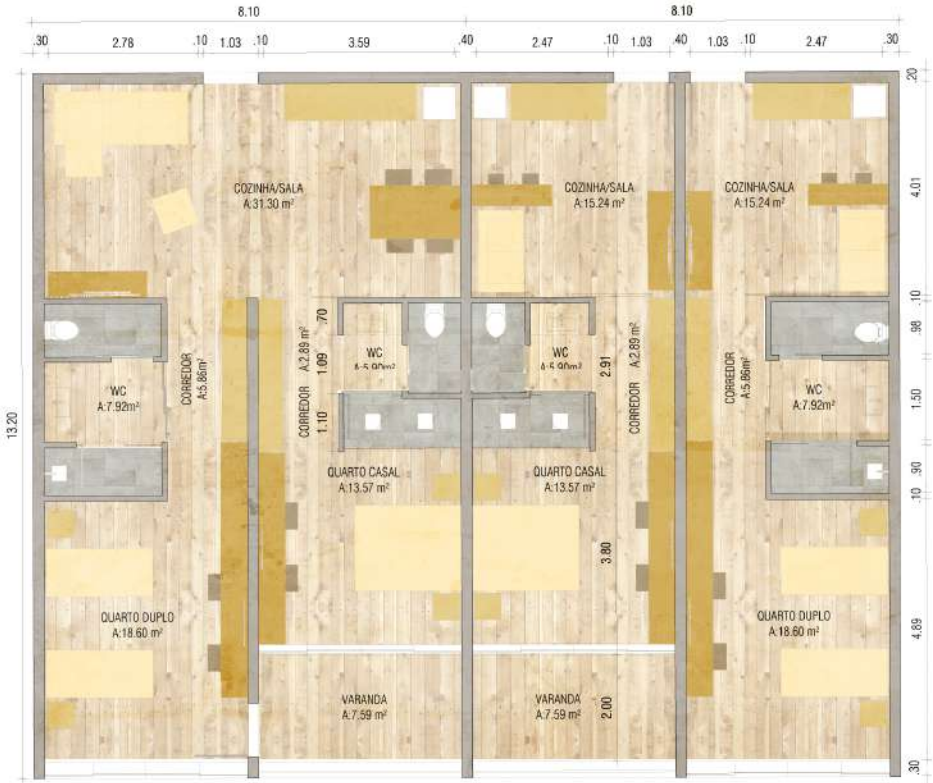
Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte, sem autorização expressa.



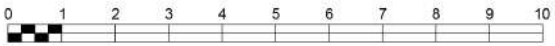
PLANTA BAIXA TIPO - APART HOTEL QUARTO DUPLO
ESC: 1/100



PLANTA BAIXA TIPO - APART HOTEL QUARTO DUPLO E CASAL
ESC: 1/100



PLANTA BAIXA TIPOS - QUARTO DUPLO, QUARTO CASAL E QUARTO T2
ESC: 1/100



ESCALA 1:100



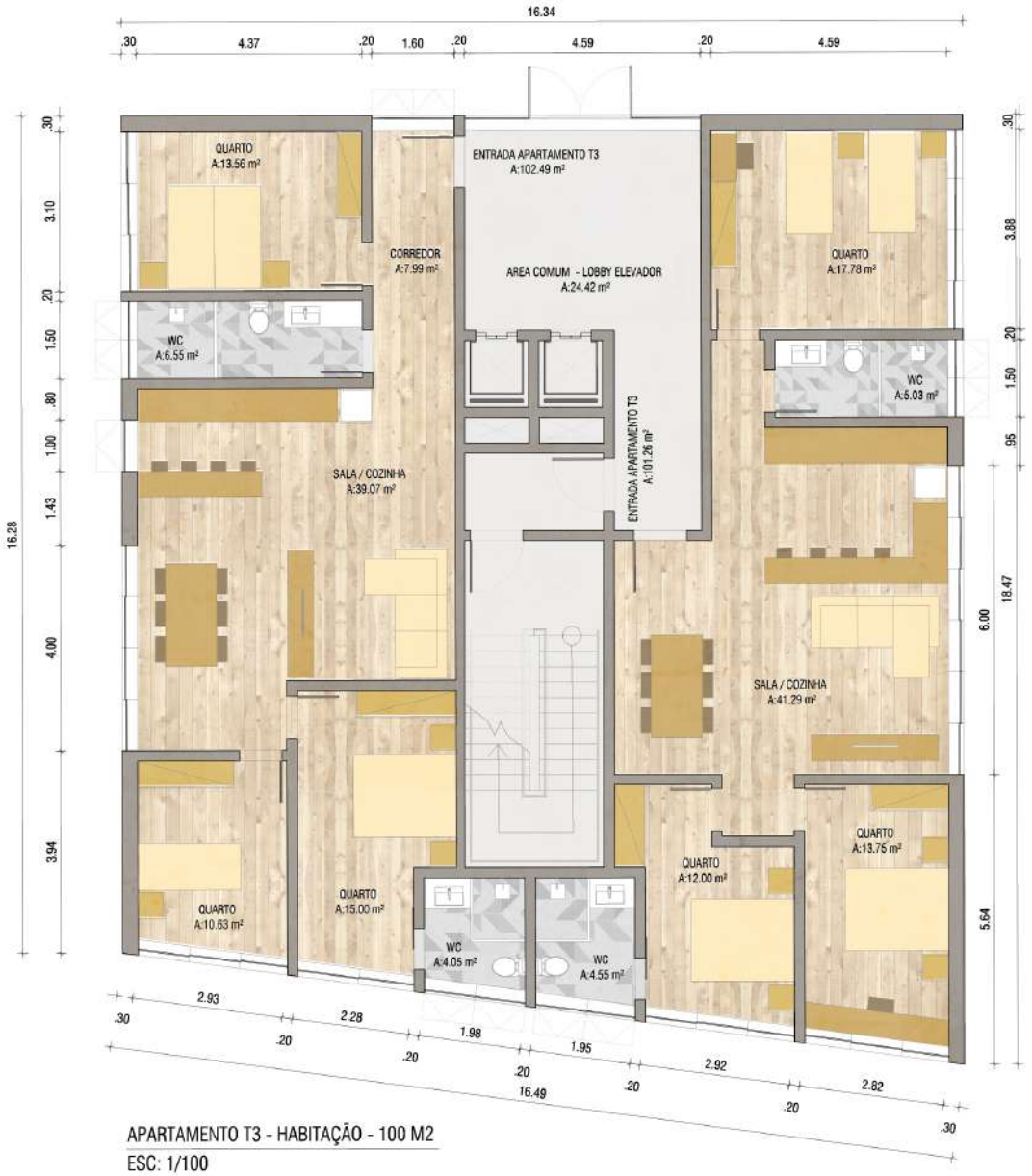
QUARTO CADEIRANTE - 1 A 4 PESSOAS
ESC: 1/100

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária
Proposta para um edificio hibrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO
EDIFICIO HIBRIDO - PLANTA BAIXA TIPO APARTHOTEL

ALUNA:	ESCALA	DES. N.º
Marcella Henriques (20171506)	1/250	11
PROFESSOR ORIENTADOR:	DATA	
Ricardo Silva Pinto	Outubro 2019	

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte,sem autorização expressa.



APARTAMENTO T3 - HABITAÇÃO - 100 M2

ESC: 1/100

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

ESCALA 1:100

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edificio hibrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - PLANTA BAIXA TIPO APARTHOTEL

ALUNA:	ESCALA	DES. N.º
Marcella Henriques (20171506)	1/250	12
PROFESSOR ORIENTADOR:	DATA	
Ricardo Silva Pinto	Outubro 2019	

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte,sem autorização expressa.



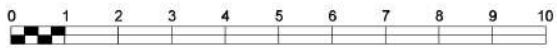
PLANTA BAIXA TIPOS - 1 QUARTO
ESC: 1/100



PLANTA BAIXA TIPOS - 2 QUARTOS
ESC: 1/100



PLANTA BAIXA TIPOS - 3 QUARTOS
ESC: 1/100



ESCALA 1:100

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edificio hibrido em Lisboa

DESIGNAÇÃO

EDIFICIO HIBRIDO - PLANTA BAIXA TIPO HABITAÇÃO

ALUNA:	ESCALA	DES. N.º
Marcella Henriques (20171506)	1/250	13
PROFESSOR ORIENTADOR:	DATA	
Ricardo Silva Pinto	Outubro 2019	

Este desenho é propriedade da autora e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no seu todo ou em parte,sem autorização expressa.

ANEXO III

PAINÉS APRESENTAÇÃO

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa



A desindustrialização em Lisboa - em particular da Freguesia de Alcântara - e as suas consequências urbanísticas, arquitetónicas e sociais foram o que desencadearam este Trabalho Final de Mestrado.

O encerramento e, consequentemente, o abandono das fábricas e galpões existentes outrora proporcionou uma degradação que hoje em dia materializa-se em vazios urbanos, ruínas. Com o passar do tempo, alguns destes espaços passaram a ser grandes condomínios fechados de luxo que, por fim, ocasionaram uma grande recomposição social.

A gentrificação sucedeu-se e teve como consequência a perda de identidade, o desaparecimento do sentido de pertencimento do lugar pelos moradores e a falta de sociabilidade no bairro.

Num vazio urbano, em Alcântara, este trabalho materializa-se num edifício híbrido projetado de forma que as demandas da sociedade atual de Alcântara sejam atendidas.

Com zelo em manter o equilíbrio entre o passado e o presente, este projeto consegue estar no limiar entre o tradicional e o novo. Conquista uma linguagem de caráter ímpar entre o reabilitar de uma fachada industrial existente - que outrora foi a característica da zona - e os métodos de construção, volumetria e materiais contemporâneos.

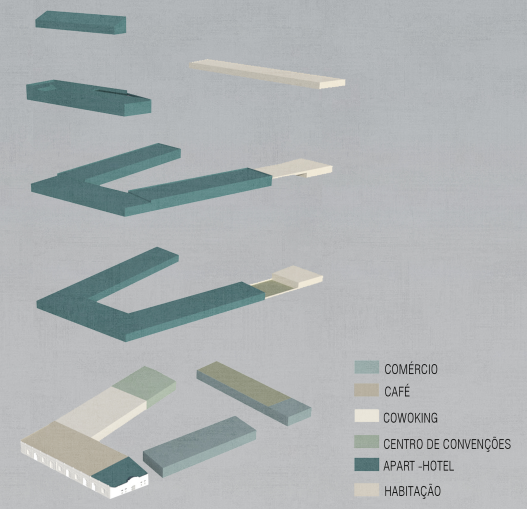
O projeto é um edifício híbrido que consegue correlacionar o comércio local, o mercado empresarial, o setor hoteleiro e o comercial, sem, contudo, deixar de ter habitação e espaços públicos. Um edifício híbrido a refletir a globalização e a mistura das ânsias do entorno. Um edifício híbrido a abraçar uma fachada tradicional industrial.

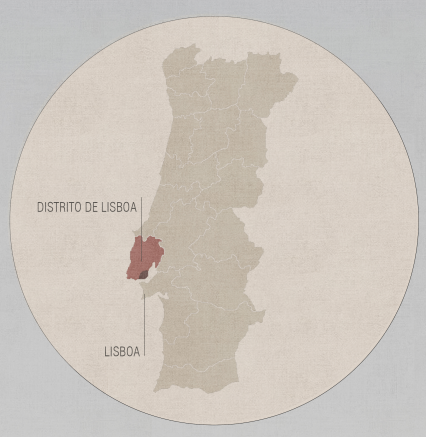
A relação espaço público e espaço privado foi um dos principais aspectos utilizados neste projeto, refletindo-se na implantação, nos usos, na volumetria e nos vãos. Sendo assim, o pátio interno é o elemento principal do edifício e a partir dele tudo se desenvolve.

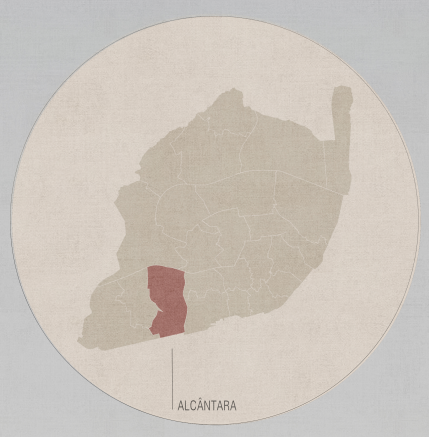
As salas comerciais, centro de convenções, espaços de coworking e o café que envolvem o pátio interno convida os pedestres a mergulharem no Edifício Híbrido. Já os andares superiores são ocupados por um apart-hotel e espaços de habitação com suas respectivas áreas comuns.
A relação pública e privada é de novo reestabelecida com o segundo espaço público que por sua vez entra no edifício e mescla-se com a parte habitacional na zona mais elevada do terreno. E por fim o espaço público mais habitual, uma praça com espaços para crianças, idosos e cães.

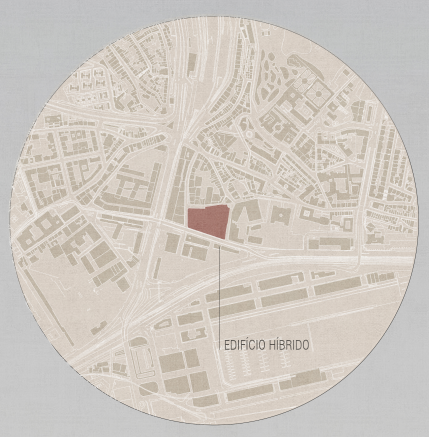
Com materiais que marcaram a era industrial, o edifício hibrido é forrado com chapa metálica cinza escura com uma fachada ventilada, ripas de mandeiras em empenas cegas e jardins verticais.

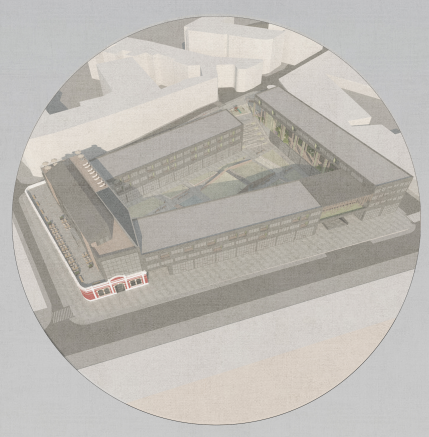
Em suma, este edifício carrega consigo o poder de gerar relações íntimas variadas, inesperadas e não programadas mas imprescindíveis à convivência dos habitantes da cidade.











Orientação científica: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

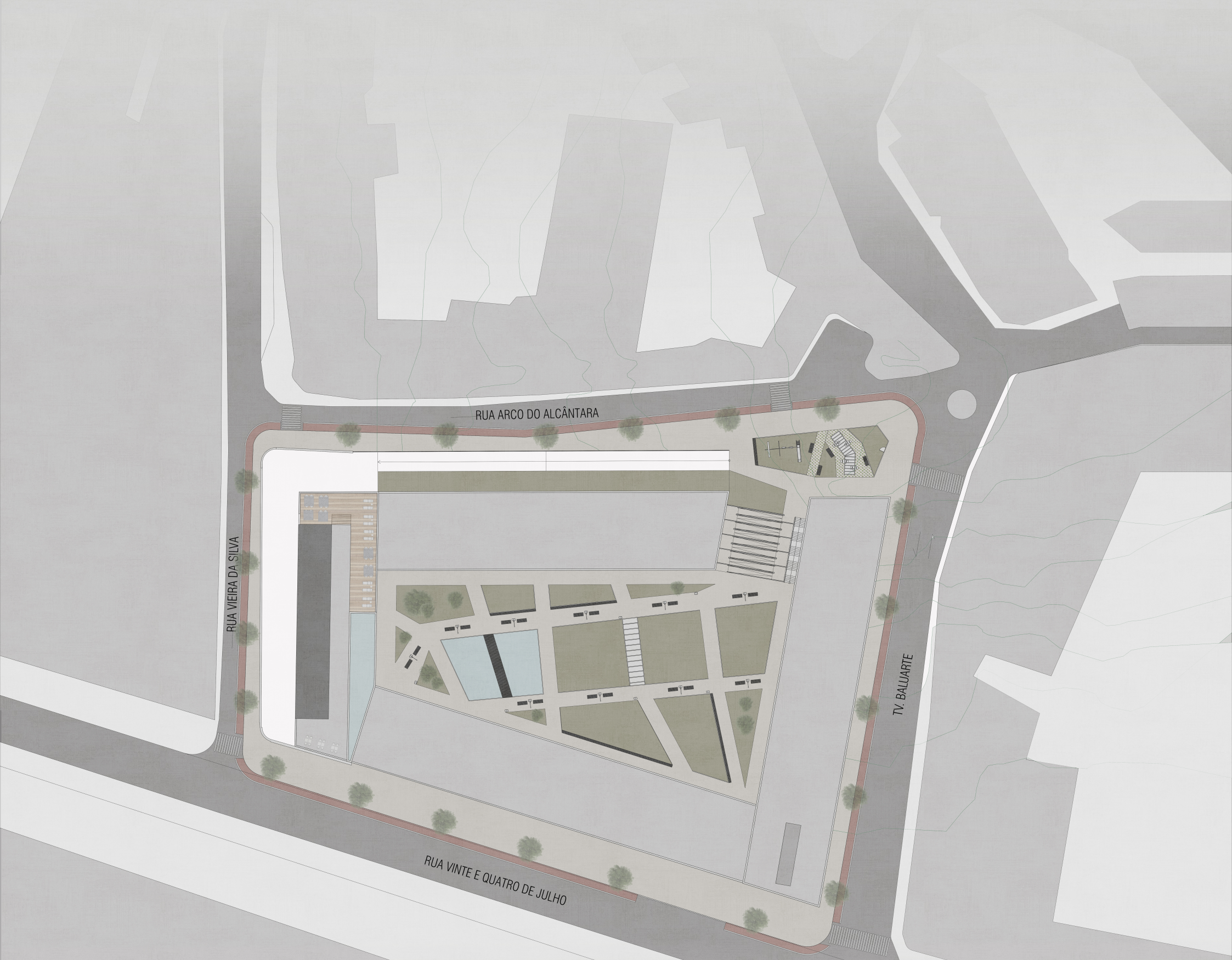
Aluna: Marcella Henriques da Silva

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

LISBOA, DEZEMBRO DE 2019



PLANTA DE SITUAÇÃO E DE COBERTURA

ESCALA: 1/300



ESPAÇO PÚBLICO 01 - PÁTIO INTERNO



ESPAÇO PÚBLICO 02



ESPAÇO PÚBLICO 03



ENTRADA ESPAÇO PÚBLICO 01
PELA RUA 24 DE JULHO

Orientação científica: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

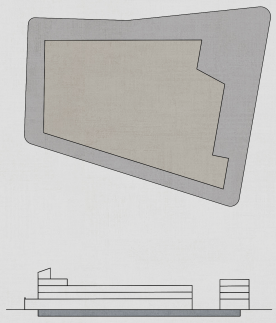
Aluna: Marcella Henriques da Silva

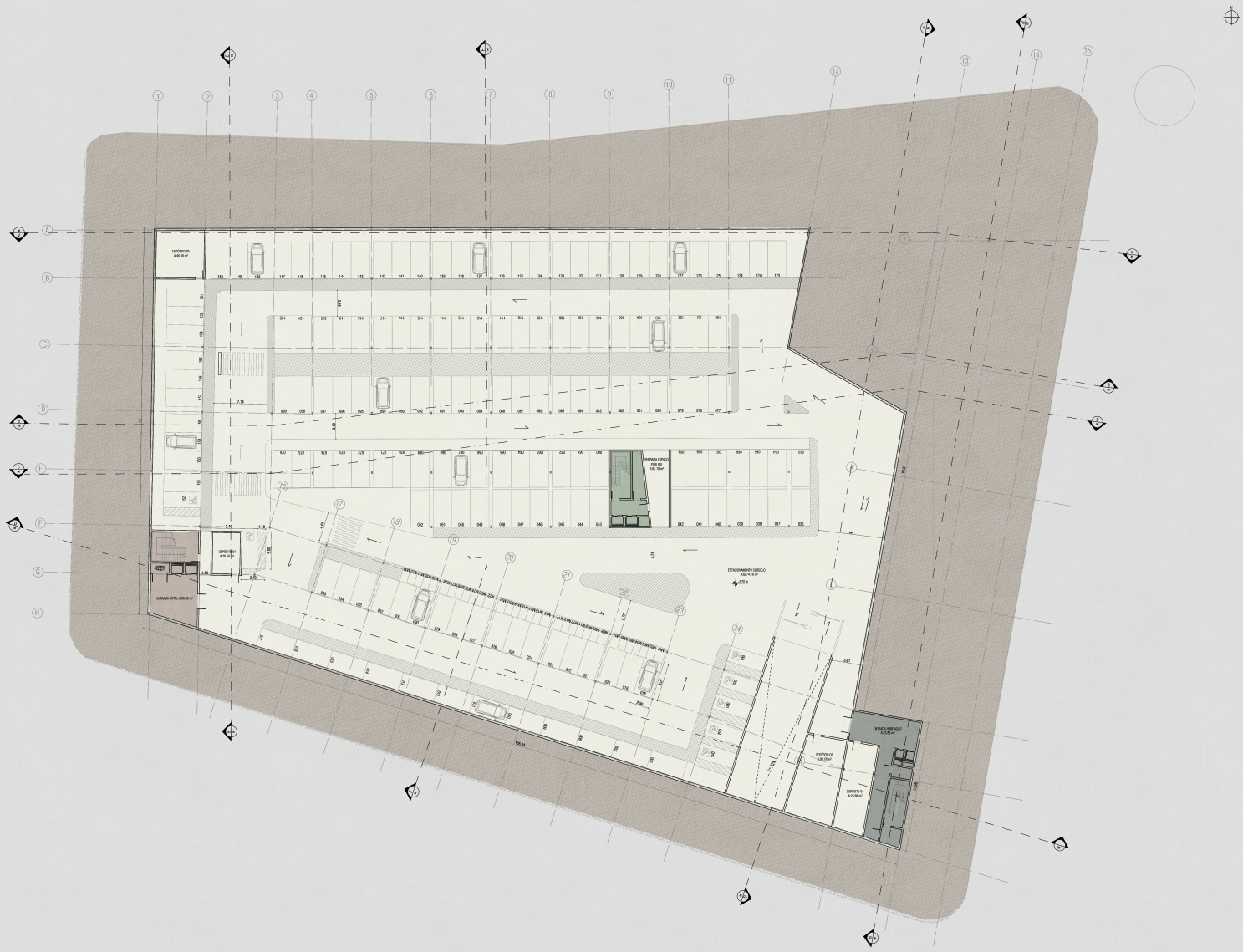
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

LISBOA, DEZEMBRO DE 2019





EDIFÍCIO HÍBRIDO - SUBSOLO
ESCALA: 1/300



ESPAÇO PÚBLICO 01 - PÁTIO INTERNO



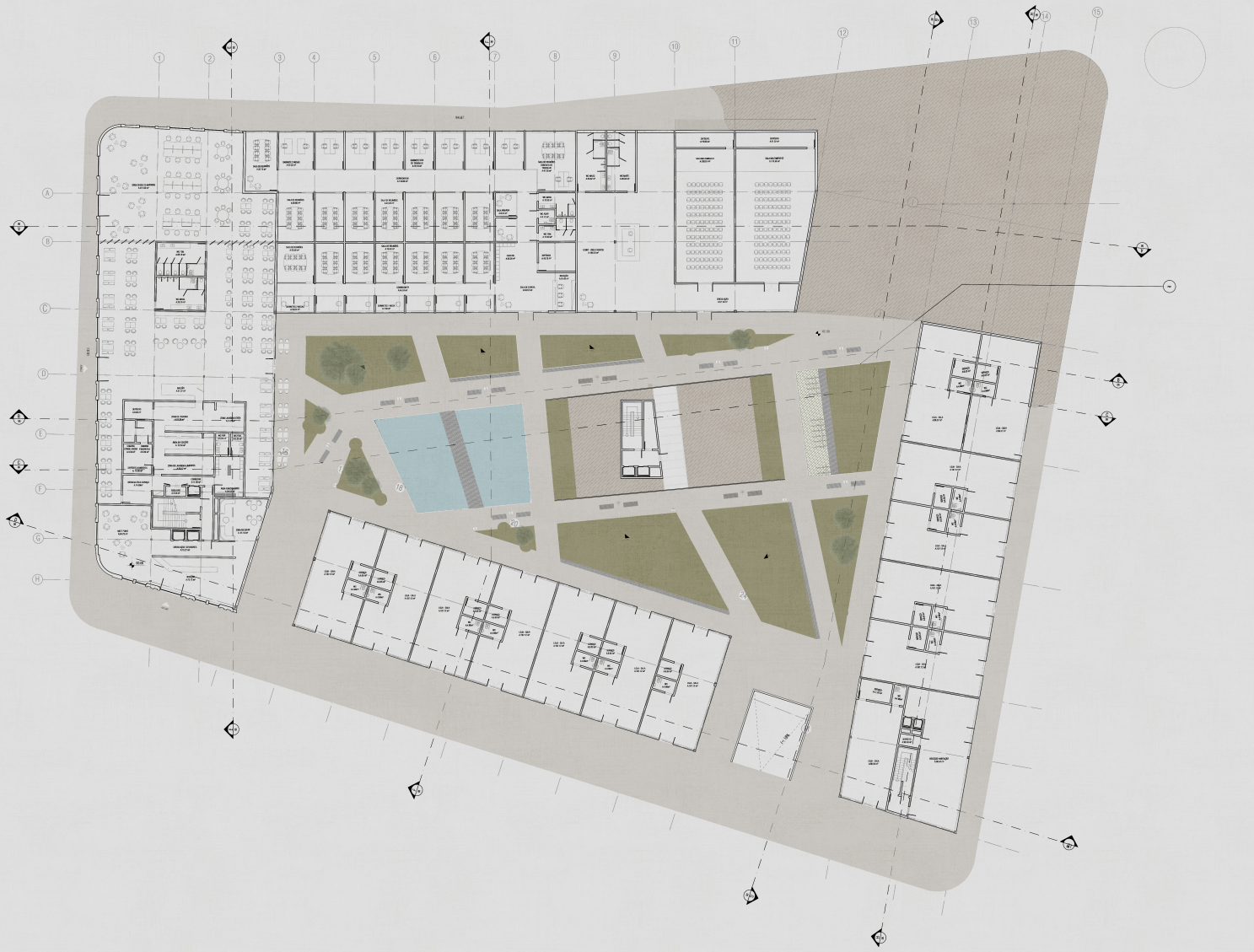
ESPAÇO PÚBLICO 02



ESPAÇO PÚBLICO 03



ENTRADA ESPAÇO PÚBLICO 01
PELA RUA 24 DE JULHO



EDIFÍCIO HÍBRIDO - PRIMEIRO PAVIMENTO
ESCALA: 1/300

Orientação científica: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

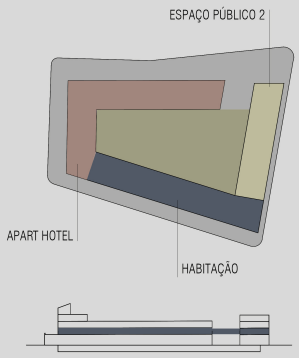
Aluna: Marcella Henriques da Silva

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

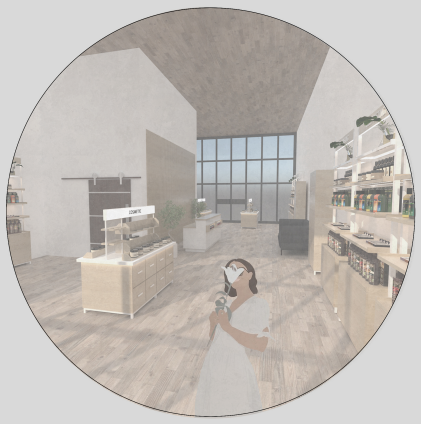
LISBOA, DEZEMBRO DE 2019





EDIFÍCIO HÍBRIDO - SEGUNDO PAVIMENTO

ESCALA: 1/300



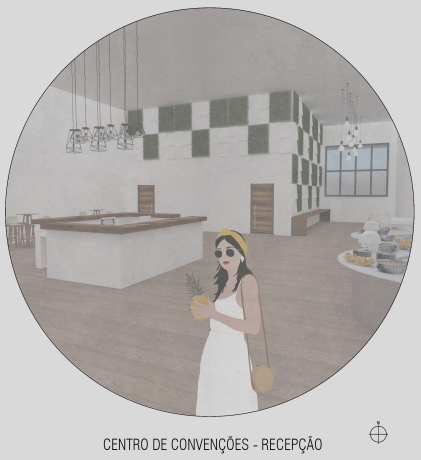
SALAS COMERCIAIS



SALAS DE COWORKING

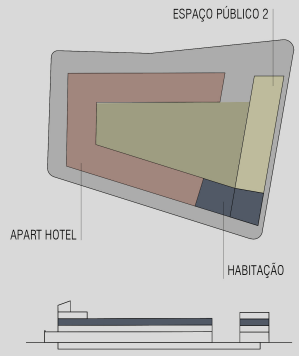


CENTRO DE CONVENÇÕES - SALAS



CENTRO DE CONVENÇÕES - RECEPÇÃO





EDIFÍCIO HÍBRIDO - TERCEIRO PAVIMENTO

ESCALA: 1/300

Orientação científica: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

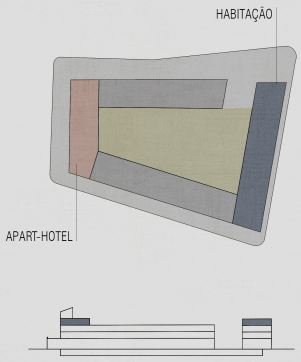
Aluna: Marcella Henriques da Silva

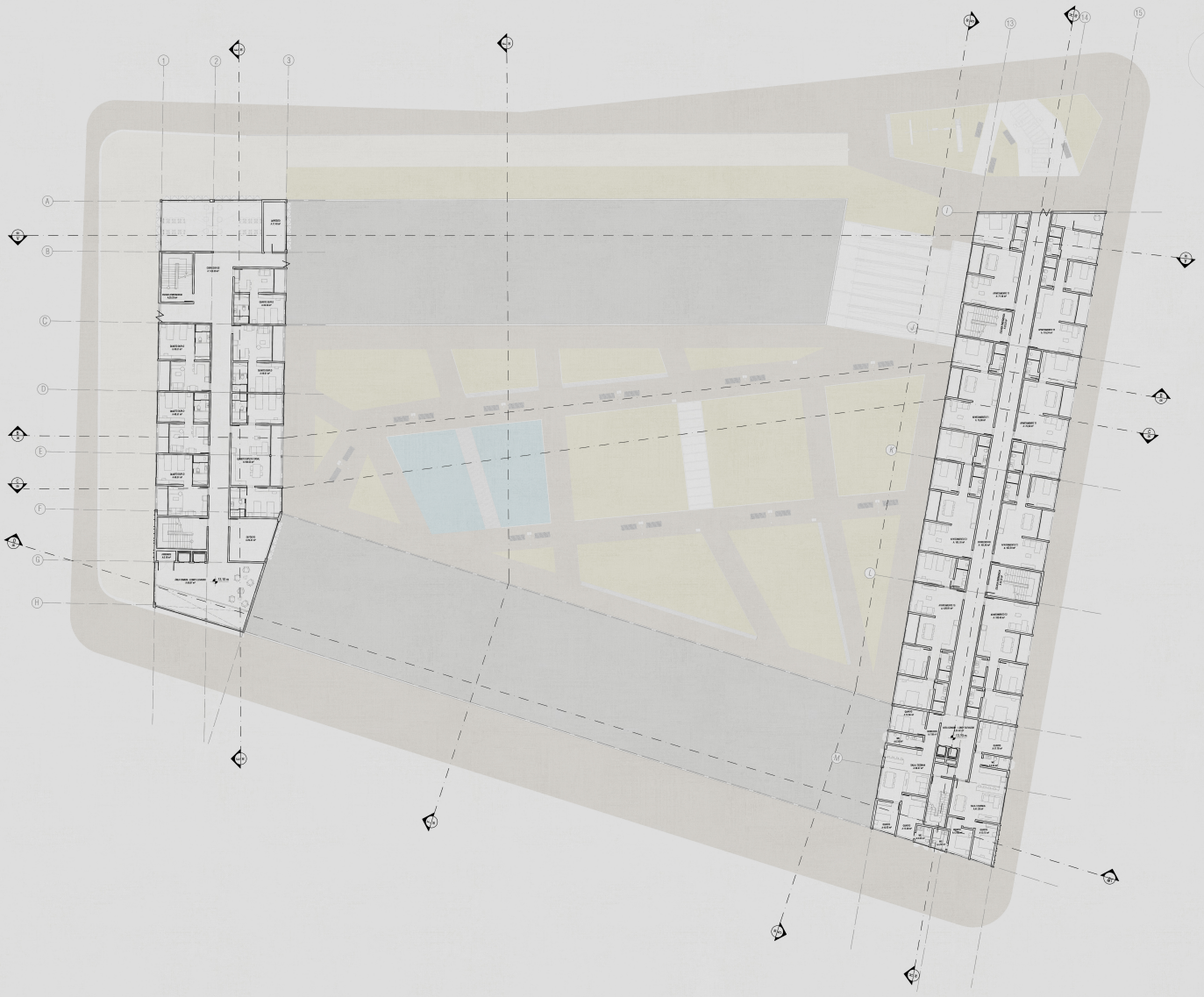
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

LISBOA, DEZEMBRO DE 2019





EDIFÍCIO HÍBRIDO - QUARTO PAVIMENTO
ESCALA: 1/300



TERRAÇO - BAR



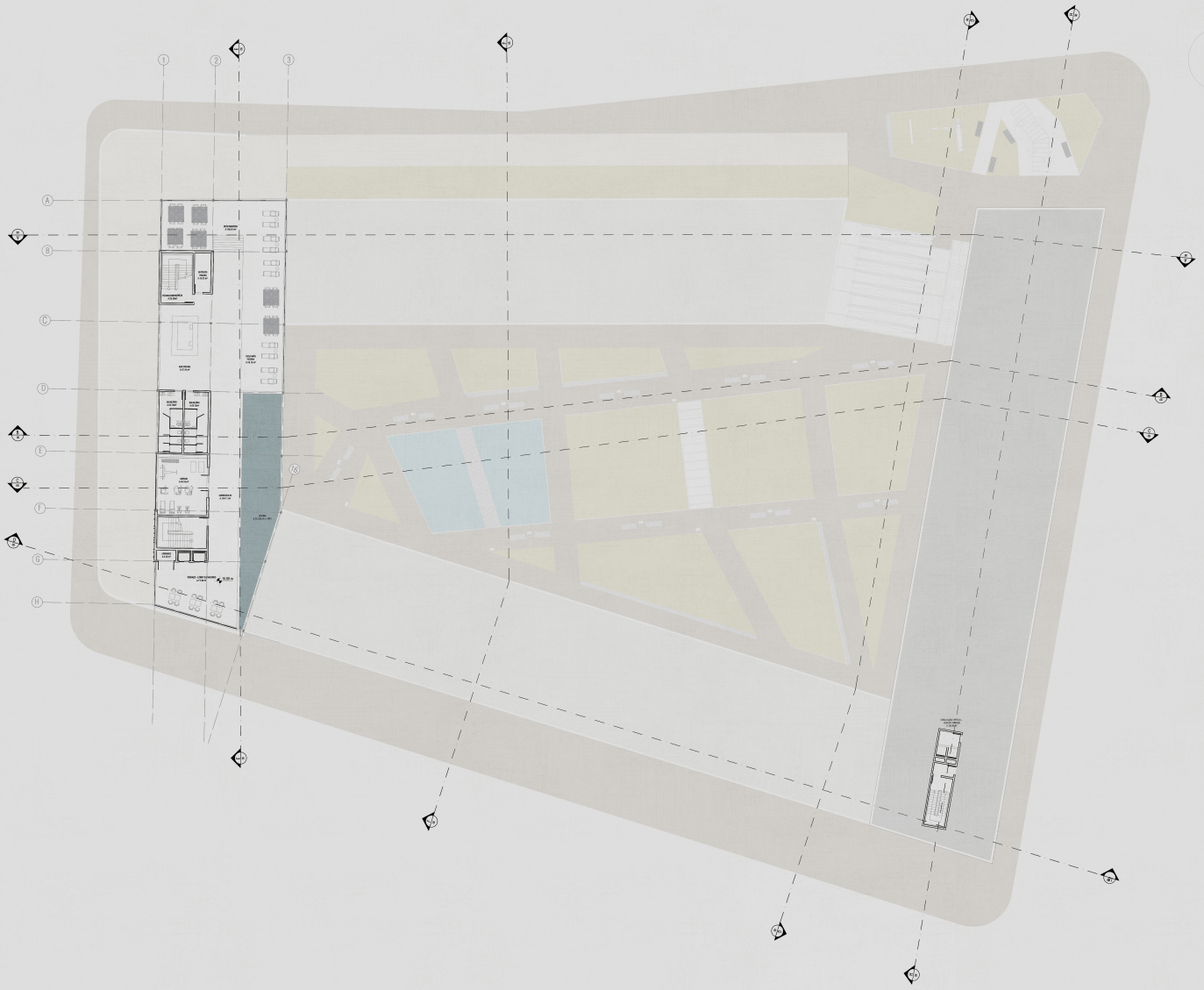
PISCINA TERRAÇO - APART HOTEL

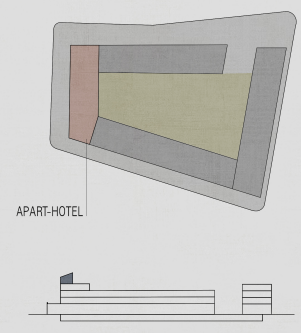


VARANDA TIPO APART-HOTEL



HABITAÇÃO - HORTO





EDIFÍCIO HÍBRIDO - QUINTO PAVIMENTO
ESCALA: 1/300

Orientação científica: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Aluna: Marcella Henriques da Silva

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

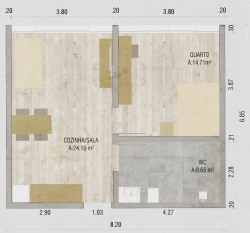
LISBOA, DEZEMBRO DE 2019

APART-HOTEL - APARTAMENTOS TIPOS



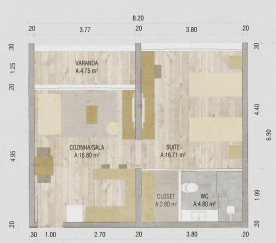
PLANTA BAIXA TIPO 1 - QUARTO DUPLO, QUARTO DE CASAL E QUARTO T2

ESCALA: 1/100



PLANTA BAIXA TIPO 2 - QUARTO ADAPTADO

ESCALA: 1/100



PLANTA BAIXA TIPO 3 - QUARTO DUPLO

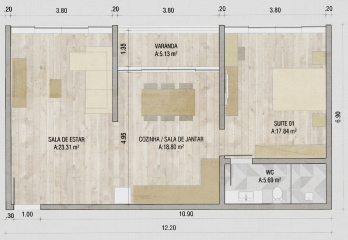
ESCALA: 1/100



PLANTA BAIXA TIPO 3 - QUARTO T2

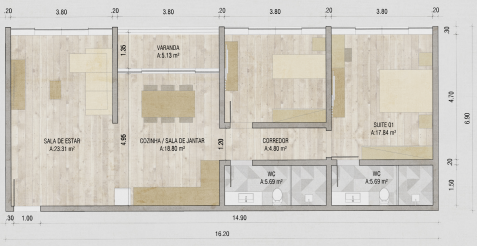
ESCALA: 1/100

HABITAÇÃO - APARTAMENTOS TIPOS



PLANTA BAIXA TIPO 2 - APARTAMENTO T1

ESCALA: 1/100



PLANTA BAIXA TIPO 2 - APARTAMENTO T2

ESCALA: 1/100

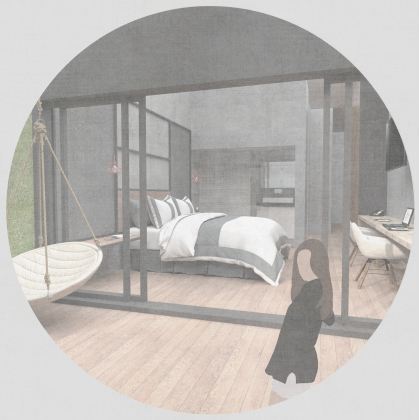
PLANTA BAIXA TIPO 2 - APARTAMENTO T3

ESCALA: 1/100



PLANTA BAIXA TIPO 1 - APARTAMENTO T3

ESCALA: 1/100



APART HOTEL - TIPO 01 - QUARTO



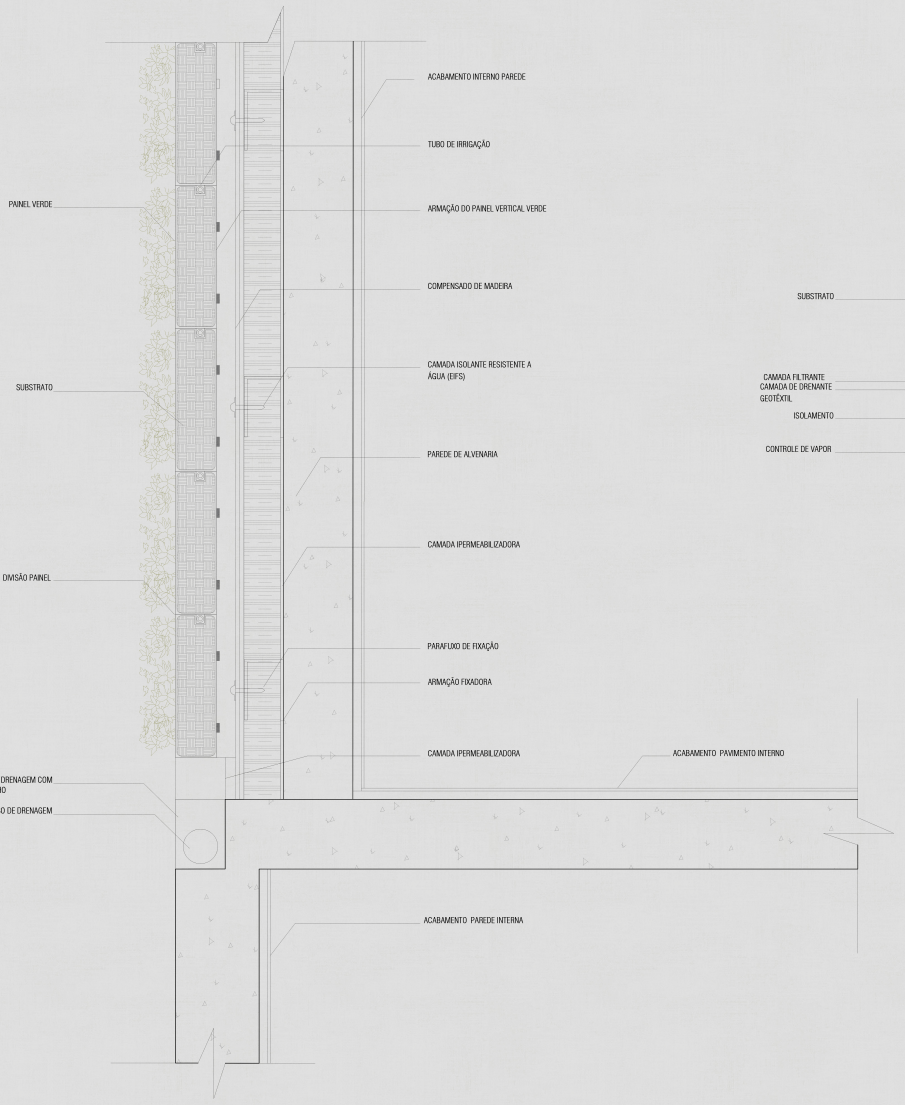
APART-HOTEL - TIPO 02 - SALA E COZINHA



HABITAÇÃO - TIPO 01 - SALA E COZINHA

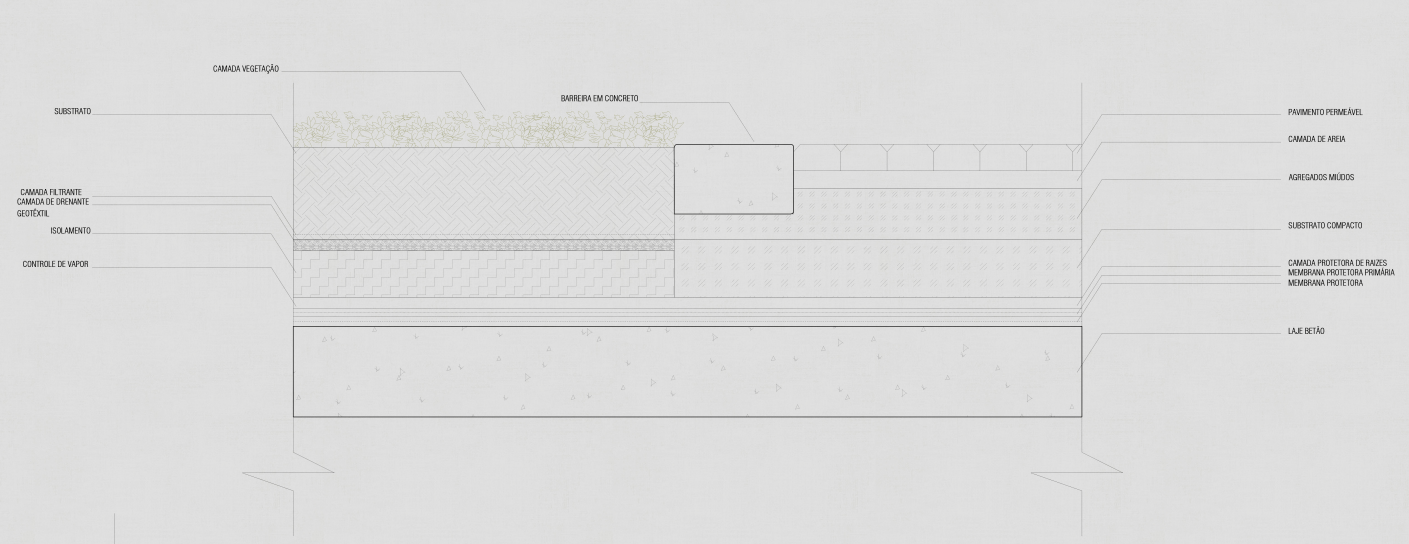


HABITAÇÃO - TIPO 02 - QUARTO



PORMENOR JARDIM VERTICAL

ESCALA: 1/10



PORMENOR JARDIM VERTICAL

ESCALA: 1/10

Orientação científica: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Aluna: Marcella Henriques da Silva

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

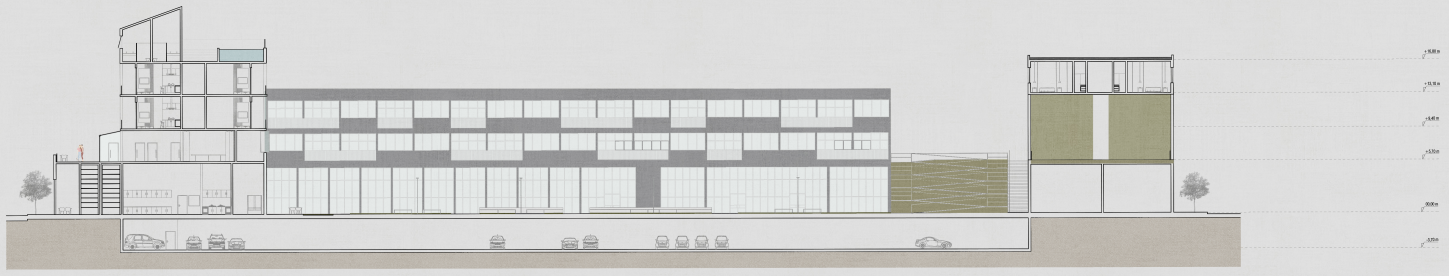
Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

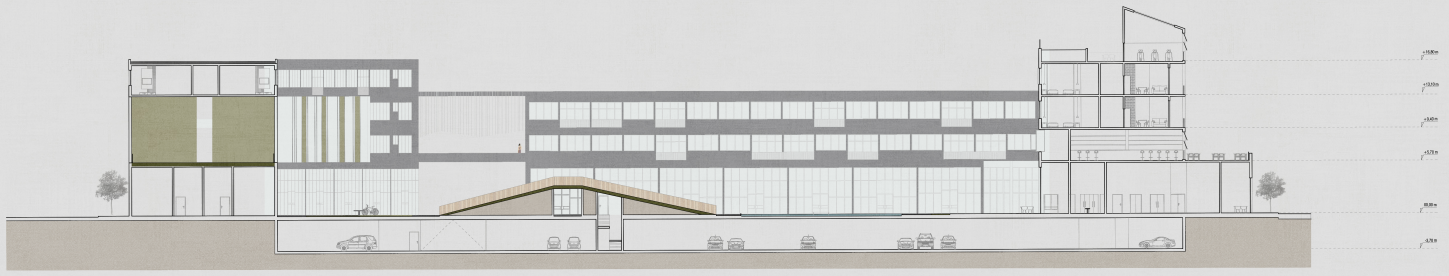
LISBOA, DEZEMBRO DE 2019



CORTE TRANSVERSAL AA
ESCALA: 1/300



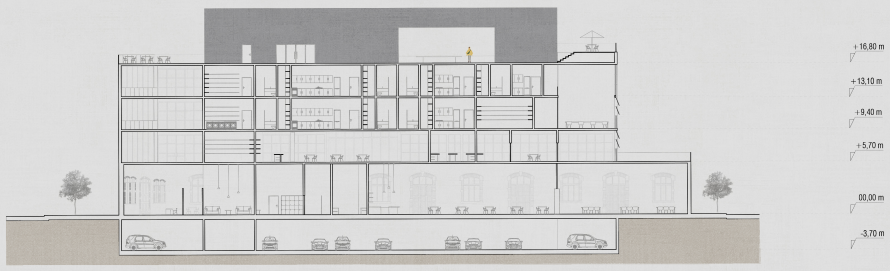
CORTE TRANSVERSAL BB
ESCALA: 1/300



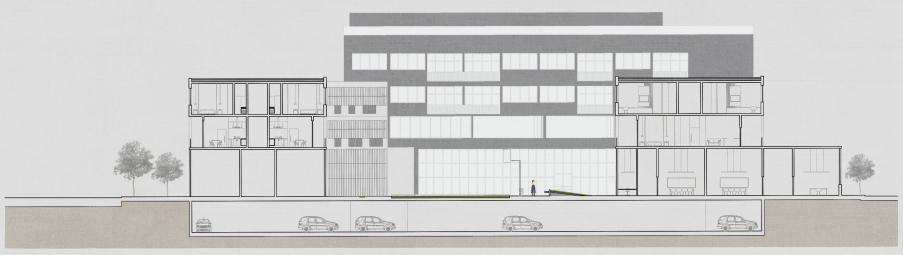
CORTE TRANSVERSAL CC
ESCALA: 1/300



CORTE TRANSVERSAL DD
ESCALA: 1/300



CORTE TRANSVERSAL EE
ESCALA: 1/300



CORTE TRANSVERSAL FF
ESCALA: 1/300



CORTE TRANSVERSAL GG
ESCALA: 1/300



CORTE TRANSVERSAL HH
ESCALA: 1/300

Orientação científica: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

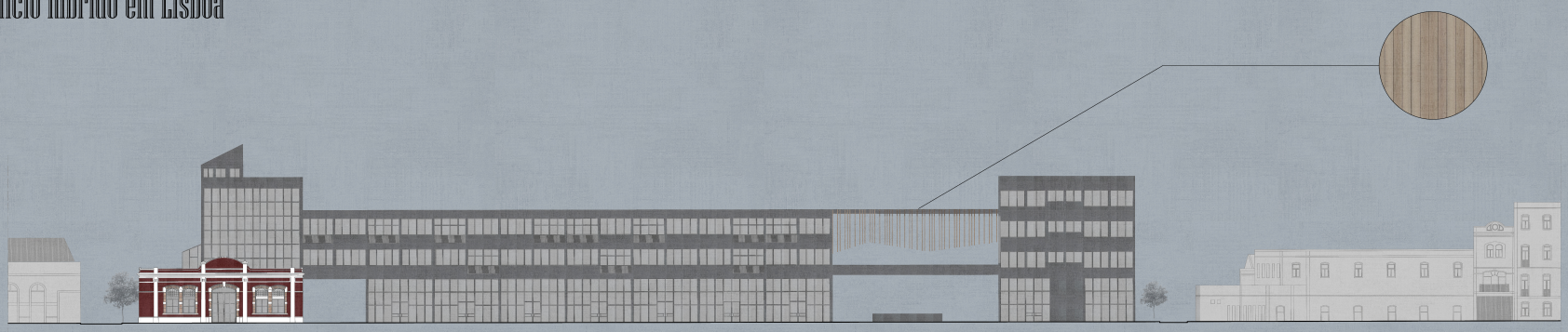
Aluna: Marcella Henriques da Silva

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

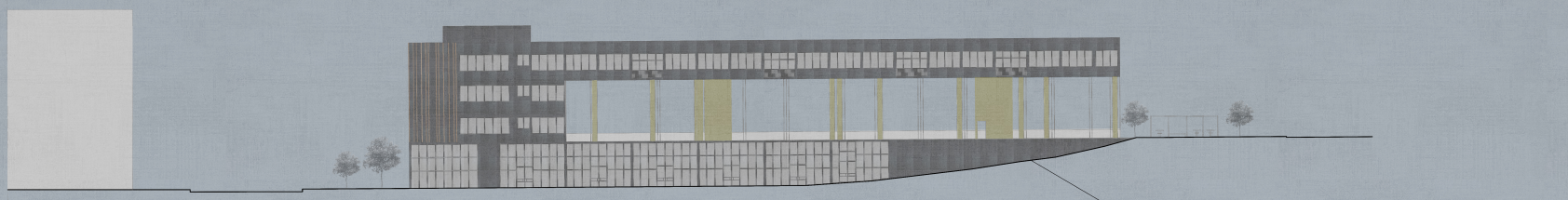
Os vazios urbanos como oportunidade de reabilitação identitária

Proposta para um edifício híbrido em Lisboa

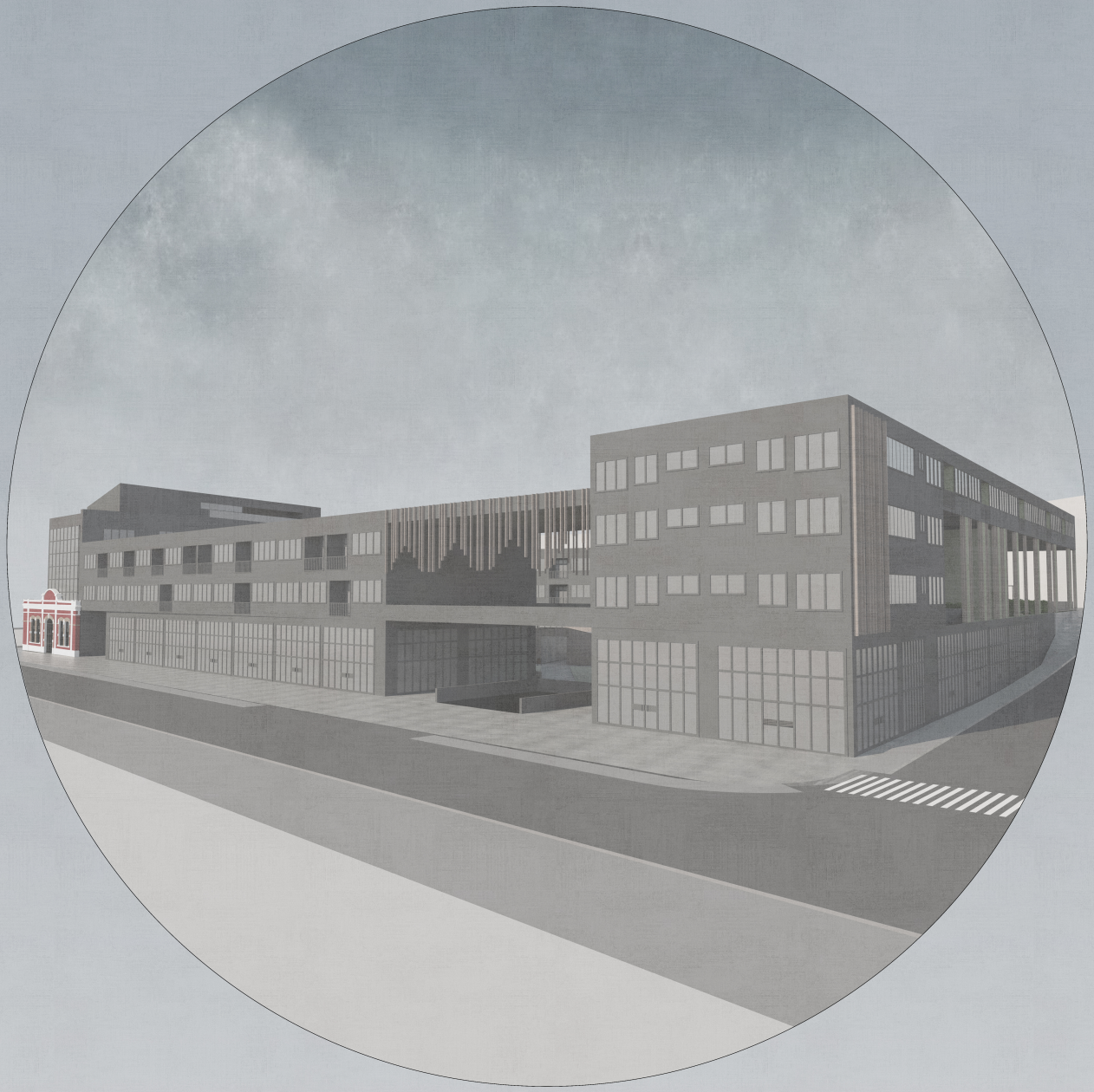
LISBOA, DEZEMBRO DE 2019



FACHADA SUL - RUA VINTE E QUATRO DE JULHO
ESCALA: 1/300

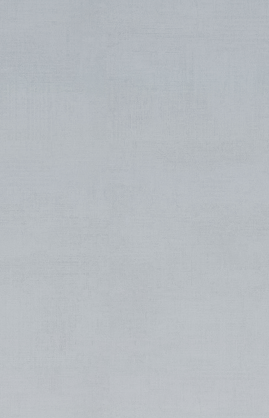


FACHADA LESTE - TRAVESSA BALUARTE
ESCALA: 1/300



FACHADA NORTE - RUA ARCO ALCÂNTARA
ESCALA: 1/300

FACHADA OESTE - RUA VIEIRA DA SILVA
ESCALA: 1/300



Orientação científica: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Aluna: Marcella Henriques da Silva

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ANEXO IV

IMAGENS MAQUETE FÍSICA

